



leituras aberrantes e seus rastros em educação

luz carlos quirino da silva

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Luiz Carlos Quirino da Silva

LEITURAS ABERRANTES E SEUS RASTROS EM EDUCAÇÃO

PORTO ALEGRE
2021

Luiz Carlos Quirino da Silva

LEITURAS ABERRANTES E SEUS RASTROS EM EDUCAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Máximo Daniel Lamela Adó.

Linha de pesquisa: Filosofias da Diferença e Educação.

PORTO ALEGRE
2021

CIP - Catalogação na Publicação

Silva, Luiz Carlos Quirino da
Leituras aberrantes e seus rastros em educação /
Luiz Carlos Quirino da Silva. -- 2021.
142 f.
Orientador: Máximo Daniel Lamela Adó.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Educação. 2. Pensamento em educação. 3. Fora. 4.
Máquina literária. 5. Leitura aberrante. I. Adó,
Máximo Daniel Lamela, orient. II. Título.

Luiz Carlos Quirino da Silva

LEITURAS ABERRANTES E SEUS RASTROS EM EDUCAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Máximo Daniel Lamela Adó.

Linha de pesquisa: Filosofias da Diferença e Educação.

Aprovada em 09 de setembro de 2021

Prof. Dr. Máximo Daniel Lamela Adó – Orientador

Prof. Dr. Samuel Edmundo Lopez Bello – PPGEDU/UFRGS

Prof^a. Dr^a. Rita Lenira de Freitas Bittencourt – PPGLET/UFRGS

Prof. Dr. Gonzalo Sebastián Aguirre – UBA/Argentina

Agradecimentos

Agradeço à orientação generosa do professor Máximo Daniel Lamela Adó, por compartilhar seus amores literários e teóricos conosco. Agradeço aos professores Samuel Edmundo Lopez Bello, Gonzalo Sebastián Aguirre e à professora Rita Lenira de Freitas Bittencourt pela disponibilidade para participar da banca, pela leitura e pelos apontamentos tão precisos e enriquecedores. Agradeço à minha família pela paciência e pela torcida, aos colegas de grupo de pesquisa pela parceria e pelas trocas durante essa trajetória. Agradeço à CAPES pela concessão do auxílio financeiro que me permitiu a imersão completa nesta pesquisa. Por fim, mas de uma importância que ainda não conseguimos medir, agradeço à professora Sandra Corazza, a eterna leitora ideal do PPGEDU.

Resumo

Esta dissertação tem como principal objetivo a problematização das relações entre pensamento e educação, bem como das condições básicas que possibilitam a produção do primeiro. Para tanto, mobiliza um referencial teórico heterogêneo, sobretudo ligado à corrente filosófica identificada como pós-estruturalista, à teoria literária e à literatura. Parte da concepção, partilhada por Blanchot, Foucault e Deleuze, de que para que o pensamento aconteça é preciso que se alcance um ponto de difícil localização e acesso a que denominaram Fora. Local onde as forças que servem de combustível ao pensar agitam-se violentamente e, por esse motivo, podem igualmente ser bastante destrutivas. Por isso o texto operacionaliza o conceito de Máquina – elaborado por Deleuze e Guattari – e propõe a construção de uma Máquina Literária como possibilidade de acesso e de mínima salvaguarda contra sua própria avaria. Afirmando o movimento fundamental – juntamente com Ricardo Piglia, Jorge Luis Borges e o próprio Deleuze – de um tipo de leitura que aplica certa torção (ou subversão), muito próxima do limite de rompimento dos textos e autores com que realiza suas próprias produções, a que chamaremos de Leitura Aberrante. Muito mais do que oferecer respostas às questões levantadas, esta dissertação se propõe ser uma espécie de guia dos muitos caminhos que se bifurcam da problemática exposta. Operando as ferramentas que apresenta e, com elas, compondo um conjunto indissociável entre forma e conteúdo.

Palavras-chave: Educação. Pensamento em Educação. Fora. Máquina Literária. Leitura Aberrante.

Abstract

This dissertation has as its main objective the problematization of the relations between thought and education, as well as the basic conditions that make possible the production of the former. To do so, it mobilizes a heterogeneous theoretical referential, mainly linked to the philosophical current identified as post-structuralist, to literary theory and to literature. It starts from the conception, shared by Blanchot, Foucault, and Deleuze, that for thought to happen, it is necessary to reach a point of difficult location and access that they called Outside. A place where the forces that serve as fuel for thinking stir violently and, for this reason, can also be quite destructive. This is why the text operationalizes the concept of the Machine - elaborated by Deleuze and Guattari - and proposes the construction of a Literary Machine as a possibility of access and minimal safeguard against its own breakdown. Affirming the fundamental movement - together with Ricardo Piglia, Jorge Luis Borges and Deleuze himself - of a type of reading that applies a certain twisting (or subversion), very close to the breaking limit of the texts and authors with which it carries out its own productions, which we will call Aberrant Reading. Much more than offering answers to the questions raised, this dissertation intends to be a kind of guide to the many paths that bifurcate from the problematic exposed. Operating the tools it presents and, with them, composing an inseparable set between form and content.

Keywords: Education. Thought in Education. Outside. Literary Machine. Aberrant Reading.

Sumário

| | |
|--|-----|
| O som do silêncio | 7 |
| Como desaparecer completamente | 11 |
| O espaçamento entre a biblioteca e a biografia | 22 |
| Sobre homens sob o sol | 29 |
| A última viagem do Professor Pícaro Pindorama..... | 41 |
| Um ruidoso veículo ao modo de Dalí..... | 45 |
| Por uma teoria das máquinas | 53 |
| A máquina literária e as comunicações aberrantes | 61 |
| Uma pequena luz no fim do túnel..... | 68 |
| Tudo é possível, nada é possível. | 73 |
| A vida oculta..... | 77 |
| Seguindo os passos de uma família fantasma..... | 82 |
| <i>Mimesis</i> sulcando o mundo | 84 |
| <i>Mimesis</i> produtora de diferença..... | 87 |
| <i>Mimesis</i> e paradigma indiciário..... | 91 |
| Quebra da quarta parede | 102 |
| Rastros desencontrados | 111 |
| O alvo deslocado | 113 |
| Entre um lugar e o entrelugar | 119 |
| Sob o olhar dos fantasmas | 120 |
| Assombros de leitura e aberrações | 122 |
| <i>Agotamiento y propagación</i> | 124 |
| O grito, o berro, o aberrante | 127 |
| <i>Post-scriptum</i> sobre leituras aberrantes em educação | 132 |
| Alguns rastros..... | 136 |



A dissertação, a seguir, pode causar vertigens e, em alguns casos, certa confusão mental. Caso você se sinta intoleravelmente desconfortável, existem alguns esclarecimentos no capítulo, intitulado *Post-scriptum* sobre leituras aberrantes em educação, que pode ser lido nas páginas finais. O que provavelmente não evitará alguma tontura.

E na luz nua eu vi/ Dez mil pessoas, talvez mais/ Pessoas falando sem dizer/ Pessoas ouvindo sem escutar/ Pessoas escrevendo canções/ Que vozes jamais compartilharam/ E ninguém ousava/ Perturbar o som do silêncio [...]¹

¹ (SIMON, 1976, tradução nossa).

O som do silêncio

PERSONAGENS

O obscuro

O calvo

O de unhas bestiais

O homem de preto

TERCEIRO ATO

Chegam três homens, andando em fila indiana, num ritmo acelerado, e param no centro do palco – ou, no caso de uma encenação ao ar livre, no centro do público. De costas para a plateia, analisam um muro muito alto, que poderia ser a fronteira de um país não identificado, não sabemos ao certo. O terreno é árido (dependendo do caso, pode haver areia no palco). Ao lado dos homens, uma árvore seca exhibe um indivíduo enforcado. Apesar de vestirem roupas desgastadas pelo uso, ainda conseguem adotar certa postura elegante. O obscuro cobre o rosto com um turbante tuaregue; o calvo veste uma blusa de gola alta e jaqueta de couro; o de unhas bestiais usa um chapéu de feltro amassado e uma bengala. A visão do muro, no entanto, parece animá-los.

O CALVO

(Olhando para cima, como se estivesse avaliando a altura da barreira) Penso que deveríamos tentar pelo menos dar uma olhadinha no que se encontra oculto além do muro.

O OBSCURO

(Olhando igualmente para cima, porém em direções variadas) Algum de vocês se lembra de quantas semanas faz que não temos um chuvisco que seja?

O DE UNHAS BESTIAIS

(Olhando para cima, protegendo os olhos com o chapéu devido ao sol) De qualquer forma, tenho a impressão de que não temos escolha. Se continuarmos aqui deste lado, por muito mais tempo, não sei quanto tempo ainda teremos.

O OBSCURO

As dificuldades, me parece, são muitas. Os riscos são muitos. A começar pela impossibilidade de alcançarmos o topo sem algum tipo de equipamento. (Pausa) Com o qual obviamente não contamos.

O DE UNHAS BESTIAIS

Concordo. A queda de uma altura tão grande representa morte certa. Também não temos nenhuma garantia de que do outro lado as coisas sejam melhores. (Pausa – analisando o muro) Mas, mesmo assim, não temos muitas opções.

O CALVO

Também partilho da opinião de que se continuarmos aqui não teremos muito tempo.

O DE UNHAS BESTIAIS

E se posicionarmos nossas orelhas aqui, coladas no muro, e mantivermos nossos ouvidos bem abertos? (Aproximando-se, encostando a cabeça no muro e ficando uns dois segundos em silêncio) Não escuto nada, mas acho que se nos esforçarmos um pouco talvez possamos escutar alguma coisa do que se passa do outro lado!

O OBSCURO

(Encostando a orelha no muro e ficando em silêncio por alguns segundos) Um momento! Tenho a impressão de que escuto algo. Não tenho muita clareza do que ouço ou se realmente ouço. (A cabeça ainda grudada na parede. Pausa) Prestando um pouco mais de atenção, parece haver um zumbido vindo do outro lado. (Pausa) Como se uma multidão cochichasse. Ou como quando aproximamos uma concha do ouvido e, em nossa cabeça, ressoa um rumor intermitente.

O CALVO

(Repetindo a ação dos outros dois) Também estou ouvindo alguma coisa. Não saberia descrever, não me parece um som conhecido, mas tampouco creio que alguém conseguiria. Como alguém poderia falar daquilo que não consegue ver e que provavelmente nem conhece? Talvez se tentasse uma aproximação, inventando aquilo que vê? Não tenho certeza.

O DE UNHAS BESTIAIS

(Escutando através do muro por mais uns segundos, voltando-se para os outros que o observam) Acho que agora estou ouvindo algo. Mas também não consigo identificar muito bem de que se trata. (Falando em direção ao Calvo) Acho que você está correto em sua observação. Eu, por exemplo, nunca vi o vazio, mas acho que se pudesse aproximar isto, que tenho dificuldade de descrever, de algo que não conheço, acho que seria do vazio. Sim! O som do outro lado me parece o som do vazio, um vazio em movimento. Apesar de nunca ter visto o vazio.

Os três homens se afastam do grande muro, parecendo pensativos. Recuam da parede, de costas para a plateia: primeiro o calvo, depois o obscuro, por fim o de unhas bestiais. Murmuram algo entre si, algo que o público não consegue escutar muito bem. Saem apressadamente, em fila indiana, da mesma maneira que entraram. Ouve-se o som de uma sineta. Cruza o palco uma bicicleta, guiada por um homem vestindo preto, de chapéu e bigodes. Fecham-se as cortinas.

A bicicleta pela lua dentro – mãe, mãe –/ ouvi dizer toda a neve/ As árvores crescem nos satélites./ Que hei-de fazer senão sonhar [...] Canta nesse espanto – meu filho – os satélites/ sonham pela lua dentro na sua bicicleta [...] Aviões passam no teu nome –/ minha mãe, minha máquina –/ mercúrio (ouvi dizer) está cheio de neve.²

² (HELDER, 2016, p.182).

Trim, trim, trim!

Como desaparecer completamente³

Brasiliano ainda não havia conseguido compor um cenário minimamente coerente a respeito do que acontecera a seu pai – nem das circunstâncias implicadas no desdobramento dos fatos. Talvez fosse exagerado de sua parte até mesmo querer falar em fatos, já que tudo se encontrava envolto numa espessa nuvem de conjecturas, o que impedia uma visão mínima, mesmo de um palmo à frente de seu nariz. A imagem do pai, que construía ao longo da vida, apesar de possuir alguns pontos um tanto obscuros, que só agora conseguia perceber melhor, em nada poderia indicar os rumos que as coisas tomariam. De maneira geral – e na medida do possível –, vivenciara uma infância normal, caso pudéssemos definir parâmetros que delimitassem a “normalidade” de uma infância ou de uma biografia. As lembranças da vida em família estavam marcadas por um sentimento feliz e amoroso, o que aumentava ainda mais sua perplexidade diante dos recentes acontecimentos.

Seu pai era tão somente um professor de história, numa pequena universidade pública, que, apesar de ter obtido algum reconhecimento na profissão, em nada se diferenciava dos outros milhares de pais enquadrados na mesma categoria. Desde sempre fora um tanto calado, é verdade, como que perdido em seus pensamentos. Aos demais familiares apresentava-se, às vezes, como uma espécie de labirinto, formado por uma cabeça dada a devaneios, onde poucos iniciados arriscavam-se a adentrar. Uma imaginação um tanto anárquica, poderíamos até dizer contraditória – alguns diziam, em tom malicioso, que vivia no mundo da lua. Definição que sua mãe assinaria embaixo.

Na opinião dos amigos e familiares mais próximos, que com ele conviviam diariamente, o professor aparentava viver numa realidade bastante peculiar – suas roupas desleixadas e a higiene pessoal relegada a segundo plano poderiam o fazer passar por algum pedinte ou sem teto. Mas apesar da aparente barreira por ele criada (conscientemente ou não), era admirado por seus colegas e alunos. Possuidor de uma inteligência afiada e de um conhecimento profundo a respeito de sua área de estudos – neste ponto, talvez seja importante, para que possamos fundamentar algum entendimento nesta narrativa, o fato de

³ “Aquele ali/ Aquele não sou eu/ Eu vou/ Aonde bem entender/ Atravesso paredes/ Flutuo pelo rio Liffey// Eu não estou aqui/ Isto não está acontecendo/ Eu não estou aqui/ Eu não estou aqui// Num momento/ Eu partirei/ O momento já passou/ Sim, já foi [...]” (GREENWOOD; GREENWOOD; O'BRIEN; SELWAY; YORKE, 2000, tradução nossa).

que dedicara a maior parte de sua vida à pesquisa sobre civilizações desaparecidas, muitas delas envoltas por lendas e polêmicas acadêmicas, transformando-se num dos maiores especialistas no tema e acumulando um devoto séquito de admiradores e discípulos.

Apesar das idiosincrasias que pontuavam alguns aspectos de sua personalidade, a maior parte do tempo era um pai presente e um marido atencioso, que tinha a preocupação de sempre preservar alguns momentos, dedicados ao acompanhamento do filho em crescimento e às tarefas domésticas. No entanto significativa parte de seus dias era empregada nas pesquisas que desenvolvia, algo que sabidamente era o motor de sua existência, proporcionando-lhe imensa satisfação. Em sua residência, possuía um amplo escritório, transformado numa espécie de refúgio – expressamente interdito, no entanto, aos demais moradores do lar. O escritório do professor encontrava-se sempre fechado à chave, e esta se achava sempre junto a ele, presa num chaveiro em formato de arco e flecha. O fato de passar longas noites trancafiado em sua misteriosa sala de trabalho aparentemente nunca incomodara a família, pois todos acreditavam, até então, tratar-se de uma ascética dedicação à carreira, dedicação esta responsável por seu sucesso profissional.

Os anos se passaram de maneira veloz. Brasileiro tornara-se adulto e constituíra sua própria família. Seu pai se aposentara das atividades acadêmicas; sem nunca deixar, entretanto, de se dedicar, todas as noites, por longas horas, ao misterioso trabalho noturno. Sua mãe viera a falecer pouco tempo depois da aposentadoria do pai, o que lhe proporcionava, ainda hoje, inúmeras preocupações. Afligia-lhe especialmente a ideia de seu pai passar os dias, de forma solitária, numa casa tão grande. Tinha receio de que algum acidente pudesse se abater sobre o idoso professor, de reflexos agora já não tão eficientes. Como um acréscimo a sua preocupação, o pai passava semanas trancafiado dentro de casa, longe dos olhares de qualquer pessoa da vizinhança e até mesmo sem realizar nenhuma chamada telefônica sequer endereçada ao filho. Características que vinhas se acentuando nos últimos tempos.

Agora, entretanto, o período de silêncio, pelo qual seu pai passava, tinha atingido uma duração inédita e muito preocupante. Transcorridos alguns meses e dezenas de tentativas fracassadas de contatá-lo, Brasileiro, que morava em outra cidade, a centenas de quilômetros de distância, resolveu pegar seu carro, deslocar-se até a casa do velho professor para tentar descortinar o motivo do silêncio, que já se prolongava muito mais do que o costumeiro. Não conseguia conter os maus pensamentos, sua cabeça estava tomada pelas piores ideias: uma pessoa idosa há tanto tempo sem fazer contato não poderia ser sinal de boa coisa.

Com o coração apertado percorreu um enorme percurso – que lhe pareceu interminável, tamanha era a ansiedade pela qual se encontrava tomado –, mas enfim chegou

ao destino de sua viagem. A cidade não havia mudado muita coisa desde que saíra de lá. Tratava-se de um local habitado majoritariamente por pessoas idosas onde boa parte já estava aposentada. As amplas casas antigas, de arquitetura já fora de moda, acentuavam a impressão de um local em que o tempo transcorria de uma maneira própria, muito mais desapressada. Ao percorrer determinadas ruas, um visitante desavisado poderia pensar se tratar de algum tipo de cidade fantasma, dado que era raro ver algum morador circulando pelas largas avenidas de paralelepípedos irregulares.

Ao fazer uma curva e ingressar na rua carregada de memórias de sua infância, Brasileiro sentiu o coração espancar seu peito, como se pudesse parar a qualquer momento, suas mãos, apoiadas ao volante, tremiam de maneira sutil, porém insistente. Um mistura de nostalgia e preocupação percorreu todo seu corpo, sentia como se não fosse conseguir continuar e seus membros houvessem adquirido autonomia, insistindo em não lhe obedecer.

Enfim, não sem um grande esforço, estacionou o veículo, em frente à velha casa da infância, agora já não tão esplendorosa como em suas lembranças. A vegetação havia crescido de maneira selvagem, impedindo uma visão mais minuciosa da moradia, os poucos detalhes que se ofereciam ao conhecimento do visitante, remetiam a um lugar abandonado: o telhado coberto por um musgo verde-escuro; alguns vidros das janelas, além de embaçados por uma poeira antiga, encontravam-se trincados; a pintura da casa, cuja cor se confundia com a do ambiente, parecia um tipo de camuflagem: algo entre o ocre, o marrom ou o verde-escuro.

Brasiliano quase não conseguiu abrir o velho portão tomado pela ferrugem e pela vegetação – não, pelo menos, sem algum esforço e após algumas tentativas. Ao entrar no pátio teve de abrir caminho em meio à pequena selva urbana. Alguém que não conhecesse o local teria enormes dificuldades de encontrar o caminho que leva à porta da frente da residência. Apesar disso (e por ter vivido toda sua infância e parte da juventude no local), o filho do professor conseguiu ultrapassar o amontoado de barreiras e encontrar a entrada da casa. A porta estava trancada e obstruída pela vegetação. Foi preciso quebrar alguns galhos para ter acesso à maçaneta.

Seu movimento seguinte foi o de acionar a campainha, que obviamente não estava funcionando – passou então a chamar pelo pai a plenos pulmões. Após alguns minutos gritando, sem sucesso, e como a situação era de emergência, decidiu que não havia outra saída além de tentar arrombar a porta. No entanto, o que nos filmes de Hollywood parecia uma tarefa simples, na vida real mostrou-se um procedimento nada fácil. Ele chutou e chutou a porta sem sucesso. Tomou alguma distância para poder correr e tentar acertar a porta com o ombro: quase o quebrou em vez da porta que continuava intacta. Teve então a ideia de fazer

uso de uma grande pedra do quintal – pesada, angulosa – para atacar a fechadura e a maçaneta. Com alguma dificuldade, devido ao peso da mesma, martelou a porta até arrancar primeiramente a maçaneta, o que não foi o suficiente; depois, até quase fazer um buraco no local da fechadura. Neste momento, como se houvesse sido derrotada, a porta se entreabriu soltando um rangido que mais pareceu um gemido ou um pedido de trégua.

O interior da residência, como era de se esperar, não se encontrava em melhores condições do que as exteriores. Qualquer observador, por menos atento que fosse, poderia deduzir que o local não recebia nenhum visitante há bastante tempo. A sala estava imersa numa bagunça generalizada, com restos de embalagens de pizza, talheres e copos espalhados por cima de todas as superfícies planas. A cozinha ajudava a compor ainda mais o cenário de caos e abandono: pilhas de pratos, panelas, copos e talheres disputavam cada milímetro da pia e do fogão. Por curiosidade, Brasileiro abriu o armário, onde provavelmente eram guardados os mantimentos, e estava vazio – a não ser pelas baratas que trataram de se esconder, constrangidas pela indiscrição do visitante. Nem é preciso dizer que os quartos estavam numa situação parecida: revirados e sem nenhum sinal da presença humana. Depois de examinar outros cômodos, que em nada se diferenciavam entre si, o único local que restava a ser explorado era a sala de trabalho proibida do velho professor. E como a situação configurava-se em emergência, era preciso deixar no passado os velhos tabus e enfrentar a porta mais bem trancada de todas apesar de possuir apenas uma fechadura interna simples.

Ao contrário da abertura de entrada da casa, esta não apresentou muita resistência; o filho do professor empregou um firme pontapé, próximo à maçaneta, e a passagem se abriu. Pela primeira vez em toda a sua existência, Brasileiro estava tendo acesso ao local que fora objeto de suas mais mirabolantes fantasias infantis. Não sem alguma decepção, logo percebeu que o escritório era realmente um simples local de trabalho e que, apesar de toda a poeira e contrariamente ao restante da residência, encontrava-se relativamente organizado, com muitos livros nas estantes e alguns sobre a ampla mesa. Além disso, sobre ela era ainda possível identificar uma caixa, onde o professor guardava muitas correspondências, um caderno de capa de couro, papéis variados, canetas e outros materiais utilizados em seu trabalho. Nenhum indício de que seu pai tivesse estado recentemente por ali – decidiu então explorar o escritório à procura de alguma pista que pudesse lhe indicar seu paradeiro.

Começou pelo espesso caderno que aparentava ter sido um dos materiais mais usados daquela mesa, dado seu acentuado desgaste: a capa opaca e – em alguns pontos de maior contato com os dedos – sulcada pelo manuseio, as folhas amareladas... As primeiras páginas

manuscritas já apresentavam algumas anotações curiosas, de algo que poderia ser tanto o início da redação de algum tipo de pesquisa quanto apenas indícios de senilidade.

As armas e os barões assinalados/ Que, da ocidental praia lusitana,/ Por mares nunca
de antes navegados/ Passaram ainda além da Taprobana,/ Em perigos e guerras esforçados,/
Mais do que prometia a força humana,/ E entre gente remota edificaram/ Novo reino, que
tanto sublimaram; [...]⁴

⁴ (CAMÕES, 2000, p.48).

14 de outubro de 1982

“Navegar é preciso [...]”⁵ Ou quem sabe seguir o exemplo das próprias ondas, que se precipitam sobre a costa, recomeçam e regressam ao oceano. “Quando se vive sob a espécie da viagem o que importa não é a viagem mas o começo”⁶ – o recomeço.

Seja sob o ponto de vista de narrativas historiográficas ou mesmo mitológicas, remontadas a tempos imemoriais, os humanos parecem ter sido impulsionados pela injunção do movimento. Uma gênese de localização imprecisa, porque vária, em que os extensos deslocamentos humanos não eram necessariamente empreendidos por água – eram, em muitos casos, realizados a pé, sobre o lombo dos animais ou em veículos por eles puxados. Desde as anônimas migrações dos povos nômades, navegar é preciso. Mas não menos importante, parece-nos, é o verso com o qual o poeta Fernando Pessoa completa seu chamamento: “[...] o que é necessário é criar”⁷.

Motivados por necessidades materiais, que em muitos momentos se confundiram com a própria sobrevivência, pelo sonho de riquezas improváveis em suas terras de origem, ou pela procura de paraísos terrestres, os humanos aparentemente sempre alimentaram a curiosidade a respeito da realidade existente, para além de suas diferentes fronteiras – daí a obstinação na procura por novos mundos, estejam eles situados na terra, no espaço ou mesmo em suas fantasias. Um empreendimento que acompanha o desenvolvimento tecnológico; limitado – e ao mesmo tempo movido – entretanto, apenas pelo alcance da imaginação de homens e mulheres. Movimento que nos parece seguir uma linha histórica (errática, porém contínua), que possui seu ponto mais remoto nas primeiras migrações dos homo sapiens, há 70 mil anos, a partir da África Oriental⁸, em sua busca por condições mais favoráveis de sobrevivência, passando pelas grandes navegações, no século XV (impulsionadas, em parte, pela possibilidade de encontro de uma espécie de paraíso edênico em algum canto desconhecido do planeta)⁹, culminando com a chegada dos humanos à lua e os desdobramentos posteriores das explorações do espaço sideral.

Navegar é preciso.

⁵ (PESSOA, 2019, p.1).

⁶ (CAMPOS, 2011, p.1).

⁷ (PESSOA, 2019, p.1).

⁸ “Nossa espécie, Homo sapiens, já estava presente no palco do mundo, mas, até então, estivera vivendo sua vidinha num canto da África. [...] Os cientistas também concordam que há cerca de 70 mil anos, sapiens da África oriental se espalharam na península Arábica e de lá rapidamente tomaram o território da Eurásia” (HARARI, 2017, p.22).

⁹ (HOLANDA, 1994).

A VIAGEM// Serei um androide? Talvez eu seja um produto/ da defasagem tecnológica/ entre Juiz de Fora e Pequim.// Na época de minha infância/ eu queria ir do Brasil à China/ a cavalo.// A viagem se realizou/ ninguém se deu conta/ nem mesmo eu¹⁰.

¹⁰ (MENDES, 2014, P.233).

25 de outubro de 1982

Deixar para trás o conforto e a segurança das paragens conhecidas e aventurar-se para além das fronteiras – desbravando paisagens antes ignoradas – pode parecer uma atividade assustadora, destinada a alguns poucos audaciosos. Realmente, talvez seja necessário certo grau de bravura e desprendimento – mas estas qualidades, no entanto, não são extraordinárias, apresentam-se antes como imprescindíveis; já que as linhas que demarcam as diferentes esferas que compõem o que poderíamos chamar, ainda que imprecisamente, de “realidade” (o sujeito, o objeto, o ficcional, a composição de uma existência) não cessam de ser cruzadas e de cruzarem-se entre si. E não poderia ser diferente, já que se trata do movimento da própria vida. Oscilação contínua entre polos de fronteiras pouco determináveis, porém de natureza eminentemente empírica – um “empirismo transcendental” ou aquilo que Gilles Deleuze também chamou de “plano de imanência”¹¹, que não remete nem a um objeto nem pertence a um sujeito, o ser imanente escapa de si mesmo no próprio movimento de sua constituição. É, acima de tudo, o movimento impessoal, numa zona pré-individual de constituição¹². Parece-nos que uma das principais implicações, do que foi dito até aqui, poderia ser resumida na seguinte sentença: toda segurança (bem como as decorrentes certezas) é sempre ilusória, e o movimento próprio da vida é a própria vida em movimento.

Talvez fosse possível o estabelecimento de um paralelismo entre as diferentes fronteiras (e da ação dos diversos corpos que as cruzam): entre o movimento de exploração dos territórios desconhecidos (tão necessários à sobrevivência dos humanos), as migrações e o nomadismo; um paralelismo entre as fronteiras físicas que demarcam o espaço geográfico e aquelas que atravessam a constituição dos sujeitos, a apreensão da realidade ou mesmo a possibilidade do pensamento.

No entanto, ao realizarmos um movimento na tentativa da concretização de tal empreendimento, torna-se indispensável o uso de ferramentas muito mais maleáveis do que aquelas que nos são fornecidas pelas ciências estabelecidas, solidificadas pelos processos (supostos progressos) históricos. Às finalidades que propomos nesta investigação, parece-nos muito mais adequada a utilização de uma “ciência” ou de um “conjunto de procedimentos” muito mais flexíveis e indeterminados, que talvez nem possam ser classificados como ciência

¹¹ “A imanência não se reporta a um Algo como unidade superior a todas as coisas, nem a um Sujeito como ato que opera a síntese das coisas: é quando a imanência não é mais imanência a nenhuma outra coisa que não seja ela mesma que se pode falar de um plano de imanência. Assim como o campo transcendental não se define pela consciência, o plano de imanência não se define por um Sujeito ou um Objeto capazes de o conter” (DELEUZE, 2002a, p.12).

¹² (AGAMBEN, 2007).

e que – apesar disso, ou por isso mesmo – foram chamados de “ciência menor” ou “ciência nômade” pelos filósofos Gilles Deleuze e Felix Guattari¹³.

Segundo eles, uma ciência nômade é constituída por quatro características principais: 1) É uma ciência dos fluidos ou uma ciência dos modelos hidráulicos¹⁴, dos fluxos – que considera a fluidez como a única realidade. Uma ciência que, no próprio movimento de perseguição de seus objetos, se põe a escapar. Ciência que vaza entre os dedos¹⁵. 2) Possui uma abordagem baseada no devir e na heterogeneidade “[...] que se opõe ao estável, ao eterno, ao idêntico, ao constante. É um paradoxo[...]”¹⁶, num movimento de diferenciação entre si mesma e aquilo que faz ver. 3) Vai “[...] da declinação curvilínea à formação das espirais e turbilhões sobre um plano inclinado [...] Da turba ao turbo: ou seja, dos bandos ou maltas de átomos às grandes organizações turbilhonares”¹⁷. Segue esse padrão turbilhonar, da distribuição das “coisas-fluxo” num espaço aberto (muitos são os que se perdem pelo caminho e não regressam). 4) Por fim – e talvez seja uma das características mais importantes de uma ciência nômade – diferentemente de uma ciência canônica, não segue um modelo teoremático, mas sim problemático¹⁸: a característica fundamental de um objeto a ser estudado são as afecções por ele sofridas ou cometidas¹⁹. As figuras daí decorrentes já não dizem respeito a uma essência, mas procuram apreender um movimento ou um acontecimento.

Parece-nos a escolha mais adequada, uma vez que estamos esboçando uma investigação que almeja acompanhar os movimentos exploratórios de territórios desconhecidos e suas variações, pelo menos algumas delas, pois são infinitas. Tentaremos seguir o movimento dos desbravadores – de mulheres e homens que se aventuraram para além das fronteiras reconhecidas do pensamento ou que exploraram a selvageria dos territórios físicos, movidos pela necessidade de sobrevivência, por uma ideia ou mesmo por um sonho. Exploração que se estabelece, acima de tudo, pelo movimento no espaço aberto, incógnito, incompreensível, da diferença irreduzível – de tudo aquilo que está do lado de Fora. Dado que este Fora nada mais é do que o lugar da possibilidade da própria vida. Uma vida que, apesar

¹³ (DELEUZE; GUATTARI, 2012c).

¹⁴ (Ibid., p.25).

¹⁵ “Deleuze aproveita-se, aqui, do fato de que *fuit* tem o duplo sentido de fuga e de vazamento. Talvez fosse melhor, para manter a ambiguidade em português, traduzir *ligne de fuit* por linha de escapamento” (CORAZZA; TADEU; ZORDAN, 2004, P. 124).

¹⁶ (Ibid., p.26).

¹⁷ (Ibid., p.26).

¹⁸ (Ibid., p.26).

¹⁹ “Não se vai do gênero a suas espécies por diferenças específicas, nem de uma essência estável às propriedades que dela decorrem por dedução, mas de um problema aos acidentes que o condicionam e o resolvem” (Ibid., p.26).

(ou acima) de tudo, precisa ser alcançada através do movimento em sua direção²⁰. Lugar constituído pela vida em sua força indomável, vida que poderia ser definida como a capacidade de resistência: “capacidade de resistir da força²¹”.

²⁰ “Creio que cavalgamos tais linhas cada vez que pensamos com suficiente vertigem ou que vivemos com bastante força” (DELEUZE apud PELBART, 2007, p.247).

²¹ (PELBART, 2007, p.247).

O espaçamento entre a biblioteca e a biografia

PERSONAGENS

Brasiliano

O homem de preto

QUINTO ATO

Brasiliano, um homem de meia idade, cabelos levemente acinzentados, larga o caderno que estava lendo, levanta-se e examina documentos distribuídos sobre a escrivaninha à qual estava sentado. Além da mesa, algumas estantes contendo livros ajudam a compor o cenário do que parece ser um escritório relativamente organizado apesar da poeira que cobre todos os objetos. A escrivaninha está posicionada de frente para a plateia, de modo que seu ocupante também possa ser visto de frente. O homem mostra-se bastante preocupado, até mesmo um pouco nervoso. Abre cadernos, examina envelopes...

BRASILIANO

(De pé em frente à escrivaninha e agora de costas para plateia) Meu pai, meu pai! Onde foste te enfiar? Tudo leva a crer que tua aparente excentricidade talvez nunca tenha sido apenas aparente.

(Ensaia uma breve movimentação, de modo a se distanciar alguns centímetros da escrivaninha e a se posicionar de perfil para a plateia) Tenho de confessar que muitas vezes suportei o constrangimento, diante de meus amigos, por causa de tua aparência de professor maluco de ficção científica. Mas nós todos pensávamos não passar de uma imagem exteriormente extravagante, até hoje pelo menos.

BRASILIANO

(Olha à sua volta, como se estivesse tentando encontrar as melhores palavras, apesar de estar sozinho, apenas pensando em voz alta) Como alguém consegue desaparecer sem deixar vestígios? Ao ler estas anotações, que deixaste espalhadas por todo o escritório, não consigo não pensar no pior. O que todos esses textos confusos querem dizer?

BRASILIANO

(Após uma pausa, ele começa a se locomover pelo espaço, examinando as estantes, agora de maneira ainda mais distraída, submerso em seus pensamentos). Parece-me que a história da tua vida, de alguma maneira, só pode ser reconstituída através do conteúdo dessas estantes – muito mais do que uma biografia, caso desejasse te conhecer verdadeiramente, o que desejo mais do que tudo, eu deveria me movimentar em direção à reconstrução da bibliografia dentro da qual uma existência dedicada às palavras está contida. Daí então quem sabe eu conseguiria te encontrar.

Brasiliano contorna a escrivaninha e volta a ocupar a velha poltrona de couro, que faz par com a mesma. Pensativo, senta-se e puxa para perto de si o gasto caderno que se encontra à sua frente. Abre-o, retomando a leitura. Escuta algo que não consegue identificar. Faz uma careta, expressando espanto, e estica o pescoço tentando escutar melhor como se a fonte do som estivesse do lado de fora da casa. À medida que o estranho barulho se aproxima, fica cada vez mais evidente. Agora já consegue escutar com clareza o som de uma sineta... Cruza o palco uma bicicleta, guiada por um homem vestindo preto, de chapéu e bigodes. Fecham-se as cortinas.

12 de novembro de 1982

Mas seguir é um imperativo irrenunciável. Então nos resta apenas avançar até que quem sabe nós mesmos já tenhamos cruzado algumas linhas. Antes, porém, talvez fosse importante reconstituirmos, mesmo que de forma um tanto breve, os passos de alguns dos principais exploradores disto que ainda não conseguimos definir de uma maneira muito precisa, mas que passamos a chamar de Fora.

Aparentemente o Fora é um espaço constituinte de diferentes esferas da existência humana, a despeito de sua possibilidade residir ali, onde justamente cintila sua impossibilidade, onde sua própria destruição está sempre à espreita.

Maurice Blanchot (1907-2003), por exemplo, ao tentar traçar algumas coordenadas a respeito do Fora e sua relação com a linguagem, dirá que esta, em sua forma literária, possui uma realidade própria – como habilmente nos aponta Tatiana Salem Levy²², ao fazer um mapeamento da questão de que estamos tratando, sob a ótica do autor. Segundo ela, para Blanchot, a palavra literária revelaria o que de mais essencial existe na linguagem. As palavras, em seu uso corriqueiro, seriam uma espécie de ferramenta destinada a fins práticos: através delas compramos pão, conseguimos não embarcar no ônibus errado, lemos as instruções de uso de um medicamento... Entretanto não podemos entender a linguagem cotidiana como algo banal; pois, para Blanchot, o cotidiano não se deixa captar tão facilmente, “[...] pertence à insignificância, e o insignificante é sem verdade, sem realidade, sem segredo, mas é talvez também o lugar de toda significação possível [...] o familiar que se descobre (mas já se dissipa) sob a espécie do extraordinário”.²³ As palavras submetidas a um uso literário, por outro lado, perderiam seu caráter de meros instrumentos. A linguagem, nesse caso, deixaria de partir do mundo para constituir sua própria realidade, adquirindo, assim, um caráter autônomo.

Ao se metamorfosear em forma literária, a linguagem revelaria algo que Maurice Blanchot sugeriu ser sua essência – a possibilidade de criar um universo próprio, já não submetido a nenhuma finalidade além daquelas concernentes à literatura. Nesse sentido, talvez pudéssemos ~~deserever~~ des-inscrever a linguagem como um mecanismo que já não funcionaria mais a partir de suas conexões com os elementos do mundo, mas que agora passaria a produzir os seus próprios objetos²⁴. A linguagem deixaria de ser uma espécie de

²² (LEVY, 2011).

²³ (BLANCHOT, 2007, p.237).

²⁴ (Ibid.).

espelho para se transformar num tipo de maquinaria produtora de realidades sempre inéditas. Tal experiência, possibilitada pela literatura, consistiria na transmutação da linguagem, como expressão daquilo de que já sabíamos, em produção de experiências e sentimentos daquilo que desconhecíamos. A palavra literária seria, desse modo, a transformação da própria linguagem e da experiência em algo sempre inédito, portador de uma realidade própria.

Mas justamente nessa potência – contida na linguagem em sua forma literária – residiria sua maior impotência, um princípio essencial, que diria respeito à linguagem como um todo, uma espécie de vazio assentado em sua impossibilidade de dizer. Uma espécie de maldição, que faz com que a linguagem literária destrua continuamente aquilo de que tenta falar, ou pelo menos o transforme em algo completamente diferente. Como o autor em questão nos lembra: “As palavras, como sabemos, têm o poder de fazer desaparecer as coisas, de as fazer aparecer enquanto desaparecidas”²⁵. A literatura (e a arte em geral) se encontraria indelevelmente implicada nesse movimento em direção a algo da ordem do impossível, do inapreensível e quase sempre inalcançável.

Toda literatura talvez esteja antecipadamente destinada ao fracasso, porque sua possibilidade conjuga o risco iminente de seu próprio aniquilamento. Sua possibilidade situa-se num limite, tão mais extremo quanto mais tênue. Ao falar do embate (muito mais um autoembate) travado pelas narrativas, na tentativa de contenção de sua própria destruição, elemento constituinte de sua possibilidade, Blanchot²⁶ nos apresenta uma bonita descrição, em forma de fábula, do canto das sereias, que ilustra aquilo contra o que as narrativas deverão conseguir sobreviver.

Segundo o relato por ele apresentado, o canto das sereias não se ofereceria como um verdadeiro canto, canto total, canto satisfatório. Ele carregaria consigo certa falta, mas também uma espécie de promessa: a promessa de que em algum outro lugar haveria de ser encontrado em sua totalidade – um local incerto, onde estaria à espera, conservando seu prazer e felicidade plenos. Por isso não se poderia falar num engano por parte dos navegadores por ele atraídos, já que o próprio canto não se furtaria de revelar sua incompletude, porém assumindo igualmente o compromisso de condução ao lugar onde o verdadeiro canto se encontraria. Mas que lugar seria esse? Segundo Blanchot, o lugar onde tudo estaria destinado a desaparecer, onde – por se tratar de seu lugar de origem – inclusive o próprio canto já haveria esvanecido. Lugar no qual nada ou ninguém conseguiria escapar ao naufrágio. Um lugar de tamanha brutalidade em que mesmo as sereias já teriam desaparecido.

²⁵ (BLANCHOT, 2011, p.37).

²⁶ (BLANCHOT, 2005).

Mas como poderíamos então explicar a atração irresistível exercida pelo canto das sereias? Poderia ser explicada pela natureza da melodia que atraía os navegadores? Algumas versões dizem que seu canto carregaria consigo algo de inumano, de misterioso, daí seu caráter irresistível. O mais provável é que ele não fosse algo inumano, mas sim algo à margem do homem, em suas fronteiras. A promessa de um prazer extremo, irrealizável em condições normais, dentro das fronteiras da humanidade. Mas o mais curioso consistiria no fato de que alguns sobreviventes – que com ele tiveram contato – afirmariam que a música entoada pelas sereias não passaria de uma imitação do canto humano e que sua beleza, apesar de carrear uma parcela de animalidade, também não apresentaria nada além de uma fascinante similitude com a beleza feminina. Seu segredo estaria contido na transformação de um canto banal em algo extraordinário (que desfiguraria o ordinário), suscitando naquele que com ele travasse contato a suspeita de que nele mesmo haveria algo de inumano. Grande ironia! No fim das contas, os navegadores teriam sido atraídos por um canto ordinário – muito semelhante aos seus próprios –, por uma potência desconhecida que pode ser confundida com o canto mais corriqueiro, com seu limite pouco determinado e quase sempre mortal.

Talvez seja necessário insistirmos no fato de que não se trata de algum tipo de cisão entre o canto real (corriqueiro) e o canto fabuloso das sereias – tampouco de um engano, do canto ardiloso das sereias ou de uma atitude incauta por parte dos navegantes – a palavra em sua forma literária habita este espaço mesmo, um entrelugar irreduzível: o Fora. Como na busca, descrita por Blanchot²⁷, do capitão Ahab pela baleia branca Moby Dick, no livro de mesmo nome – que em muitos pontos converge e reafirma a relação estabelecida entre os navegadores e as sereias. Segundo o autor, o próprio acontecimento contido no ato da escrita do livro de Herman Melville (1819–1891) incorreria numa tripla convergência. Um encontro de caráter desmesurado expresso na confluência entre Ahab, Moby Dick e Melville. Um encontro tão grandioso que transbordaria qualquer tentativa de classificação ou de acomodação em algum tempo ou espaço – “[...] e parece ter acontecido antes mesmo que o livro começasse, mas também de tal natureza que só pode acontecer uma única vez, no futuro da obra e naquele mar que será a obra transformada num oceano à sua medida”²⁸. Uma espécie de tragédia a que Blanchot classificou como metafísica, pois cada um dos envolvidos nessa relação luta obstinadamente por sua existência. Cada uma das personagens almejaria uma existência absoluta; esta, no entanto, colidiria com a existência dos demais seres, que disputam o mesmo estatuto. Apesar de tudo isso, cada um deles deseja tal existência

²⁷ (BLANCHOT, 2005).

²⁸ (Ibid., p.10).

absoluta e a possibilidade de um encontro, de uma coexistência. Esse movimento é o de produção de uma zona de indistinção ou de indiscernibilidade (como a pensada por Gilles Deleuze²⁹), uma violenta aliança que vai de encontro à própria natureza das partes envolvidas. Nesse caso, entrando num movimento de devir – “Ahab não imita a baleia, ele torna-se Moby Dick, entra numa zona de vizinhança onde já não pode distinguir-se de Moby Dick e golpeia-se a si mesmo ao golpeá-la.”³⁰. As mãos de Melville tornam-se rubras pelo sangue da baleia que também é o de Ahab e o seu próprio.

A possibilidade da literatura (e da arte como um todo) residiria justamente numa extraordinária contradição – a construção de uma realidade própria, por parte da ficção, passaria pela negação do real que a constitui. O mundo “irreal” por ela arquitetado possuiria seus alicerces numa relação com real de caráter negativo. Como sugere Levy³¹, a condição primeira da transformação da palavra corriqueira em palavra literária – a revelação de seu ser através dela – estaria contida em seu reflexo do não ser do mundo. A linguagem literária seguiria o movimento em direção a seu próprio desaparecimento, ou de tentativa de revelação deste desaparecimento. Percurso quase sempre destinado ao fracasso, mas que em algumas raras ocasiões conseguiria obter algum êxito. Para Blanchot³², existiria um ponto, de difícil acesso, onde a linguagem literária conseguiria exprimir sua realização e, ao mesmo tempo, seu desaparecimento: este ponto estaria situado na linguagem poética. E, segundo ele, ninguém teria expressado de maneira tão extraordinária essa relativa impossibilidade do que Mallarmé – “Esse ponto é aquele em que a realização da linguagem coincide com seu desaparecimento [...] tudo é fala, mas em que a fala já não é mais do que a aparência do que desapareceu, é o imaginário, o incessante e o interminável.”³³.

O Fora, espaço do qual estamos tentando traçar algumas linhas gerais, seria então justamente este lugar onde a literatura constrói sua morada, lugar de sua possibilidade, por ela mesma arquitetado, pois a palavra literária é o próprio Fora.³⁴ Um espaço dos movimentos incessantes e impossíveis, um espaço aberto, de circulação de forças em toda sua violência de gênese. “Não um espaço, mas a ‘vertigem do espaçamento.’”³⁵ Lugar ou entrelugar, a liminaridade das forças criadoras e da circulação de suas criaturas.

²⁹ (DELEUZE, 2011, p.102).

³⁰ (Ibid., p.103).

³¹ (LEVY, 2011).

³² (BLANCHOT, 2011).

³³ (Ibid., p.38).

³⁴ (LEVY, 2011).

³⁵ (BLANCHOT apud PELBART, 1989, p.121).

Depois das queimadas as chuvas/ Fazem as plantas vir à tona/ Labaredas vegetais e vulcânicas/ Verdes como o fogo/ [...] E se quiséssemos queimar animais de grande porte/ Eles não regressariam. Mas a morte/ Das plantas é sua infância/ Nova [...]³⁶

³⁶ (FARIA, 2016, p. 9).

Sobre homens sob o sol

Brasiliano foi tomado por uma sonolência irresistível, suas pálpebras pareciam-lhe pesar algumas toneladas, mantê-las abertas transformou-se numa tarefa impraticável. Não demorou muito, viu-se compelido a repousar o rosto sobre o caderno que estava lendo, ainda aberto. As pequenas letras, em preto – contrastando com a página que um dia fora branca, mas que agora havia adquirido uma cor terrosa –, lembravam pequenas formiguinhas prestes a transformar seu rosto num formigueiro. Por um breve momento, realmente pensou tê-las visto se movendo. Então adormeceu. Sonhou com três homens desconhecidos, cujas circunstâncias pareciam indicar que estavam perdidos.

Três indivíduos percorrem um terreno semidesertificado que em diversos pontos lembra uma caatinga. Seus trajes são nitidamente inadequados ao ambiente que têm de enfrentar. Um deles é careca e veste uma jaqueta de couro; o segundo, um paletó completo, com direito a colete e tudo o mais, envolvendo seu rosto um turbante; o terceiro usa roupas um pouco mais leves, chapéu e bengala. Apesar de apresentarem certa elegância na maneira de se vestir e de se portar, não se pode deixar de notar o estado lastimável de suas roupas, verdadeiros farrapos – o que pode ser um indício do tempo que estão caminhando. Alguns urubus os sobrevoam; parecem acompanhar a peregrinação do trio, dado que nem mesmo outros animais, sejam eles vivos ou mortos, podem ser avistados pelo caminho como seria de se esperar num lugar como esse.

Ao longe algumas nuvens escuras podem ser notadas, delas são lançados raios, que cortam os céus, acompanhados por uma série de estrondos, num intervalo geométrico de tempo. Cabum! Cabumca! Dum!... Cabum! Cabumca! Dum!... Cabum! Cabumca! Dum!...

Visão que poderia ser amedrontadora, mas que parece animá-los. Uma ventania começa a varrer ainda mais o ambiente que já não possui muitos elementos, além da terra e das pedras; terra que, aliás, a partir desse momento, parece entrar num estado revoltoso, como o de um guerreiro shaolin, nos filmes de ação, a rodopiar, munido de sua espada, ao ver-se cercado por um grupo de inimigos. Um redemoinho que se eleva até o céu, envolvendo tudo numa bruma avermelhada.

O som dos trovões aproxima-se gradativamente, acompanhado pelo clarão dos raios e pela furiosa ventania. Não existe nenhum lugar onde os três homens possam se abrigar da iminente tormenta. Seus olhos enchem-se de terra no mesmo instante em que a tempestade os alcança. É como se eles pudessem, a qualquer momento, ser levados pela ventania. Os três se

abraçam e se abaixam, formando uma pequena massa humana, numa tentativa de soma do peso de todos – como forma de proteção contra o voo coletivo, quem sabe. Alguns pequenos fragmentos sólidos começam a atingi-los. Para o desespero dos desabrigados, tais fragmentos parecem estar aumentando de tamanho e começam a machucá-los.

Como que para aumentar ainda mais a perplexidade dos envolvidos, um dos urubus, que vinha os acompanhando há bastante tempo, despenca morto muito próximo a eles. O sujeito calvo olha para o lado e mais uma vez não acredita em seus próprios olhos: os objetos sólidos que estavam caindo da nuvem negra da tempestade eram livros. Primeiramente pequenos; no entanto, foram gradativamente aumentando de tamanho. Para a sorte (relativa sorte) do grupo, a precipitação era esparsa e até o momento não haviam sido atingidos por nenhum dos livros mais volumosos.

Contudo o vento continuava violento e começava a despedaçar os livros, que rodopiavam pelo céu entre as pesadas nuvens. Disputando espaço com o barulho ensurdecedor dos trovões explodindo acima de todos, puderam perceber, apesar de todo o caos, um som distinto. Parecia ser a sineta de uma bicicleta. Aguçando a audição conseguiram confirmar a aparição sonora que ajudava a compor o cenário incomum. Mais ainda: puderam perceber, em meio ao voo dos livros, que agora eram apenas folhas soltas e revoltadas, um homem vestindo preto, de chapéu e bigodes, pedalando uma bicicleta enquanto tentava segurar seu chapéu.

Não demorou muito até que não conseguissem ver mais nada além de um emaranhado de folhas cobertas por palavras em redemoinho um redemoinho de folhas soltas que em seguida se metamorfoseou num turbilhão de frases soltas no ar até que também as palavras e em seguida as letras (ou eram formigas?) se libertaram numa violência sem sentido e rodopiaram rodopiaram...

05 de dezembro de 1982

Não poderíamos tentar elaborar um percurso possível, à procura disso que estamos chamando de Fora, sem passarmos pelos escritos de Michel Foucault (1926–1984) sobre o tema. Embora seja um assunto que perpassa alguns de seus textos, o autor o abordará mais detidamente, sobretudo, num deles, intitulado *O pensamento do exterior*³⁷. Trata-se de um diálogo direto com as obras de Maurice Blanchot. Nele o autor se questionará acerca da problemática posição do “eu” no interior do discurso, especialmente na linguagem literária, que o libertaria da armadilha contida na “pessoalidade” do sujeito falante – ou pelo menos colocaria sua posição confortável à prova. Posição reflexiva e frágil, amparada no cogito cartesiano (representada pelo eu penso), que seria solapada no momento mesmo em que é pronunciada ou escrita na forma de “eu falo”, expressão paradoxal, uma vez que “[...] o *eu* que pronuncia não é um *eu* idêntico a si, pois é um *eu* que não representa um sujeito, que não se refere a si mesmo”³⁸.

Aqui, mais uma vez, este espaço agorafóbico (a que seria levada a linguagem em sua forma literária) expressaria certo traço essencial que, no limite, constituiria o cerne de toda a linguagem – onde o “eu falo” então nos lançaria em um espaço vazio. Uma abertura e um deslocamento irrestrito da linguagem, rumo a sua expansão contínua e ao estilhaçamento do “eu falante”, até seu completo desaparecimento nesse lugar aberto e vazio. Neste sentido, existiria certa convergência entre as afirmações de Foucault e de Blanchot, porquanto ambos nos apresentariam a linguagem literária como algo despido de fins práticos – ela já não serviria aos propósitos de comunicação de um sentido, mas sim ao de exposição da própria linguagem em sua irrenunciável especificidade, ou seja, em sua absoluta exterioridade onde o sujeito falante já não estaria na posição de responsável pelo discurso. Incrível inversão quanto à verdade e sua relação com o eu em sua concepção moderna. Os enunciados já não fariam referência a uma afinidade entre cogito e evidência do ser, mas constituiriam justamente o movimento oposto, no sentido de sua abertura, forçando o pensamento a interrogar-se sobre si mesmo e a mover-se em direção a seu único espaço de possibilidades: o Fora³⁹.

A literatura moderna, em especial, representaria tal movimento orientado à revelação da exterioridade da linguagem literária, da linguagem que dissolve o ser do discurso e escapa às armadilhas da representação. O discurso literário se desenvolveria, numa esfera autônoma,

³⁷ (FOUCAULT, 2006a).

³⁸ (LEVY, 2011, p.57).

³⁹ (RIBEIRO, 2011).

a partir de si mesmo. “A literatura [...] é a linguagem se colocando o mais longe possível dela mesma [...] fora de si [...] a nudez do eu falo.”⁴⁰ Como se em algum lugar indefinido, presente em toda linguagem (que se oculta ao se mostrar), estivesse abrigado um grande segredo – a dimensão assombrosamente aleatória de onde ela emergiria, este caráter contingente, que possuiria a perturbadora face de um vazio, que seria ao mesmo tempo sua condição e o risco de sua anulação.

Para Foucault, a exterioridade da linguagem, em sua conformação literária (o seu Fora), seria a possibilidade de uma espécie de fala e conseqüentemente de pensamento exterior a toda subjetividade. Daí a afirmação foucaultiana de um eu falo bastante distinto de um eu penso. Enquanto certa tradição filosófica professa que o movimento do pensamento sobre si mesmo nos conduziria em direção à interioridade, a fala da fala nos moveria em direção à literatura, num caminho rumo ao exterior, onde o sujeito falante desvanece. Onde desvanece igualmente a possibilidade da afirmação do eu sou.

Por essa razão, a relação entre linguagem e identidade se mostra problemática. “O ser da linguagem só apareceria para si mesmo com o desaparecimento do sujeito.”⁴¹ E este seria o movimento da literatura em direção a seu exterior, para fora de si mesma. A interioridade de um pensamento (e seu deslocamento ao exterior) que é ao mesmo tempo o ser e a palavra⁴². Pensamento-palavra conduzido até seu limite, nas cercanias de um precipício ou deserto – em direção a um vazio ao qual não pode renunciar –, a negação daquilo mesmo que ele afirma. O exterior que uma vez alcançado carregaria consigo a promessa da expansão da linguagem infinitamente.

A partir de então, toda linguagem transformada em literatura – e que possuiria a prerrogativa de criar ficções – seria a portadora de uma exigência, constituinte de si mesma: a de não mais fazer multiplicarem-se as imagens, expressão de um poder inaudito; mas de fazer agir a potência capaz de aliviar a carga que sobrecarrega as imagens até então criadas, adicionando-lhes leveza, estilhaçando-as e as dispersando numa constelação que se expande rumo ao ainda impensado. Quem sabe seguindo o caminho sugerido por Ítalo Calvino ao falar sobre a leveza e a literatura: “Cada vez que o reino humano me parece condenado ao peso, digo a mim mesmo à maneira de Perseu eu devia voar para outro espaço [...] Quero dizer que

⁴⁰ (FOUCAULT, 2006a, p.221).

⁴¹ (Ibid., p. 222).

⁴² (Ibid.).

preciso mudar o ponto de observação, que preciso considerar o mundo sob uma outra ótica, outra lógica [...]”⁴³.

Foucault nos sugere ainda que, se existe um lugar (ou um espaço) onde nascem as imagens que compõem isto a que chamamos de ficção, tal nascimento não parte nem das coisas do mundo nem dos homens, mas de um entrelugar, de suas cercanias, do lugar pouco demarcável entre ambos, “na impossível verossimilhança do que está entre eles”.⁴⁴ A tarefa da ficção, de alguma maneira, consistiria muito menos em lançar alguma luz sobre o invisível do que apontar para a invisibilidade do visível – para o caráter invisível de sua própria invisibilidade. Produzir um discurso que, nesse movimento, já não se voltasse para sua suposta interioridade, mas sim para aquilo que constituiria seu ser, produziria um pensamento em direção ao exterior. Um percurso que segue por entre o espaço vazio das palavras (entre elas e as coisas), mas que nunca alcança o que constituiria o ser do próprio exterior, já que este seria inapreensível, indizível.

Ao desaparecer, o sujeito do discurso daria lugar ao que Foucault chamou de ser da linguagem⁴⁵. Com a sugestão do desaparecimento do homem, em *As palavras e as coisas*⁴⁶, o filósofo reafirma que a linguagem, voltada para si mesma, experimentaria a possibilidade de se desdobrar sobre seu próprio ser. Já não haveria um sujeito falante, apenas a linguagem, apenas as palavras em sua forma literária, potencializadas pela literatura. Foucault aproxima-se, em alguns pontos, da ideia, de Roland Barthes, da morte do autor – que afirma que o ato de escrever consistiria na “destruição de toda voz, de toda origem”⁴⁷, seria o movimento que faz fugir o sujeito e a identidade. Segundo ele, a possibilidade da escritura passaria pelo acesso a este lugar por ele chamado de “neutro”, lugar onde toda origem se perderia, onde o próprio autor se perderia. E, através da impessoalidade, atingida pelo deslocamento em direção ao neutro, a própria linguagem agora é quem falaria⁴⁸.

Nesse momento a interioridade seria puxada para fora de si e, no lugar por ela antes ocupado, restaria apenas um vazio cavado pela própria exterioridade, lugar para o qual já não existiria nenhuma possibilidade de retorno. O resultado se materializaria (melhor seria talvez dizer se desmaterializaria) num “anonimato informe”⁴⁹, e já não mais seria possível a constituição de uma identidade unitária. Esse espaço para onde a linguagem se destinaria, em

⁴³ (CALVINO, 2002, p. 13).

⁴⁴ (FOUCAULT, 2006a, p. 225).

⁴⁵ (LEVY, 2011, p.66).

⁴⁶ (FOUCAULT, 1985).

⁴⁷ (BARTHES, 2012, p.57).

⁴⁸ (Ibid., 2012)

⁴⁹ (FOUCAULT, 2006a).

forma de jorro, num fluxo contínuo, constituiria a realização da experiência do exterior. Um espaço neutro onde nenhuma existência poderia se enraizar, já que seria uma zona composta por fluxos violentos – onde “a linguagem não é nem a verdade nem o tempo, nem a eternidade nem o homem, mas a forma sempre desfeita do exterior”⁵⁰. O Fora (ou a exterioridade, como chamou Foucault) consistiria numa espécie de deserto no qual a linguagem correria o risco de se perder, mas ao qual igualmente ela estaria impedida de renunciar, dado que ele faria parte de sua composição. De alguma forma, tal deserto também implicaria a possibilidade do pensamento e a constituição dos sujeitos, sem qualquer perspectiva de unificação, até o infinito.

Brasiliano já começava a mostrar sinais de impaciência quanto à leitura do caderno; uma vez que os textos, ali contidos, não lhe pareciam fazer muito sentido, até o momento, e, pior ainda, não revelavam pista alguma sobre onde seu pai poderia ter se metido. Então resolveu começar a ler uma das cartas, sobre a mesa, na esperança de nela encontrar algo mais animador. Pegou um envelope aleatoriamente, provavelmente o que estava mais diretamente ao alcance de suas mãos, cuja cor parda contrastava com o colorido do selo que reproduzia a imagem de uma ave bastante exótica. O remetente, escrito numa caligrafia tortuosa, estava em nome de um tal Campos de Carvalho.

Alto da Gávea, 01 de abril de 1974.

Caro, professor

Tenho apenas de lhe agradecer (envaidecido) pela confiança em mim depositada e reafirmar minha total discrição quanto aos detalhes de sua atual pesquisa que me foram revelados. Estou igualmente muito feliz por fazer parte deste seleto grupo (pois sei que poucos têm conhecimento do que está sendo realizado) que está se articulando para que o cronograma possa ser cumprido dentro do combinado. Seu relato me deixou bastante animado; até porque quando os resultados forem trazidos ao conhecimento público ajudarão a esclarecer um dos últimos grandes mistérios do ocidente. E não estou exagerando. Como relatei em nossas conversas anteriores, tenho acompanhado com entusiasmo seu consistente trabalho dedicado a lançar luz sobre tais terras, cuja existência muitos julgam um tanto

⁵⁰ (FOUCAULT, 2006a, p.241–242).

duvidosa. Talvez esta seja a sina dos visionários: a de serem considerados excêntricos. Mas o tempo acaba sempre colocando as coisas em seus devidos lugares, e a verdade sempre vem à tona uma hora ou outra.

Devo confessar que, bastante influenciado por seus trabalhos, tenho passado por situação muito parecida, dado que também estou em meio aos preparativos de uma expedição visando à investigação da existência de um país mitológico – neste caso a Bulgária⁵¹. Terra que ganhou alguma materialidade após minha visita ao Museu Geográfico da Filadélfia onde pude ver exposto, com meus próprios olhos, o que me garantiram ser um autêntico púcaro búlgaro. Acredite se quiser! Tais circunstâncias me levam a deduzir que, se o púcaro realmente for búlgaro, talvez a Bulgária também possa ser real. Meu arrebatamento pela busca da verdade é tamanho que já tenho planos para outras expedições à procura de lugares – sobre cuja existência ainda pairam dúvidas – como Atlântida, Canadá ou a Terra Média. Sei que o senhor é um homem ocupado, mas, caso haja interesse de sua parte, ficaríamos muito felizes (eu e meus companheiros) em poder contar com sua ilustre presença em nossa equipe, que já está sendo formada. Inclusive coloquei um anúncio no jornal (estrategicamente na página de necrológicos por ser a mais lida) procurando por voluntários.

Preciso admitir que – apesar de minha descrença na existência de sujeitos munidos de verdadeiro espírito científico, o que se confunde com uma inclinação à bravura – os candidatos realmente apareceram, alguns muito qualificados. O principal deles, um homem bastante distinto, que ganha a vida como professor de bulgarologia, chamado Radamés Stepanovicinsky, de Quixeramobim, Ceará; creio que o senhor talvez até já tenha ouvido falar nesse nome. Outro interessado na expedição foi um sujeito chamado Pernacchio que, em consequência dos efeitos ligados ao fato de ter morado muitos anos ao lado da Torre de Pisa, acabou ficando um pouco inclinado para o lado esquerdo. Coitado! Mas é um valoroso rapaz e será da maior utilidade em nossa viagem. Também apareceu outro indivíduo muito peculiar que afirma se chamar Ivo que Viu a Uva – este o senhor deve conhecer, pelo menos de nome – e que diz, inclusive me provou com documentos acima de qualquer suspeita, ser descendente do sábio hindu inventor do zero; por este motivo, ele e sua família ganham a vida através dos *royalties* advindos do uso do numeral até o fim de seus dias. Além desses, apareceram ainda: um marinheiro fenício cujo nome desconheço, pois se recusou a revelá-lo, e um outro sujeito chamado expedito, que com este nome, convenhamos, não poderia ficar de fora da expedição. Ainda tratei por telefone com um tipo que se disse algebrista (nem sabia da

⁵¹ (CARVALHO, 1964).

existência de tal profissão) e se mostrou bastante interessado na viagem. No entanto tive de dispensá-lo ao ficar sabendo de suas segundas intenções quanto à excursão: ele revelou que desejava mudar de profissão e de ares, por isso um de seus interesses na Bulgária, caso realmente existisse tal país, era o de abrir uma fábrica de acentos circunflexos, obviamente contando com a sorte de que a língua búlgara ainda não os possuísse. Um pequeno contratempo que não chegou a afetar nosso otimismo em relação ao que está por vir.

A partir desses preciosos encontros que lhe relato, o senhor pode ter uma ideia da grande equipe que consegui montar. Então reitero o convite: seria uma grande honra poder contar com sua participação caso haja algum espaço em sua ocupada agenda. De qualquer maneira, continuarei o mantendo informado sobre a evolução de nossa empreitada. Acima de tudo, espero que possamos manter esta correspondência tão enriquecedora às minhas próprias pesquisas, que em muitos pontos convergem com as suas. Mas não quero me estender muito mais do que já acabei me estendendo, então fico por aqui e lhe desejo ainda mais sucesso em suas investigações.

Sr. Hilário

* * *

Tudo parecia desconexo. Brasileiro ainda não conseguia juntar os pontos corretamente. Essa enigmática carta provavelmente carregava alguma pista; ele apenas não conseguia perceber de que tipo se tratava. Ela mencionava uma expedição programada por seu pai. A carta, entretanto, era antiga, e a viagem talvez já tivesse acontecido – um pequeno indício de algo indefinido e que não deveria ser descartado com tanta rapidez. Ele se sentia como uma espécie de caçador inexperiente, largado numa floresta pela primeira vez, que deveria seguir os animais cujas pegadas ainda não havia aprendido a rastrear, mas das quais dependia sua sobrevivência. Ele tateava no escuro, sem método algum, contando apenas com a intuição e com a ajuda da sorte. Parou por alguns instantes e pensou que, se cruzasse as informações, mesmo elas sendo tão disparatadas, quem sabe algum detalhe despercebido, somado a outros pequenos índices, pudesse lhe revelar algo. Esse parecia ser o único procedimento a ser posto em ação naquele momento. Voltou a fazer uma leitura, agora muito mais atenta, do caderno de anotações.

05 de dezembro de 1982

Certamente vem de Gilles Deleuze (1925–1995) uma das mais importantes contribuições para a investigação que estamos tentando estabelecer, muito provavelmente pelo fato de ele ser também um dos principais teóricos a respeito do Fora ou da exterioridade. Sua análise é empreendida principalmente a partir da retomada e da recriação daquilo que foi escrito por Michel Foucault e Maurice Blanchot, como uma espécie de confluência que se desdobra, convertendo-se em bifurcação (que se bifurca imensamente, na verdade) do pensamento de ambos (ou seria um rizoma?). Muito mais do que uma simples releitura, Deleuze, ao falar dos conceitos dos dois autores, põe em operação suas próprias ideias a respeito do tema. Para ele a possibilidade do pensamento, seja na forma artística, filosófica ou científica, seria indissociável do acesso a isso que viemos chamando até aqui de Fora. É a partir desse contato com as forças componentes de tal zona de forças que articularíamos uma nova relação com o real e quem sabe, o surgimento de uma nova forma de ética. Porquanto o Fora, como já havia apontado Foucault, consistiria numa espécie de dobra do pensamento que o faz coextensivo de um dentro, nosso próprio dentro⁵².

Deleuze, assim como os autores anteriormente aludidos, terá como ponto de partida a relação entre a linguagem e o Fora, ou mais precisamente, ao se referir a Foucault, entre os enunciados e o Fora: “[...] o enunciado é a curva que une dois pontos singulares, isto é, que efetua ou atualiza relações de forças, tais como existem em francês, entre as letras e os dedos, segundo ordens de frequência e de vizinhança [...]”⁵³. Mas, aqui, ainda poderia haver alguma confusão, dado que tais pontos e suas relações de forças não seriam ainda exatamente um enunciado, mas formariam o lado de fora do mesmo, podendo ser incredivelmente semelhantes, reproduções quase perfeitas um do outro.

Ao analisar a relação de Foucault com o Fora, o filósofo destacará a diferenciação, feita por este, entre as noções de visibilidade e de enunciado. Segundo ele, as visibilidades (ou quadros-descrição) fazem parte de formações históricas e de poderes de formalização, sendo, de alguma forma, a outra face dos enunciados dentro de uma trama de poder. De um lado, teríamos o visível. De outro, o dizível ou legível. “O diagrama das forças se atualiza ao mesmo tempo em quadros-descrições e curvas-enunciados.”⁵⁴ Dois polos que representariam os principais vetores de um complexo conjunto de forças e que poderiam ser expressos na

⁵² (DELEUZE, 2005).

⁵³ “O enunciado de uma série alfabética tendo como lei apenas o aleatório.” (Ibid., p. 86).

⁵⁴ (Ibid., p. 88).

forma de visibilidades e legibilidades. As relações de poder estariam alicerçadas na integração das relações diferenciais de energias como essas.

O Fora, por sua vez, seria constituído por esse espaço de circulação de forças diferenciais. Sendo, ao mesmo tempo, o exterior da força, sua distância, ou seja, a diferença entre elas.⁵⁵ O Fora estaria situado neste entrelugar – entreforças composto por distâncias de impossível aferição. O que poderíamos chamar de ser da força, entretanto, apresenta-se como multiplicidade, onde a propriedade de afetar e ser afetado consistiria apenas em seu índice.

Tais relações entre intensidades remeteriam sempre a um diagrama, que diria respeito a determinada formação histórica estratificada, diagrama de forças que consiste em seu Fora. Forças em perpétuo devir, que possuiriam a propriedade de duplicar a história. O diagrama dessas energias representa um não lugar, onde as forças entram em relação (às vezes choque) entre si – é o espaço de possibilidade das mutações históricas⁵⁶.

Deleuze sugerirá que, em Foucault, a noção de “exterioridade” seria distinta da noção de “lado de fora”. Para Foucault, a exterioridade seria ainda uma forma. Ou, melhor dizendo, duas formas, uma exterior a outra – constituintes do que chamou de saber –, ver e falar, luz e linguagem. O lado de fora, por sua vez, referir-se-ia à força que está sempre em relação com outras forças, que remeteriam a um lado de fora irreduzível. Um devir das forças, que em nenhum momento se confundiria com a história das formas, pois operaria em outra dimensão. A partir disso, Deleuze indicará que ver e falar seriam formas de exterioridade⁵⁷, e pensar estaria sempre voltado para um lado de fora informe. O pensar dependeria da possibilidade de acesso ao não estratificado. Então ver poderia constituir um ato de pensamento, assim como falar, desde que se locomovesse pelos interstícios, nos limites pouco precisos entre o ver e o falar.

Por não ser uma faculdade inata, a ação realizada pelo pensar só poderia ter início ao tomar contato, ao ser atravessada por um lado de fora, que aumentaria ainda mais o espaçamento entre ver e falar e precipitaria o desmembramento de seu interior. “Quando o lado de fora escava e extrai a interioridade [...]”⁵⁸ Daí então seriam liberadas as energias que compõe esse lado de fora, energias em estado de agitação, de mistura, de recombinação e

⁵⁵ (PELBART, 1989).

⁵⁶ “Certamente o diagrama se comunica com a formação estratificada que os estabiliza ou o fixa, mas conforme um outro eixo; ele se comunica também com o outro diagrama, os outros estados instáveis do diagrama, através dos quais as forças perseguem seu devir mutante. É por isso que o diagrama é sempre o lado de fora dos estratos... é sempre um misto de aleatório e de dependente” (DELEUZE, 2005, p.93).

⁵⁷ (Ibid.).

⁵⁸ (Ibid., p.94).

mutação.⁵⁹ Uma formação histórica, por exemplo, não se transformaria, pelo menos não em sua forma estratificada; o que possuiria alguma possibilidade de ser modificado seriam suas forças componentes, quando entrassem em relação, ou mesmo choque, com outras potências que circulam pelo lado de fora.

Além das propriedades de afetar e ser afetadas, as energias que possibilitam as mudanças possuiriam ainda uma terceira característica, identificada como aquilo que Foucault chamou de “capacidade de resistência”. No diagrama de forças, proposto pelo autor, além das duas variáveis principais (as singularidades e suas relações), deveríamos incluir esta terceira, espécie de singularidade de resistência, nó ou ponto. O poder estaria materializado no diagrama, seria sua possibilidade – as relações de poder se conservariam no diagrama, enquanto tais nós ou pontos de resistência, por sua vez, estariam em relação com o lado de fora, lugar de onde os diagramas viriam. O pensamento do lado de fora, por isso, seria a resistência como componente ou possibilidade do próprio pensamento. O poder se materializaria no exercício sobre o que ainda não está estratificado, então o fora se apresentaria como abertura para o futuro, o lugar onde tudo estaria em constante metamorfose. Se pudéssemos pensar em algo como um super-homem ou super-mulher, eles certamente se encontrariam dentro deles mesmos, precisando apenas ser libertados, utilizando-se dessa potência que circula pelo lado de fora. A própria vida talvez se manifeste, pela leitura de Deleuze⁶⁰, nesta capacidade de resistência contida na força. A vida apresentaria seu ponto culminante, de maior energia, no momento mesmo em que ela se choca com o poder, confluindo suas forças para resistir, para desarmar suas armadilhas. “A força do lado de fora não para de subverter e derrubar os diagramas.”⁶¹

Poderíamos então deduzir três dimensões junto às quais a subjetividade e/ou o pensamento seriam colocados em movimento – as relações constituídas sobre os estratos (o saber); as relações de força ao nível do diagrama (poder); a relação absoluta, ou não relação (o pensamento)⁶². No entanto poderíamos acrescentar a essa relação o impensado, que não se encontra exterior a ela, mas no centro do próprio pensamento, como a impossibilidade de pensar a si mesmo, que foge rumo ao fora.

Para Deleuze, Foucault possuía uma verdadeira obsessão quanto ao tema do duplo – ou, mais especificamente, o dentro como uma operação que revela o fora, que interioriza o lado de fora. Uma constante volta à impossibilidade do eu, deste como o estabelecimento da

⁵⁹ (Ibid.).

⁶⁰ (DELEUZE, 2005).

⁶¹ (Ibid., p.101).

⁶² (Ibid.).

imanência de um eu que se constitui num sempre-outro ou, no limite, de um não eu. O eu seria uma espécie de processo de feitura ou costura de um forro na roupa, que viramos pelo avesso nessa operação, onde o lado de dentro foi o tempo inteiro uma dobra do lado de fora. Por isso, Foucault afirmará que nossa subjetividade se constitui nessa dobra, mais especificamente através de quatro tipos de dobras: a primeira dobra diria respeito a nosso próprio corpo, uma dobra estritamente material; a segunda dobra estaria relacionada com as forças mesmas; a terceira teria relação com o saber e a verdade; a quarta seria a dobra do próprio lado de fora. Na articulação entre essas quatro dobras, em sua relação, estaria o modelo explicativo foucaultiano de formação da subjetividade ou da interioridade. A dobra seria uma espécie de reduplicação. Deleuze fará relação com a ideia kantiana do tempo como autoafecção, e esta como estrutura fundadora da subjetividade. “O lado de fora como tempo, sob a condição de dobra.”⁶³

Acontece que o homem, segundo a leitura deleuziana de Foucault, uma força entre as demais forças, não conseguiria dobrar as forças que o compõem sem que dobre a si mesmo no mesmo processo e sem que o próprio lado de fora também se dobre sobre ele – daí decorreria que o fora também constituiria um si, uma espécie de lado de dentro. Teríamos então três dimensões implicadas na dobra: o saber, o poder e o si. Três dimensões que variariam historicamente. Por isso Foucault dirá que pensar deveria levar em consideração essas três dimensões – se pensar é ver e falar, ele se faria principalmente no entremeio do ver e do falar, em sua disjunção: pensar seria fazer com que ambos atingissem seu limite, num ponto onde tais limites se confundissem com um ponto comum, que os relacionaria enquanto os separasse. Pensar viria (ou deveria alcançar os limites) sempre do lado de fora.

Pensar só seria possível nesse espaço onde o mais longínquo é também seu interior. Nesse sentido, o pensamento do lado de fora seria um movimento do pensamento que afeta a si mesmo, seria a própria possibilidade de pensar o impensado. “Pensar é dobrar, é duplicar o fora com um dentro que lhe é coextensivo.”⁶⁴ Nesse trabalho de dobra realizado pelo pensamento, o mais longínquo se tornaria também o mais próximo: o pensamento como um si que seria também o interior de um exterior.

Como podemos ver, Deleuze realiza igualmente sua dobra, com Foucault que por sua vez pensa o Fora, especialmente a partir de Blanchot, e nos traz uma noção do Fora sobretudo como a própria possibilidade do pensamento, que não seria uma faculdade inata, mas o

⁶³ (Ibid., p. 115).

⁶⁴ (Ibid., p. 126).

produto de um encontro.⁶⁵ Um encontro que só poderia se realizar no exterior, numa zona em que seria possível estabelecermos contato com forças (potências ou energias) que violentam o pensamento, ao colocá-lo em relação com o ainda impensado, a diferença pura (ou impura) em estado de agitação. Mas tal encontro também poderia ser destrutivo. Seria preciso então, ao cruzarmos tais linhas, rumo ao exterior, de alguma maneira, torná-las pensáveis ou mesmo vivíveis. Talvez fosse necessário que, ao atravessarmos tais linhas, forjássemos uma espécie de arte de viver, dado que do cruzamento em questão depende a possibilidade do pensamento. Para isso talvez fosse imprescindível que maquinássemos os instrumentos adequados a nossa sobrevivência no movimento de cruzamento de tal caos. Construir a possibilidade do que o autor chamou de Plano de imanência, uma possibilidade de corte no caos,⁶⁶ como um tipo de veículo, ou máquina (abstrata ou em alguns casos concreta) em que os conceitos criados pela filosofia funcionariam como peças ou engrenagens.

As páginas do caderno, pelo menos as que haviam sido lidas até então, ainda não pareciam fazer muito sentido. Além do mais, estavam deixando Brasiliano um tanto exausto. O que fez com que seu olhar se distraísse na exploração do ambiente ao redor. Na parede podia observar um mapa, que parecia muito antigo, pintado manualmente; uma fotografia de quando a família ainda se encontrava completa: seu pai, sua mãe, ele mesmo; algumas máscaras ritualísticas de povos de lugares exóticos... Era impossível que entre tantos objetos e documentos não houvesse pelo menos um que pudesse se converter em alguma pista útil. Então, conduzido pelo acaso, pousou os olhos sobre uma folha, claramente arrancada de uma revista e afixada na estante com a ajuda de percevejos. Levantou-se e foi até ela, destacando-a e voltando a sentar-se para logo em seguida dedicar-se à sua leitura.

A última viagem do Professor Pícaro Pindorama⁶⁷

Nova Cochinchina, 31 de fevereiro de 1994.

Ainda impactados pela notícia da repentina morte do professor Pícaro Pindorama – influente historiador e arqueólogo, internacionalmente famoso por suas pesquisas a respeito

⁶⁵ (PELBART, 2007).

⁶⁶ (DELEUZE, 2004).

⁶⁷ (CARVALHO, 1994).

de civilizações mitológicas, desaparecidas ou mesmo inventadas –, fomos pegos de surpresa mais uma vez. Agora, pela chegada, aqui na redação, de um pacote contendo um livro inédito do autor, intitulado: *À procura da terra da alegria e outras procuras*.⁶⁸ Como aponta o prefácio da edição, escrito por seu colega de universidade, o bulgarologista prof. Radamés Stepanovicinski, trata-se de uma obra composta a partir do diário encontrado entre seu corpo, já sem vida, e a mesa de trabalho que o acompanhou por quase toda a carreira.

As surpresas, no entanto, não param por aí. Todos já devem ter escutado ou lido, em algum momento de suas vidas, algo a respeito do extravagante país chamado Brasil. Mas o que para muitos nunca passou de uma lenda, contada à volta da fogueira, nos momentos de descontração ou nos churrascos aos domingos, parece ter sido a principal motivação do trabalho do professor em seus derradeiros anos de vida. Ficamos sabendo, através dos diários que compõem o livro, de seu empenho em organizar uma expedição com o objetivo de provar definitivamente a existência do país mitológico. O livro que nos foi entregue tenta reconstruir, ainda que de maneira fragmentada, seus últimos passos, dedicados exclusivamente à obsessão pela descoberta da terra onde, segundo as controversas narrativas, viveria o povo mais feliz do mundo.

Nossa descrença cede lugar à perplexidade e a lenda parece começar a ganhar uma assustadora materialidade quando o livro nos apresenta reproduções fotográficas de alguns artefatos encontrados em meio às incontáveis páginas de seu caderno de anotações. Material que obviamente ainda carece de uma rigorosa e profissional verificação de autenticidade, mas que nem por isso deixa de impressionar. Trata-se de folhas, escritas à mão e num idioma desconhecido, com diferentes caligrafias, identificadas apenas por um número em sua parte superior. Algumas, segundo Pindorama, parecem fazer parte de algum tipo de diário e descrevem cenas variadas, outras nos apresentam listas, à primeira vista incoerentes, material sobre o qual o professor Pindorama vinha empreendendo uma árdua tentativa de decifração.

Tais artefatos – que aparentemente constituíam sua principal pista – lançam alguma luz, apesar de ainda nos apresentarem mais perguntas do que respostas, sobre as características institucionais e organizacionais da nação em questão. Se tal material é autêntico apenas o tempo e uma possível continuidade das investigações, repentinamente interrompidas, nos dirão. Parece-nos que a questão mais problemática, a ser transposta pelos leitores do livro, talvez seja a de que somos apresentados a modos de existência em tudo

⁶⁸ (PINDORAMA, 1994).

alheios aos nossos. Daí o estranhamento e nossa inclinação à suspeita quanto à veracidade dos fatos depreendidos a partir do livro.

Mas o mais provável é que um lugar chamado Brasil nem exista, que a felicidade não resida num país, que professor Pindorama talvez nem tenha morrido (gostaríamos de acreditar nisto, pois as respostas estavam em suas mãos) e tudo não passe de uma grande ficção cósmica. Mas o livro existe, como testemunho, e já pode ser adquirido nas livrarias do país inteiro – além de ser um convite para que continuemos, quem sabe, as explorações do professor. Apesar de as livrarias também já estarem em processo de desaparecimento.

Alfredo de Carvalho

Jornalista e escritor

NATURA ET ARS// Uma floresta é um labirinto?/ um deserto pode ser rocaille?/ a vida é um romance?/ o mundo é um palco?/ um florete é uma flor?/ uma serpentina é uma serpente?/ [...] ⁶⁹

⁶⁹ (LOPES, 2002, p.108).

Um ruidoso veículo ao modo de Dalí

PERSONAGENS

A velha

Ivo que viu a uva

O obscuro

O calvo

O de unhas bestiais

O homem de preto

SÉTIMO ATO

Os três maltrapilhos entram em cena, com passos cansados, paralelamente ao grande muro. Encontram-se bastante abatidos, castigados pelo sol escaldante, pela falta de água e de abrigo do sol. Continuam andando em fila indiana até que avistam uma grande pedra e resolvem parar para descansar sob sua sombra.

O CALVO

(Secando o suor do rosto e da cabeça) Se não estivéssemos no meio do nada, eu proporia que desistíssemos. Meus pés já não aquecem mais, meus sapatos estão em frangalhos, minha cabeça e meu rosto ardem; não consigo os ver, mas acredito que estejam vermelhos como um tomate assado.

O DE UNHAS BESTIAIS

(Oferecendo seu chapéu velho para O calvo) Tome, pegue aqui o meu chapéu, meus cabelos estão a cada dia escasseando mais (movendo, com os dedos, os poucos fios de um lado para outro de maneira a cobrir o espaço vazio no topo da cabeça), contudo ainda conseguem me proteger minimamente do sol.

O CALVO

(Segura o chapéu com as duas mãos, ergue à altura dos olhos, examina-o e coloca na cabeça, ajusta e faz cara de satisfeito) Obrigado, acho que serve. Com ele creio que consigo

seguir mais um pouco. Apesar disso, minha intuição não me permite ser muito otimista. Não sei não. (Pausa) Acho que não conseguiremos resistir por muito tempo se não descobirmos uma forma de cruzar o muro.

O DE UNHAS BESTIAIS

Você tem razão. Eu também quase já não tenho mais forças nem sapatos (mostra os pés e aponta para os sapatos com a sola furada). Talvez não tenha sido uma ideia das mais sensatas termos nos lançado nesta jornada. Por outro lado, não tínhamos mais nada a perder, além de nossas vidas, é claro. E esse muro me parece uma barreira intransponível, já percorremos muitos quilômetros e não avistamos nenhum portão ou abertura, nenhum ponto elevado, deste lado, onde pudéssemos subir e tentar um salto. O pior de tudo é termos percorrido todo esse trajeto sem nos depararmos com o menor sinal de água ou de qualquer outro ser vivo além de nós mesmos.

Enquanto os dois conversam, o obscuro se distancia alguns passos e contempla o horizonte com uma expressão estupefata, como se não estivesse acreditando em seus próprios olhos. Não demora para que os outros interrompam o diálogo e precipitem seus corpos para o mesmo local, então seus rostos adquirem expressão parecida. Veem se aproximar uma geringonça mecânica, bastante barulhenta. Algum tipo de motocicleta, que, no lugar onde deveriam estar as rodas, possui quatro pernas, ou patas, muito compridas, semelhantes a pernas de pau (só que, neste caso, de metal) articuladas que fazem o veículo se movimentar como um animal ou como se estivéssemos contemplando uma pintura de Salvador Dalí. A máquina se aproxima e cruza o grande muro com bastante facilidade. Não obstante, no momento de sua passagem, conseguem ainda observar que é pilotada por uma senhora bastante idosa, que lhes acena, segundos antes de desaparecer do campo de visão.

O OBSCURO

(Deixando-se desabar sentado na terra) Vocês viram o mesmo que eu vi, ou será que o calor me fez experimentar uma alucinação?

O CALVO

Não sei definir o que meus olhos presenciaram. Preciso de alguns instantes para digerir o ocorrido. Realmente não sei!

O DE UNHAS BESTIAIS

O que mais me impressionou não foi nem a extravagância de tal máquina, mas sim a facilidade com que cruzou o muro. Vocês viram?! O que pelo menos pode indicar que talvez exista algo do outro lado, quem sabe outras pessoas. Talvez todo nosso tormento não tenha sido em vão.

O CALVO

Concordo. Creio que temos duas alternativas: uma delas é acharmos alguma forma de passar para o outro lado; a outra, arranjarmos ou construirmos uma máquina ou algo parecido com o da velhota.

O OBSCURO

(Levantando-se com dificuldades) De qualquer maneira, como poderíamos construir uma máquina tão complexa a partir do nada, visto que temos à nossa disposição apenas pedras e terra? (Pausa) Acho que a construção está fora de cogitação, é uma ideia irrealista.

O DE UNHAS BESTIAIS

(Um tanto exacerbado) Irrealista? Irrealista? Nada mais insensato do que você querer apelar ao bom-senso numa hora dessas, num lugar como este. Gostaria que você me explicasse o que tem de realista uma viagem como esta que estamos empreendendo, ou qual o grau de realismo da máquina caminhante da velhota? Nada! Absolutamente nada!

O CALVO

Calma! Calma, cavalheiros! Perdermos as estribeiras não nos ajudará em nada num momento como este. Temos de analisar toda a situação da maneira mais fria possível se quisermos encontrar um jeito de sairmos daqui.

O DE UNHAS BESTIAIS

Você tem razão, acho que me excedi um pouco. Talvez tenha me deixado levar pelo desespero. Desculpem-me!

O OBSCURO

Desculpas aceitas. Mas me deixe continuar o raciocínio que você interrompeu agora há pouco. Vejam bem – se aquela mulher possui um veículo e com ele conseguiu atravessar o grande muro, as coisas ainda não estão perdidas.

O DE UNHAS BESTIAIS

Acho que você pode ter razão. Continue, continue!

O OBSCURO

Pouco importa se ela construiu, ela mesma, aquele veículo, comprou ou roubou. O que interessa aqui é a possibilidade que se abre. E, como estava dizendo, antes de ser interrompido, mesmo que a construção esteja fora de cogitação, o mais importante é sabermos que existe uma forma de cruzar o muro.

Nesse instante, interrompem momentaneamente o diálogo e parecem perceber, mais uma vez, algo ou alguém se aproximar ao longe.

O CALVO

(Protegendo os olhos, da claridade do sol, com o chapéu emprestado) O que é aquilo? Parece-me um sujeito montado num camelo ou algo do tipo. A julgar por suas roupas, trata-se de um Tuaregue ou algum outro tipo de habitante dos desertos, apesar da cara de indiano. Não sei.

Não demora muito para que o sujeito entre em cena, vagarosamente, como se não tivesse a mínima pressa ou viesse de algum lugar muito distante.

IVO QUE VIU A UVA

Olá, amigos!

TODOS OS OUTROS

(Respondem em uníssono, cada um à sua maneira, meio desconfiados e/ou incrédulos)
Olá! Oi! Boa tarde!

IVO QUE VIU A UVA

(Baixando o turbante que cobria parcialmente o rosto e confirmando sua aparência de indiano) Vocês parecem meio perdidos. O que fazem por aqui em meio a esta imensidão? Precisam de alguma ajuda?

O CALVO

Realmente, acho que precisamos, pois suspeito que estejamos perdidos. Estamos estudando uma maneira de cruzar o muro, já faz algumas semanas, o que até agora tem se mostrado impossível. Inclusive já estávamos quase desistindo quando nos deparamos com um tipo veículo, pilotado por, acredite se quiser!, uma senhora bastante idosa. A geringonça apenas levantou suas pernas compridas, uma após outra, e atravessou o muro.

O OBSCURO

(Um tanto desconfiado do estranho) Mas e você quem é? O que faz por aqui?

IVO QUE VIU A UVA

Ah! Desculpem-me pela má educação! Faço parte de uma expedição. Meus companheiros e eu estamos viajando há muitos meses na tentativa de provar a existência de um lugar chamado Bulgária. Já ouviram falar? Estamos acampados, não muito longe daqui, alguns quilômetros ao leste.

O DE UNHAS BESTIAIS

Puxa vida! Sempre achei que se tratasse de uma lenda.

IVO QUE VIU A UVA

Pois torcemos para que não seja!

O DE UNHAS BESTIAIS

Mas e você, como se chama?

IVO QUE VIU A UVA

Ah! Verdade. Que deselegante de minha parte. Já ia me esquecendo. Chamo-me Ivo que viu a uva.

O DE UNHAS BESTIAIS

Nossa! Esse nome não me é estranho, já o ouvi em algum lugar.

IVO QUE VIU A UVA

Pois é, talvez você já tenha escutado, por aí, por causa de minha linhagem, que é bastante famosa. (Curvando-se em sinal de reverência) Descendo do sábio indiano que inventou o zero. Minha família é muito rica, vive do recebimento de royalties sobre o uso do algarismo no mundo inteiro. Imaginem só! E vocês, como se chamam?

O OBSCURO

Eu me chamo... (Ouve-se um trovão ao longe que impede que escutemos a resposta) Esse de chapéu se chama... (Mais um trovão) E aquele ali... (Outro trovão) Que bizarro esses trovões! O céu está totalmente azul. Enfim.

IVO QUE VIU A UVA

É um prazer conhecê-los, mesmo que estejamos todos passando por circunstâncias tão desfavoráveis. E, por falar nisso, se não se importarem, gostaria de convidá-los a se juntarem a meu grupo e a mim. Temos água, comida, e vocês podem descansar um pouco antes de prosseguirem em sua viagem.

O CALVO

Agradecemos muito e ficamos muito felizes com o convite.

O DE UNHAS BESTIAIS

Sim! Até porque estamos andando há muito tempo, sem encontrar uma única alma viva, sem água ou alimento.

O OBSCURO

Apreciamos realmente sua generosidade e esperamos poder retribuir de alguma maneira. Talvez possamos prestar-lhes algum serviço como forma de pagamento.

IVO QUE VIU A UVA

Não se preocupem com nada, teremos a maior satisfação em recebê-los. Sigam-me então! Vou apeiar de meu camelo e farei o trajeto a pé com vocês. No caminho podem me

explicar melhor o motivo de desejarem atravessar esse muro tão alto. (Gesticulando em direção aos três) Vamos andando, sigam-me! Sigam-me!

A comitiva começa a se movimentar em meio à imensidão terrosa. Quando, de repente, escutam um barulho de motor e se detêm, por um instante, para ver o que está acontecendo. Ao se virarem, assistem novamente ao veículo que havia atravessado o muro regressar muito rápido, mas também muito desengonçadamente, aos galopes. Ao seu lado uma bicicleta, guiada por um homem vestindo preto, de chapéu e bigodes. Eles parecem estar apostando uma corrida. Passam pelos viajantes numa velocidade incrível. O homem da bicicleta ainda aciona sua buzina. Trim! Trim! Trim! Fecham-se as cortinas.

[...] a máquina do mundo se entreabriu/ para quem de a romper já se esquivava/ e só de o ter pensado se carpia.// Abriu-se majestosa e circunspecta,// sem emitir um som que fosse impuro/ nem um clarão maior que o tolerável// pelas pupilas gastas na inspeção/ contínua e dolorosa do deserto,/ e pela mente exausta de mentar [...]⁷⁰

⁷⁰ (ANDRADE, 1973, p. 223).

12 de novembro de 1992

Por uma teoria das máquinas

De tudo o que foi tratado até aqui, deixa-se entrever, parece-nos, uma questão delicada a ser resolvida, composta por dois aspectos igualmente importantes e inseparáveis: de um lado, temos o que Maurice Blanchot, Michel Foucault e Gilles Deleuze nos apresentam como sendo o Fora, este ponto para o qual deveríamos direcionar nossos esforços. De outro, temos relativa clareza de que possuímos poucas garantias de sucesso em nossa empreitada – seja porque o Fora seria um lugar de localização bastante incerta, seja porque, nesse percurso, existiria grande possibilidade de sermos destruídos de diferentes maneiras. Contudo talvez exista uma pequena chance de êxito; porém sem nenhuma garantia. Uma vez que Gilles Deleuze – ao mesmo tempo que nos apresenta um grande problema, arquitetado em alguns de seus textos (e de alguns outros autores), principalmente aqueles em parceria com Félix Guattari (1930-1992) – aponta um leque de possíveis soluções. Dentre todas, pensamos que a resposta provavelmente esteja contida na noção de máquina, proposta pelo autor. Na ideia de que se existe algo que poderíamos chamar, um tanto imprecisamente, de uma natureza humana ela é inseparável dos objetos fabricados por ela mesma. Passemos então à investigação da razoabilidade de tal solução.

Nenhuma taxonomia – do tipo binária e que pressuponha a distinção clara entre as partes – talvez seja mais equivocada do que aquela que julgue poder identificar uma “natureza humana” apartada de seu meio circundante (ou de seu meio ambiente) e que encontra seu exemplo melhor acabado na distinção entre homem e natureza. Além disso, é bem provável que não consigamos compreender, de maneira satisfatória, a complexa relação dos humanos com a natureza se não adicionarmos à equação suas criações. Mais especificamente, a operação produtiva de si mesmo e de sua natureza.

Para Deleuze e Guattari, sobretudo no livro *O anti-Édipo* (2010), caso pretendêssemos falar de uma “essência humana”, tal empreendimento não seria possível sem que fizéssemos referência ao que chamaram de “máquinas desejanter”⁷¹. Segundo eles, os humanos se relacionariam com a realidade através da mediação de tais máquinas – inseparáveis delas. Pois estariam distribuídas por toda parte: onde existem humanos se relacionando entre si ou

⁷¹ (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p. 11).

com a natureza, essas máquinas estariam em operação. “É assim que todos somos ‘bricoleurs’; cada um com suas pequenas máquinas. Uma máquina-órgão para uma máquina-energia, sempre fluxos e cortes. [...] Algo se produz: efeitos de máquinas e não metáforas.”⁷²

Como já apontamos anteriormente, para os autores, uma distinção entre homem e natureza seria impraticável. Entretanto incorreríamos igualmente em grande equívoco caso entendêssemos a produção das máquinas desejantes como uma mera produção ou mediação de caráter utilitário e extrínseco à natureza. Maurizio Lazzarato, partindo da leitura de Lewis Mumford, defenderá a ideia de que os fluxos humanos experimentaram a mecanização muito antes das ferramentas humanas⁷³. Estaríamos mais próximos às concepções de Deleuze e Guattari, ao falarmos da relação entre homem e natureza, se partíssemos da ideia de que “[...] a essência humana da natureza e a essência natural do homem se identificam na natureza como produção e indústria [...]”⁷⁴, numa produção do homem pelo homem como sua relação fundamental com a natureza. Nesse caso, não poderíamos diferenciar duas realidades ou essências (inessenciais), ou estabelecer distinção entre produtor e produto, porque ambos fariam parte de uma mesma realidade.

Isso faria do homem um ser ligado a todas as demais formas de vida (num mundo como uma imensa fábrica), diante das quais se encontraria incontornavelmente na posição de produto e ao mesmo tempo de produtor. Em função disso, Guattari sugere que o conceito de máquina extrapola as circunscrições das máquinas técnicas, de modo que nos apresenta o conceito de “agenciamento maquínico” para dar conta de tudo o que se conecta e funciona como uma máquina⁷⁵. Assim, aproximamo-nos, quiçá, de alguma estranha maneira, do que Spinoza chamou de “naturam naturantem e naturam naturatam”⁷⁶ (ou natureza naturante e natureza naturada na tradução de Tomaz Tadeu) concomitantemente. Um ser dependente e independente dentro de uma realidade da qual faria parte como máquina e combustível ao mesmo tempo – ou consumidor e consumido.⁷⁷ Dentro desse processo, o desejo se encontraria

⁷² (Ibid., p. 11).

⁷³ (LAZZARATO, 2014, p. 34).

⁷⁴ (Ibid., p. 15).

⁷⁵ (GUATTARI, 2003, p. 42).

⁷⁶ “[...] por natureza naturante devemos compreender o que existe em si mesmo e por si mesmo é concebido, ou seja, aqueles atributos da substância que exprimem uma essência eterna e infinita, isto é (pelo corol. 1 da prop. 14 e pelo corol. 2 da prop. 17), Deus, enquanto é considerado como causa livre. Por natureza naturada, compreendo tudo que segue da natureza da necessidade de Deus, ou seja, cada um dos atributos de Deus, enquanto considerados como coisas que existem em Deus, e que, sem Deus, não podem ser concebidas” (SPINOZA, 2017, p. 53).

⁷⁷ “Não o homem como rei da criação, mas antes como aquele que é tocado pela vida profunda de todas as formas e ou de todos os gêneros, que é o encarregado das estrelas e até dos animais, que não para de ligar uma máquina-órgão a uma máquina energia, uma árvore no seu corpo, um seio na boca, o sol no cu: o eterno encarregado das máquinas do universo” (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p. 15).

ligado ao ciclo vital em si mesmo e extrapolaria todas as formas que poderiam ser consideradas meramente ideais, ligar-se-ia a ele como princípio imanente da vida humana relacionada ao todo circundante.

Para Deleuze e Guattari, as máquinas desejanter estariam dispostas no mundo como máquinas binárias, ligadas umas às outras em regime associativo, naquilo que os autores chamaram de “síntese conectiva”⁷⁸: sempre “e”, “e depois”: uma máquina produtora de fluxo e a ela outra ligada que, por sua vez, produziria um novo fluxo ao infinito. Máquinas que produziram o próprio produzir ao equipar sua produção com os meios necessários a seu próprio produzir.

À primeira vista, as máquinas desejanter, em sua produção binária, fariam de nós um mero organismo e, com isso, trariam sofrimento – porque o corpo desejaria poder engendrar para si outra organização ou, no limite, nenhuma. Então vivenciaríamos certa incompatibilidade, pois, para os autores, o corpo sem órgãos é o próprio improdutivo, o que ainda não foi ou não pode ser fabricado. Mas o problema se mostra apenas superficial, porquanto as máquinas desejanter funcionariam apenas quando desconsertadas e desarranjando-se sem parar⁷⁹.

O corpo sem órgãos não seria a representação de um vazio ou uma massa amorfa sem nenhuma possibilidade de ligação à totalidade. Mas, principalmente, “ele não é uma projeção: nada tem a ver com o corpo próprio ou com a imagem do corpo: é corpo sem imagem”⁸⁰. O corpo sem órgãos estaria ligado à antiprodução – porém, mesmo assim, ainda comporia a síntese conectiva, pois esta também carregaria consigo uma faceta de antiprodução. Como um “terceiro tempo da série binário-linear”⁸¹. Como uma face da mesma máquina, que funcionaria paralelamente e em conjunto. “Às máquinas-órgãos, o corpo sem órgãos opõe sua superfície deslizante, opaca e tensa. Aos fluxos ligados, conectados e recortados, opõe seu fluido amorfo indiferenciado.”⁸² Deleuze e Guattari, ao fazerem uma comparação entre o corpo sem órgãos e Deus, dirão que o corpo sem órgãos não é Deus, mas sim “a divina energia que o percorre”⁸³. Como se ele atraísse para si tudo o que é produzido pelas máquinas desejanter recobrando-lhe com uma camada adicional de disjunção. Nesse momento teríamos um novo tipo de síntese disjuntiva representada pelo “ou... ou”⁸⁴. O processo de produção das

⁷⁸ (Ibid., p. 16).

⁷⁹ (Ibid., p. 20).

⁸⁰ (Ibid., p. 20).

⁸¹ (Ibid., p. 21).

⁸² (Ibid., p. 21).

⁸³ (Ibid., p. 26).

⁸⁴ (Ibid., p. 25).

máquinas desejanter seria então prolongado num processo de inscrição que as recobriria transformando-se em energia. É preciso esclarecer, ainda, que toda produção apenas seria possível em sua relação com o corpo sem órgãos como uma espécie de contraprodução que já se encontra inscrita na própria produção.

Neste ponto talvez fosse importante retomarmos a ideia de que as máquinas desejanter constituiriam máquinas genuínas e não algum tipo de metáfora. Deleuze e Guattari dirão que apesar de as máquinas desejanter funcionarem através de um sistema de cortes isto não significaria, de maneira alguma, um isolamento da realidade. Tais máquinas estariam localizadas sempre em meio a um fluxo material ininterrupto (*hylê*)⁸⁵ que elas seccionam, operando cortes sobre um fluxo associativo. Mas ao contrário do que possa parecer, tais cortes não se oporiam à continuidade; antes, transformariam aquilo por eles cortados em continuidade ideal. Porquanto quando falamos de fluxo estamos nos referindo a um fluxo mediado pelas máquinas e, como vimos anteriormente, toda máquina seria uma máquina produtora de outras máquinas. Então o corte de fluxo por elas realizado se produziria a partir de sua conexão a outras máquinas – num fluxo infinito de máquinas ligadas umas às outras. Por isso seria enganoso fazermos uma distinção entre fluxo contínuo e objetos parciais, dado que conexão e corte fariam parte de um único sistema – “em toda parte cortes-fluxos de onde o desejo irrompe”⁸⁶.

Para Deleuze e Guattari os signos consistiriam numa espécie de resíduo flutuante – no fluxo desse processo de corte realizado pelas máquinas desejanter – que poderia se conectar indiscriminadamente, pois navega na energia gerada pelo corpo sem órgãos: “[...] trabalham em todos os níveis e em todas as conexões; cada um fala sua própria língua, e estabelece sínteses com outros” [...]⁸⁷. As cadeias de signos não possuiriam nenhuma necessidade de transportar qualquer significado, ou de serem significantes; para os autores, a única função dos signos seria a de produzir desejo em todas as direções por onde circulam⁸⁸. Eles fariam parte de uma cadeia heterogênea, onde seus elementos podem ser destacados aleatoriamente, como “[...] blocos de tijolos voadores [...]⁸⁹, em que cada tijolo viria de uma distância desmesurada, e eles mesmos, por sua vez, possuiriam em sua composição uma heterogeneidade de elementos. Ao mesmo tempo, tais tijolos constituiriam peças fundamentais das máquinas desejanter: pelo que trariam em si registrado.

⁸⁵ “A *hylê* designa, com efeito, a continuidade pura que uma matéria possui em ideia” (Ibid., p. 55).

⁸⁶ (Ibid., p. 55).

⁸⁷ (Ibid., p. 58).

⁸⁸ “Nenhuma cadeia é homogênea, mas assemelha-se, antes, a um desfile de letras de alfabetos diferentes, e no qual surgiria subitamente um ideograma, um pictograma, a pequena imagem de um elefante” [...] (Ibid.).

⁸⁹ (Ibid., p. 59).

Apesar de possuir diversos modos e componentes de funcionamento, todos seriam mobilizados concomitantemente num agenciamento que nunca unifica suas partes num todo coerente. Partes que funcionariam através das rupturas, dos destroços, do fragmentário. Deleuze e Guattari então nos apresentam a questão de como colocar em operação tal máquina, de componentes tão heterogêneos e fragmentados, que se relacionariam com base em sua própria diferença, sem nunca atingirem uma totalidade. Eles elaboram, como uma resposta possível, o conceito de multiplicidade⁹⁰ – a ideia de uma multiplicidade operando como possibilidade de superação tanto do múltiplo quanto uno. Multiplicidade como substantivo para dar conta de toda a produção desejante, que é multiplicidade irreduzível e de unificação irrealizável⁹¹. A totalidade, nesse caso, apenas seria possível ao lado das partes, sem nunca as totalizar ou integrá-las a si – unificá-las-ia, entretanto, sem totalização e a elas se uniria como um componente suplementar e contíguo. A tal multiplicidade os autores chamarão também de corpo sem órgãos⁹²: um todo produzido à parte, mas, ainda assim, aplicado a elas.

Para os autores, as máquinas desejantes não deveriam ser confundidas com os *gadgets* (que poderiam ser definidos como peças, acessórios ou pequenos mecanismos independentes), porque eles seriam apenas “[...] resíduos de máquinas desejantes submetidas a leis específicas do mercado exterior do capitalismo ou do mercado interior da psicanálise” [...]”⁹³. As máquinas desejantes, por sua vez, não se confundiriam com os *gadgets* porque se apresentariam como irreduzíveis às máquinas reais ou ao funcionamento simbólico de fragmentos de tais máquinas, nem às máquinas fantásticas que funcionariam através do sonho e da imaginação – porquanto, em todos estes casos, estaríamos diante da “[...] conversão de um elemento de produção num mecanismo de consumo individual”⁹⁴.

Obviamente os artistas de áreas diversas constroem, através de sua imaginação, diferentes máquinas, por vezes absurdas. A questão aqui, no entanto, não é de confrontação entre os humanos e sua adequação às máquinas por eles mesmos inventadas, mas sim a da possibilidade de comunicação entre os elementos da máquina e o homem. O que se deveria ter clareza na invenção de uma máquina é a possibilidade de o humano “[...] compor peça com a

⁹⁰ (Ibid., p. 62).

⁹¹ (Ibid.).

⁹² “O corpo sem órgãos é produzido como um todo, mas no seu próprio lugar, no processo de produção, ao lado das partes que ele nunca unifica nem totaliza. E quando se aplica a elas, se assenta sobre elas, ele induz comunicações transversais, somas transfinitas, inscrições plurívocas e transcursivas sobre a própria superfície, na qual os cortes funcionais dos objetos parciais são sempre recortados pelos cortes das cadeias significantes e os de um objeto que aí se situa” (Ibid., p. 63).

⁹³ (Ibid., p. 507).

⁹⁴ (Ibid., p. 508).

máquina [...]”⁹⁵ ou com alguma outra coisa que o possibilitasse construir suas próprias. Sendo que, para os autores, a outra coisa, aqui referida, poderia ser uma ferramenta, uma arma, uma pedra etc. Talvez não seja excessivo lembrarmos, uma vez mais, o fato de Deleuze e Guattari afirmarem, desde o início, que as máquinas desejanter não consistiriam em metáforas, mas em máquinas concretas: “[...] o homem compõe máquina desde que esse caráter seja comunicado por recorrência ao conjunto de que ele faz parte em condições bem determinadas”⁹⁶. Os exemplos dessa composição são muitos: o homem-papel-caneta pode formar uma máquina poeta dentro de determinadas condições, ou o homem-quadro-negro-giz formar a máquina professor em outras e assim por diante. O que estaria em jogo na composição de máquinas seria a comunicação, a partir de elementos quaisquer, e sua recorrência. A partir disso, os autores fazem ainda uma diferenciação entre ferramenta e máquina: esta como um fator de comunicação e referência ao impossível, aquela como um agente de contato e referência ao possível. Ocorreria a composição de máquinas sempre que existisse comunicação entre dois elementos distintos do mundo exterior, formando um sistema possível, ainda que improvável⁹⁷. “As máquinas desejanter não são nem projeções imaginárias em forma de fantasmas, nem projeções reais em forma de ferramentas.”⁹⁸

Se tivéssemos de destacar uma característica que fosse predominante nas máquinas desejanter, diríamos que é sua propriedade de conexão infinita. Por isso elas estão por toda parte, espalham-se em todas as direções. Partindo dessa característica principal, poderíamos ainda derivar duas formas de funcionamento: 1) o que Deleuze e Guattari chamaram de “potência do contínuo ou *phylum* maquinico”, ou seja, uma variedade de peças que se conectariam a quaisquer outras indefinidamente; 2) por outro lado, uma “potência de ruptura” que possibilitaria a desconexão de mutação, igualmente em todas as direções⁹⁹. Porque toda máquina desejanter seria sempre corte-fluxo.

Todas as máquinas já estariam dadas, estariam no mundo, não cessaríamos de reinventá-las a partir de peças retiradas umas das outras, não parariamos de operá-las – elas seriam o próprio desejo. Os artistas, por sua vez, apresentar-se-iam como aqueles que possuiriam a habilidade de produção de máquinas inéditas, muito mais autônomas: “[...] nós povoamos as máquinas sociais técnicas de máquinas desejanter, e não podemos fazer de outra

⁹⁵ (Ibid., p. 508).

⁹⁶ (Ibid., p. 508).

⁹⁷ (Ibid.).

⁹⁸ (Ibid., p. 512).

⁹⁹ (Ibid., p. 514).

maneira”¹⁰⁰. Pois a difícil distinção entre máquinas sociais técnicas e máquinas desejanter não estaria localizada nem em sua dimensão nem em sua finalidade, mas sim no regime que controla ambas. Ambas consistiriam em máquinas muito semelhantes, entretanto seus regimes seriam diversos: o regime do desejo ou do antedesejo, por exemplo. O avanço tecnológico tem nos apresentado máquinas que suporiam o emaranhamento entre máquinas sociais e máquinas desejanter. Os autores, entretanto, dirão que toda vez que a tecnologia pretendesse tomar as rédeas na tentativa de mobilização de nosso desejo ela adquiriria feições fascistas, porquanto não teria (ou não deveria ter) o poder de decidir a instancia deste desejo ou de sua opressão a serem mobilizados.

Toda máquina seria, antes de tudo, uma máquina social, onde os humanos e as ferramentas estariam distribuídos; possuidora de um corpo pleno que maquinizaria ambos. Ou, por derivação, como uma fábrica ou uma escola que os maquinariam. “Assim compreendida, a máquina é definida como máquina desejanter: o conjunto de um corpo pleno que maquina, e homens e ferramentas maquinados nele.”¹⁰¹ Formada por uma infinidade de elementos – heterogêneos ou simples – ligados por esse corpo pleno social, sobre ele, mas mantendo sua distinção, sua singularidade.

Buenos Aires, 17 de dezembro de 1992.

Saudações, professor!

Provavelmente o senhor não me conhece, mas entro em contato após ficar sabendo, através de um amigo em comum, de seu interesse na produção de máquinas, mais especificamente, de máquinas desejanter. Então gostaria de começar me apresentando: todos me conhecem como Junior, sou jornalista e atuo em Buenos Aires onde tenho me dedicado à investigação de uma espécie de máquina desejanter de um tipo bastante específico: uma máquina literária que, como alguns rumores indicam, pode estar operando na cidade¹⁰². Por enquanto, todas as notícias acerca dela encontram-se envoltas numa espessa neblina de conjecturas. Muitos dizem se tratar de um boato; outros, no entanto, afirmam com muita veemência sua existência.

O que consegui descobrir, até o momento, é que se trata de uma criação conjunta de um tipo chamado Macedonio Fernández e de um engenheiro conhecido ora como Richter, ora

¹⁰⁰ (Ibid., 524).

¹⁰¹ (Ibid., p. 530).

¹⁰² (PIGLIA, 1993).

como Russo. No princípio de tudo, construíram o protótipo de uma máquina de tradução: a primeira tradução do aparelho partiu de uma história de Edgar Allan Poe chamada *William Wilson*. Mas logo perceberam que a máquina apresentava um defeito, porque a tradução não consistia apenas numa transcrição da narrativa de um idioma para outro. A máquina continuou a expansão do relato, a partir das combinações possíveis contidas no original, até que ele se tornasse irreconhecível. Entretanto logo viram que havia algum potencial na avaria do mecanismo, que aprendia à medida que ia “traduzindo”. Pois bastaria alimentá-lo com variados núcleos narrativos e esperá-lo fazer seu trabalho, produzindo novas histórias. Como se tudo isso não fosse o bastante, muitos boatos dão conta de que existiria, em algum lugar, um museu destinado a tais narrativas – onde estariam expostos objetos a elas relacionados. Em alguns casos, reconstruções extraordinariamente fiéis dos cenários onde transcorriam.

Atualmente o centro nevrálgico de todo o imbróglio (que ficamos sabendo através de rumores dispersos pelo submundo) está situado na tentativa, por parte do Estado argentino, de desativação de suposta máquina. Dizem, por aí, que o Estado tem colocado em prática uma política de controle mental da população, através da leitura dos pensamentos dos cidadãos, utilizando-se, sobretudo, da televisão. Acontece que a máquina inventada por Macedonio e Russo teria conseguido se infiltrar em tal rede de controle e começado a inserir suas próprias narrativas, complicando o trabalho do governo ao embaralhar as informações. A partir de então, ela se transformou numa inimiga do Estado, já que não é mais possível estabelecer uma distinção entre relatos reais e ficcionais.

Tenho conduzido meu trabalho a partir dessas pequenas pistas e de outras que futuramente, dependendo do desenvolvimento de minhas investigações, revelarei. O objetivo de minha carta é, acima de tudo, mostrar-lhe que suas hipóteses talvez estejam corretas e possuam existência concreta em lugares ainda desconhecidos. Pois presumo que a confirmação da existência da máquina literária de Macedonio e Russo seja também a confirmação material de suas hipóteses. Por isso estou lhe escrevendo, porquanto, mesmo que não nos conheçamos pessoalmente, possuímos, de alguma forma, um horizonte comum. Espero que seja de seu interesse que mantenhamos contato. Em caso de resposta afirmativa, comprometo-me em manter-lhe atualizado sobre o progresso (ou não) de minhas investigações.

Deixo aqui os mais francos votos de sucesso (nosso sucesso).

De seu admirador,

Mac Kensey Junior

29 de novembro de (ano ilegível)

A máquina literária e as comunicações aberrantes

A ideia de que as máquinas desejanter delezianas são definidas, acima de tudo, pelas conexões infinitas que estabelecem com outras máquinas-peças abre-nos caminho para que possamos explorar tais potencialidades. Por isso, tomando-as como ponto de partida, gostaríamos de dar início a uma tentativa de investigação da relação entre a literatura e as máquinas desejanter, o que obrigatoriamente nos conduziria a pensarmos igualmente a relação entre a literatura e a própria vida.

Fundamentados em tudo o que aprendemos até agora, acreditamos que a literatura – entendida aqui como o conjunto formado pela leitura e pela escrita – não se confunde com a vida apesar de em muitos momentos com ela se emaranhar. Ela seria, na verdade, muito mais uma ferramenta ou engrenagem de uma espécie de máquina, através da qual ela mesma também se constituiria como uma máquina com que conseguiríamos acessar um plano (de difícil acesso) onde a vida talvez se mostrasse em toda a sua exuberância e potência – espaço em que tudo aparentemente seria possível e as forças vitais circulariam numa velocidade estonteante –, onde tudo ainda se apresentaria de maneira informe. Quando a literatura consegue tocar, mesmo que rapidamente, através de tortuosos esforços este ponto impessoal, que chamamos anteriormente de Fora, ela entra em contato com forças que movimentam a própria vida. Ela então seria tomada pela vitalidade, por uma espécie de saúde que circularia entre ambas (a literatura e a vida), pondo-as em movimento.

Aqui, mais uma vez, seguimos os passos de Gilles Deleuze e sugerimos que, nessas circunstâncias muito específicas, a literatura entraria num “estado de devir”¹⁰³: ela ingressaria em tal estado sempre que lograsse alcançar uma zona muito específica, chamada pelo filósofo de zona das coisas-acontecimentos não formados¹⁰⁴. Esse tipo muito especial de literatura (assim como a vida), a que nos referimos, seria uma arte da descoberta de novos caminhos – distintos daqueles estabelecidos previamente. Pois o devir não se movimentaria pelas trilhas

¹⁰³ (DELEUZE, 2011a, p.11).

¹⁰⁴ “Devir não é atingir uma forma (identificação, imitação, mimese), mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação tal que já não seja possível distinguir-se de uma mulher, de um animal ou de uma molécula, não imprecisos nem gerais, mas imprevistos, não-preexistentes, tanto menos determinados numa forma quanto se singularizam numa população” (Ibid., p. 11).

pavimentadas, ele estaria sempre “entre” ou “no meio”¹⁰⁵, como um motoboy que corta o trânsito congestionado das grandes metrópoles. Mas um motoboy talvez não possa ser reduzido a sua vida em cima de sua moto. Quem é ele? É homem, é mulher, quais são seus desejos? Em algum momento ele também conduz automóveis? A língua, assim como a vida ou um motoboy, manter-se-ia viva através dos desvios que consegue empreender na tentativa de percorrer seus devires. Mas nada estaria garantido, a morte espreita a cada nova curva – pois “[...] todo desvio é um devir mortal [...]”¹⁰⁶, e a linha reta seria apenas uma ilusão. Assim como a vida estaria quase sempre localizada num outro lugar, não nas vias asfaltadas sob o controle dos semáforos. “A sintaxe é o conjunto de desvios necessários criados a cada vez para revelar a vida nas coisas.”¹⁰⁷ O que Deleuze nos sugere é que a literatura e a vida encontrariam sua plenitude apenas quando conseguissem, através de tais caminhos tortuosos, atravessar e ser atravessadas pelas forças caóticas e informes do Fora – o lugar por onde circulariam potências comuns a ambas: impessoais e igualmente singulares. Nesse momento já não poderíamos nos agarrar a nossas identidades, como o condutor de automóveis à rodovia, já não poderíamos mais dizer Eu.

Assim sendo, no momento em que tudo aquilo que era definido por sua identidade conseguisse entrar em contato com as potências do informe, duas forças contrárias, mas igualmente complementares, passariam a atuar: por um lado, ele correria um enorme risco de ser destruído por tais forças. Por outro; ele possuiria o material necessário à criação de algo minimamente singular. Nesse momento, como possibilidade de sobrevivência, poderíamos fazer uso do que Deleuze chamou de “função fabuladora”¹⁰⁸. Esta consistiria menos em tentar juntar os estilhaços de um eu despedaçado e dar-lhe uma forma (sempre precária) do que projetar-se sobre e abraçar tais devires e potências. Deleuze nos lembra ainda de que o mundo se apresentaria como o conjunto de sintomas de uma espécie de doença que, em muitos momentos, se confundiria com os humanos; entretanto a literatura poderia representar um tipo específico de prática de saúde. O escritor seria, por conseguinte, (e acreditamos que podemos incluir o leitor neste movimento) uma espécie de “médico de si próprio e do mundo”¹⁰⁹. A literatura, como empreendimento de saúde, como função fabuladora, consistiria em inventar essa vida que ainda não existe, ou que existiria apenas potencialmente. Deleuze fala na invenção de um povo que falta, suspeitamos, no entanto, que tal definição poderia ser

¹⁰⁵ (Ibid., p. 12).

¹⁰⁶ (Ibid., p. 12).

¹⁰⁷ (Ibid., p. 12).

¹⁰⁸ (Ibid., p. 14).

¹⁰⁹ (Ibid., p. 14).

ampliada à própria vida em si – pois inventar um povo que falta talvez seja inventar a vida mesma que falta¹¹⁰. Uma vida minoritária, devendo suas infinitas possibilidades, seus infindáveis caminhos. A literatura, na forma como nos é apresentada por Deleuze e em favor da qual advogamos, poderia ser considerada um tipo de delírio – que é tomado, de maneira geral, como uma doença; não neste caso, contudo. O delírio, de que estamos falando, metamorfosear-se-ia em saúde “[...] quando invoca essa raça bastarda oprimida que não para de agitar-se sob as dominações, de resistir a tudo que esmaga e aprisiona e de, como processo, abrir um sulco para si na literatura [...]”¹¹¹. A condição para que tudo isso se tornasse passível de operação passaria por nossa habilidade em conseguir elaborar uma espécie de língua minoritária a partir da língua comum ou do que poderíamos chamar de língua dominante. Um processo que se daria através da subversão da sintaxe, da criação de um estilo singular, que atacasse as estruturas da língua como se pretendesse sua destruição. Como uma invasão estrangeira, partindo de dentro da própria língua que está sendo atacada (e virada pelo avesso), que ambiciona testar seus limites, suas fronteiras. Pretende empurrá-la a seu exterior, forçá-la a respirar os ares que circulam do lado de Fora e já não pertencem a nenhuma língua.

Outra possibilidade de se acessar tais torrentes que habitam esse lado de fora da língua – onde ela entraria em contato com as forças da criação, forças de natureza análoga àquelas do pensamento e da própria vida – estaria contida no procedimento que Deleuze chamou de “gagueira da língua”¹¹². O exemplo trazido pelo filósofo refere-se à hipótese de um escritor que desejasse apresentar uma personagem que gaguejasse em determinado momento. Nesse caso, haveria duas alternativas. De um lado, o escritor poderia fazer a personagem gaguejar durante suas falas. De outro, poderia apenas introduzir uma discreta indicação de que a personagem gaguejou naquele momento determinado. Deleuze nos apresenta ainda uma terceira forma, que é a que nos interessa aqui, um procedimento que introduziria algo de poético na ação que se passa no texto: quando o autor se torna, ele mesmo, gago e faz com que a língua de que se utiliza também entre neste estado de gagueira como se transformasse a própria língua numa personagem daquilo que escreve. Para que tal empreendimento lograsse êxito, seria preciso colocar a língua em desequilíbrio, levando-a até seu limite, muito próximo de seu total rompimento. Uma gagueira que em alguns momentos muito específicos pode chegar a confundir-se com a fala (mas que a supera), quando expressa num tipo especial de fala: a “fala poética, que efetua toda a potência de bifurcação e de variação, de heterogênese e

¹¹⁰ “Fim último da literatura: pôr em evidência no delírio essa criação de uma saúde, ou essa invenção de um povo, isto é, uma possibilidade de vida” (Ibid., 16).

¹¹¹ (Ibid., p. 15).

¹¹² (Ibid., p. 138).

de modulação da própria língua”¹¹³. Nesse procedimento poético a língua tremeria por inteiro e entraria num processo de variação contínua. Deleuze, citando Keynes, dirá que a única maneira de se progredir é através do desequilíbrio¹¹⁴ e trará novamente a ideia de uma língua menor, como uma espécie de língua estrangeira dentro da própria língua: procedimento poético através do qual conseguiríamos atingir tal estado de desequilíbrio, ou seja, faríamos a língua gaguejar. Resumidamente poderíamos dizer que, num primeiro momento, a partir do equilíbrio da língua, produziríamos disjunções exclusivas. Mas, longe do equilíbrio, tais disjunções se tornariam inclusivas. “É como se a língua inteira se pusesse em movimento, à direita e à esquerda, e balouçasse, para trás e para frente: as duas gagueiras.”¹¹⁵ Um tipo de gagueira que nada teria a ver com um problema da fala, porquanto se converteria em criação e faria a língua crescer a partir de si mesma, transformando-a em rizoma, colocando-a num desequilíbrio irreduzível. Nesse momento algo de singular aconteceria. “Já não é a sintaxe formal ou superficial que regula os equilíbrios da língua, porém uma sintaxe em devir, uma criação de sintaxe que faz nascer a língua estrangeira na língua, uma gramática do desequilíbrio.”¹¹⁶ Dado que tal gramática seria manufaturada dentro da própria língua, levaria então ao limite a linguagem como um todo, empurrando-a até quase um extremo assintático (exterior a ela) – de modo que estariam criadas as condições para que ela vislumbrasse seu Fora¹¹⁷. A língua se encontraria tensionada de tal maneira que empurraria a própria linguagem a um limite que a faria se deparar com o próprio silêncio – neste ponto limítrofe estaríamos diante das condições necessárias para alcançarmos um estilo, condição essencial da gagueira criadora.

O livro como máquina tem sua teorização estabelecida (ainda que sempre de maneira difusa) por parte de Deleuze e Guattari¹¹⁸, sobretudo, quando os autores sugerem que seu valor estaria contido nas ligações que estabelece com o exterior. Um livro seria composto por uma infinidade de agenciamentos de matérias variadas, por uma multiplicidade que não poderia ser atribuída a ninguém ou remetida a uma origem. Ele não pararia de (e se) desestratificar, de desfazer o organismo e fazer passar as intensidades puras em direção a um corpo sem órgãos¹¹⁹. A partir dessas características apresentadas pelos autores, segue-se que

¹¹³ (Ibid., p. 140).

¹¹⁴ (Ibid.).

¹¹⁵ (Ibid., p. 142).

¹¹⁶ (Ibid., p. 144).

¹¹⁷ (Ibid.).

¹¹⁸ (DELEUZE; GUATTARI, 2011a).

¹¹⁹ “Não há diferença entre aquilo de que um livro fala e a maneira como é feito. Um livro tampouco tem objeto. Considerado como agenciamento, ele está em conexão com outros agenciamentos, em relação com outros corpos sem órgãos” (Ibid., p.18).

seria inútil nos perguntarmos sobre o assunto de que trataria um livro, buscarmos uma compreensão a seu respeito – porque um livro valeria muito mais pelas conexões que estabelece, as intensidades que consegue produzir ou fazer por ele passar, as multiplicidades que faz circular ou por onde circula. “Um livro existe apenas pelo fora e no fora.”¹²⁰ Por suas características conectivas, de circulação e de produção, o livro se caracterizaria como uma pequena máquina, uma máquina literária conectada a outras máquinas, sejam elas máquinas de guerra, de amor, revolucionárias ou mesmo educacionais, todas convergindo para uma grande máquina abstrata.

As produções da arte moderna, segundo Deleuze¹²¹, poderiam igualmente ser consideradas um tipo de máquina, pois funcionariam como tal. Ele se utiliza especialmente da obra de Proust para sustentar tal afirmação, ao se referir a ela como um instrumento, fabricado pelo autor em questão, que poderia ser manuseado igualmente por seus leitores. Uma máquina a que caberia a cada um operar segundo seus próprios fins. Um livro (uma obra de arte) onde o usuário poderia, acima de tudo, ler a si mesmo.

Tendo em conta tais considerações, a questão da obra de arte e da literatura modernas se deslocaria de uma centralidade do sentido para uma difusão do uso e da produção¹²². A obra de arte moderna seria uma grande produtora de determinadas verdades: “[...] a verdade é produzida por ordens de máquinas que funcionam em nós, extraída a partir de nossas impressões, aprofundada em nossa vida, manifestada em uma obra”¹²³. Por isso Deleuze afirmará que Proust não admitia nenhuma verdade que não fosse produzida (ainda que de maneira não totalmente controlável); porque, para ele, a verdade não seria algo elaborado ou a ser descoberto através de um pensamento voluntário. Mas, ao contrário, Proust acreditava que a verdade possuiria apenas uma lógica e uma verdade possíveis (e inacessíveis), que não poderiam ser constituídas através de ideias elegidas pela inteligência pura, mas selecionadas de maneira arbitrária. “Não que as ideias por nós elaboradas não possam ser logicamente certas, mas não sabemos se são verdadeiras.”¹²⁴ Para Proust, o valor do pensamento estaria contido numa imaginação criadora muito mais do que numa inteligência que se julgasse observadora, perspicaz ou descobridora¹²⁵. Haveria certa correspondência entre lembrar e

¹²⁰ (Ibid., p.18).

¹²¹ (DELEUZE, 2003).

¹²² “Ao *logos*, órgão e *or-ganon*, cujo sentido é preciso descobrir no todo a que pertence, se opõe a máquina e maquinaria cujo sentido (tudo o que se quiser) depende unicamente do funcionamento, e este, das peças separadas. A obra de arte moderna não tem problema de sentido, ela só tem problema de uso” (DELEUZE, 2003, p. 138).

¹²³ (Ibid., p. 138-139).

¹²⁴ (Ibid., p. 139).

¹²⁵ (Ibid.).

criar, seriam dois produtos de uma mesma produção, assim como o interpretar, o decifrar ou o traduzir. “É por ser produção que a obra de arte não coloca um problema particular de sentido, mas de uso.”¹²⁶ Até mesmo a verdade não aconteceria de uma maneira espontânea, antes teria de ser produzida pelo pensamento. Produção que se daria a partir do encontro com os signos, que carregam consigo certa obscuridade e profundidade de seu caráter involuntário. Apesar de serem grandiosas máquinas, o pensamento e a imaginação não garantiriam por si sós uma produção, antes necessitariam de algo que os colocasse em movimento, neste caso, os signos.

Em busca do tempo perdido seria então, para Deleuze, uma máquina produtora da verdade buscada por Proust. E o que o autor produziria seriam, acima de tudo, efeitos de uma sofisticada máquina literária, “[...] uma experimentação artística produzida pela literatura, de um efeito literário, no sentido de que se fala de efeito elétrico, eletromagnético etc. É o caso de dizer: isto funciona”¹²⁷. Segundo o filósofo, Proust tinha total consciência de que a literatura consistiria numa máquina de produzir tais efeitos. Efeitos que a arte produziria não apenas sobre os outros, mas também sobre si mesma, se alimentando continuamente das verdades por si mesma engendradas. A arte seria, antes de qualquer coisa, um equivalente espiritual da própria vida¹²⁸.

Ainda sobre as máquinas literárias, Deleuze dirá que um de seus principais atributos seria o de nos colocar diante do desafio de conseguir pensar e produzir, a partir de fragmentos que tenham entre si uma relação ancorada numa diferença irreduzível, sem o objetivo de busca de uma totalidade, mesmo que ideal¹²⁹. Assinalará ainda seu espanto diante da máquina literária concebida por Proust, em *Em busca do tempo perdido*, por sua habilidade em concatenar partes tão diferentes e dissimétricas por ele fabricadas¹³⁰ – um todo produzido como um todo ao lado das partes. Estabelecendo verdadeiras “comunicações aberrantes”¹³¹ entre vasos não comunicantes, entre partes que não se unificam ou totalizam. O mais importante, aqui, seria a diferença irreduzível produzida por tal máquina.

¹²⁶ (Ibid., p. 139).

¹²⁷ (Ibid., p. 145).

¹²⁸ “Somente quando os conteúdos significantes e as significações ideais desmoronam dando lugar a uma multiplicidade de fragmentos e de caos, e as formas subjetivas, dando lugar a um impessoal caótico e múltiplo, é que a obra de arte adquire seu sentido pleno, isto é, todos os sentidos que se quiser segundo seu funcionamento – o essencial é que ela funcione, estejam certos” (Ibid., p. 147).

¹²⁹ (DELEUZE, GUATTARI, 2010).

¹³⁰ “É é notável, na máquina literária de *Em busca do tempo perdido*, até que ponto todas as partes são produzidas como lados dissimétricos, direções quebradas, caixas fechadas, vasos não comunicantes, compartimentações, nas quais até mesmo as contiguidades são distâncias e as distâncias, afirmações, pedaços de quebra-cabeça que não são do mesmo, mas de diferentes quebra-cabeças, violentamente inseridos uns nos outros, sempre locais e nunca específicos, e com suas bordas discordantes, sempre forçadas, profanadas, imbricadas umas nas outras, e sempre com restos” (Ibid., p. 63).

¹³¹ (Ibid.).

O trabalho humano! É a explosão que ilumina meu abismo de tempos em tempos.
“Nada é vaidade; à ciência, e avante!” clama o Eclesiastes moderno, isto é, *todo mundo*. [...] Ah! se apresse, se apresse um pouco; lá, além da noite, as recompensas futuras, eternas... Escapamos delas?... [...] ¹³²

¹³² (RIMBAUD, 2006, p. 91).

Uma pequena luz no fim do túnel

PERSONAGENS

O obscuro

O calvo

O de unhas bestiais

O homem de preto

OITAVO ATO

Voltam à cena os três homens, andando em fila indiana, num ritmo acelerado, e param no centro do palco. Novamente agrupam-se diante do grande muro, de costas para o público, eles parecem transtornados e discutem calorosamente entre si. O local é o mesmo, mas a árvore seca desapareceu. Sabemos tratar-se do mesmo lugar das primeiras cenas da peça porque, apesar de a árvore já não estar mais lá, o mesmo corpo continua pendurado, agora no ar, no lugar onde deveria estar posicionada a árvore. Por algum inexplicável motivo, ouvem-se trovoadas, que parecem estar cada vez mais perto. Se o céu não estivesse completamente azul, julgaríamos haver uma tempestade se aproximando.

O CALVO

Não acredito que perdemos tempo com aqueles lunáticos! Como fomos nos deixar levar pelo desespero e concordamos em ir até aquele acampamento, que mais parecia a sucursal de um hospício?

O OBSCURO

Ok, talvez devamos admitir que nos equivocamos ao dar ouvidos ao primeiro sujeito que apareceu oferecendo ajuda. Mas talvez também não devêssemos nos martirizar de tal maneira, pois já estávamos há tanto tempo vagando, completamente desorientados, que nos agarramos à primeira esperança que surgiu. É compreensível!

O CALVO

(Observando o muro, ainda de costas para a plateia e com uma voz transtornada) Não, eu não me perdoou pelo tempo precioso que perdemos!

O OBSCURO

(Num tom um pouco mais contido) A decisão, entretanto, não foi tomada unilateralmente por você. Nós todos concordamos que a atitude mais acertada era a de acompanhar o sujeito.

O CALVO

Como pudemos não perceber que havia algo estranho no convite de um excêntrico tuaregue indiano, ainda por cima chamado Ivo que Viu a Uva, que queria a todo custo nos extorquir seus royalties sobre os zeros que tínhamos usado sem permissão? Será que todo esse sol que tomamos na cabeça fez com que perdêssemos o bom-senso?

O DE UNHAS BESTIAIS

(Num tom amistoso, como se quisesse restituir os laços de camaradagem prestes a se romper) Esqueça! Tudo isso não passou de um pequeno contratempo. Mais importante é o fato de agora termos indícios muito mais concretos de que talvez exista alguma coisa do outro lado.

O OBSCURO

Exato! E, se o que lhe aflige é o tempo perdido, este é mais um motivo para não continuarmos esta conversa infrutífera.

O CALVO

Ok, admito que talvez vocês tenham razão. (Retirando o chapéu da cabeça, limpando-o da poeira e voltando a colocá-lo) Deveríamos estar pensando numa maneira de construir um veículo ou máquina que nos ajudasse a passar por cima do muro. Ou quem sabe encontrar alguém que já o possua como a velhota a que assistimos anteriormente.

Os trovões parecem estar se aproximando cada vez mais apesar de não haver uma única nuvem no céu. Os três homens olham para o alto, olham para a plateia e se voltam para o muro. Repetem o movimento mais uma vez, mas, na terceira volta, detêm-se na plateia, parecem desconfiar que o som talvez venha dali. Colocam a mão em forma de concha junto à

orelha para ouvirem melhor. Viram-se lentamente e de forma sincronizada em direção ao muro. O barulho aumenta consideravelmente. De repente observam um ínfimo pedacinho de pedra saltar e de um pequenino buraco surgir a ponta de uma broca que em seguida se recolhe. Então tudo volta a ficar em silêncio novamente.

O DE UNHAS BESTIAIS

(Com um olhar desconfiado) Vocês viram a mesma coisa que eu vi? Não me parece plausível que esse som quase ensurdecedor fosse, na verdade, essa pequeníssima broca.

O CALVO

A mim me pareceu que sim, ainda que pouco provável. Mas como tudo parece ter se libertado do fio lógico que lhe mantinha ligado à realidade, essa broquinha, vinda sabe-se lá de onde, pode ser mesmo a responsável por tamanho barulho.

O OBSCURO

(Aproximando-se do buraco e abaixando-se como se fosse espiar por ele)

OS OUTROS DOIS

Não! Cuidado! Não! Não faça iss...

O OBSCURO

(Antes que houvesse tempo de seus companheiros o impedirem, já havia posicionado o olho em frente ao buraco) Vocês precisam dar uma olha nisto aqui! Não é possível se ver quase nada do outro lado, pelo menos eu não estou conseguindo. Apenas um pontinho luminoso brilha muito distante. Acredito que isso se deva a espessura da parede. Sugiro que vocês deem uma olhada com seus próprios olhos!

O DE UNHAS BESTIAIS

(Abaixando-se para conseguir espiar pelo buraco) De fato, não dá pra ver nada do outro lado, além de um minúsculo ponto luminoso. Suspeito que isso se deva à espessura da parede.

O CALVO

Deixe-me dar uma olhada. (Posicionando no buraco) Realmente a parede me parece incrivelmente grossa. E se tentássemos escutar alguma coisa do que se passa do outro lado? (Ajustando sua orelha ao buraco e prestando atenção por um momento) Muito curioso. Não tenho muita certeza, mas acho que estou ouvindo alguma coisa do outro lado. Algo como um murmúrio, como pessoas conversando.

O OBSCURO

Permita-me escutar um pouquinho também! (Posicionando-se) Sim! Acho que você tem razão, quase posso afirmar que algum tipo de som vem do outro lado e que se trata de vozes. Dê uma escutadinha aqui você também (fazendo sinal para O de unhas bestiais).

O DE UNHAS BESTIAIS

(Depois de ter escutado por alguns instantes no buraco) A mim me parece claro, há pessoas conversando do outro lado. No entanto, provavelmente devido à espessura do muro, não consigo identificar nenhuma frase ou palavra, nada sobre o que estão dizendo.

O OBSCURO

O mais importante disso tudo é a possibilidade de existirem pessoas do outro lado!

O DE UNHAS BESTIAIS

Mas e esse orifício? Qual é seu objetivo? Será que estão tentando fazer algum tipo de contato com o lado de cá?

O CALVO

(Abaixando-se junto ao pequeno buraco e gritando a plenos pulmões) OLÁ! TEM ALGUÉM AÍ?! PODEM ME OUVIR?! OLÁ! ALGUÉM?! MAIS ALGUÉM!

Os outros também se juntam ao Calvo e empreendem uma grande gritaria na tentativa de se fazerem ouvir do outro lado. Gritam o mais alto que conseguem, durante alguns minutos, e então cessam e se põem no mais absoluto silêncio, a esperar uma possível resposta vinda do outro lado. Mas nada acontece.

O CALVO

Se existe alguém do outro lado, acho que não nos ouviu.

O OBSCURO

Temos de pensar numa maneira de estabelecer alguma comunicação. Gritar se mostrou improdutivo. A parede é demasiado espessa e alta, por isso não conseguimos nos fazer ouvir.

O DE UNHAS BESTIAIS

(Visivelmente desanimado) Isso parece um teste de nossa resistência! Sempre que alguma esperança desponta no horizonte, logo em seguida ela se mostra inatingível como se fosse uma miragem que perseguimos sem nunca podermos realmente alcançar.

O OBSCURO

Lá vem você falar em realidade! A que realidade você se refere? (Colocando suas duas mãos nos ombros de seu interlocutor e o olhando nos olhos) Não seja idiota! Se acreditássemos na realidade, se estivéssemos atados a ela, nunca teríamos chegado até aqui.

Uma música triste toca ao fundo. Aparentemente os três encontram-se bastante frustrados com toda a situação. Sentam-se no chão de terra avermelhada, de frente para a plateia e de costas para o muro. Observam o público distraidamente enquanto conversam entre si. Em alguns momentos fazem comentários referentes às pessoas que estão vendo sentadas à sua frente. Estabelece-se uma interação entre as personagens e a plateia. Um dos três vai até o público e convida alguém para dançar (um ator oculto na plateia, quem sabe, para o caso de as interações não ocorrerem como o esperado).

Quando o clima de descontração toma conta do lugar, e todos estão com a atenção voltada para a pequena festa entre personagens e público; quando os atores estão quase saindo de suas personagens, quase as esquecendo, um finíssimo rolinho de papel cai do buraco no muro. A música cessa, e as personagens voltam-se espantadas novamente para a cena. Por alguns instantes ficam sem ação, observam intrigadas o papel, enquanto o público volta a ocupar seu lugar.

O DE UNHAS BESTIAIS

O que é isso? Deixe-me ver. Hum! Há uma mensagem, acho que é uma mensagem!

AS OUTRAS DUAS PERSONAGENS

(Sem conseguir conter a empolgação) O que diz?! Depressa, leia de uma vez! Rápido! O que diz?!

O DE UNHAS BESTIAIS

Um instante! Deixem-me ver. Hum! Este papelzinho é mais comprido do que aparenta ser (desenrola uma grande folha, estreita e bastante comprida).

Tudo é possível, nada é possível.

Olá! Espero que vocês estejam lendo esta mensagem aí do outro lado, pois estamos há tempos tentando fazer contato. Não nos conhecemos (por enquanto!), mas acredito que temos alguns interesses em comum. Assim como os ilustres cavalheiros, encontro-me em meio a uma jornada com meus outros dois companheiros: o célebre Dr. Faustroll e seu ajudante Bosse-de-Nage¹³³. Antes que me esqueça, gostaria de me apresentar, sou René-Isidore Panmuphle, meirinho, atividade temporariamente em suspensão, uma vez que, como já referi acima, encontro-me às voltas com uma exploração sem data para terminar.

Já estamos há muito tempo em viagem, tendo como meio de transporte uma versátil invenção do doutor – sua cama-barco em forma de peneira, que possui a vantagem de navegar tanto por água quanto por terra. Depois de explorarmos muitos lugares dentro da própria França, nosso país de origem, e outras terras ainda mais selvagens – como a Terra do amor, a Ilha Amorfa, a Ilha Perfumada, a Ilha de Cyril, a Ilha musical e muitos lugares curiosos –, partimos para viagens que nos apresentassem um maior grau de desafio. Então, acolhendo a sugestão de nosso sucinto companheiro Bosse-de-Nage (que acertadamente se limitou a comentar “ha-ha!”), decidimos que seria interessante e, quem sabe, uma grande contribuição para as ciências, principalmente as cartográficas, empregarmos nosso conhecimento de navegação acumulado, durante anos, numa viagem um tanto mais ousada, uma viagem pela América do Sul na tentativa de encontrarmos o lendário país conhecido pelo nome de Brasil.

Não nos perguntem, pelo menos não neste momento – seria demasiado complicado explicar aqui, por escrito, como ficamos sabendo do desejo de seu grupo em atravessar esse muro, aparentemente intransponível. Mas nos injetou novo ânimo sabermos que havia algo do outro lado, que não estávamos totalmente equivocados em nossas escolhas.

¹³³ (JARRY, 1911).

Poucos dias atrás, em meio a nossas tentativas de transpor o muro, tivemos uma visão surpreendente, a de um veículo de pernas compridas, que conseguiu vencer a barreira com desconcertante facilidade. E, para nossa surpresa ainda maior, era pilotado por uma senhora de idade bastante avançada. Detalhe esse que, na verdade, nos interessou muito menos do que os claros indícios de que havia alguma coisa do outro lado e de que era possível, ou que pelo menos alguém conseguia, se locomover através de tal barreira. Não a vimos mais, já faz algumas semanas, no entanto. Supomos que, se vocês ainda não conseguiram atravessar para este lado, provavelmente não possuem nenhum tipo de relacionamento com tal senhora.

Por isso nosso contato por meio tão imprevisto. Estamos tentando alguma comunicação com seu grupo com a intenção de que possamos nos unir em torno de nosso objetivo comum e mais imediato que é o de atravessar o muro. Ainda não sabemos como realizar tal tarefa, mas gostaríamos de poder contar com sua ajuda.

Também ainda não sabemos qual o nome da terra do outro lado do muro ou se estamos indo na direção correta, o que esperamos poder descobrir em breve. Mas pelo menos agora temos certeza de que existe algo e que existe vida. Através da colaboração mútua acredito que possamos encontrar uma solução para nossos problemas. O que podemos averiguar até o momento é que o muro é demasiado alto para que consigamos transpô-lo sem a ajuda de alguma ferramenta ou máquina. Da mesma forma, abrir algum tipo de fenda através da qual pudéssemos passar nos parece demasiado difícil, uma vez que a espessura da parede é extraordinária. Para que vocês possam ter uma ideia da solidez do muro, basta dizer que trabalhamos durante dois meses nessa perfuração por onde enviamos a mensagem, que torcemos para que tenha chagado às suas mãos e que algum de vocês esteja lendo.

Seria uma grande lástima não conseguirmos manter a comunicação entre os dois lados, porquanto a troca de informações e experiências nos ajudaria a encontrar uma solução para nosso problema. Estamos trabalhando em duas frentes: esperando a próxima passagem do veículo de pernas compridas para tentarmos algum tipo de contato, nem que, numa medida desesperada, tenhamos de derrubá-lo ou, caso não apareça mais, aventamos a possibilidade de construir nosso próprio veículo ou algum tipo de máquina que consiga abrir um buraco de maiores dimensões numa parede tão grossa como essa.

Deixo-lhes meus mais sinceros votos de sucesso e espero que possamos estabelecer uma comunicação o mais depressa possível.

René-Isidore Panmuphle

O DE UNHAS BESTIAIS

(Sem conseguir conter seu entusiasmo) Esta mensagem nos apresenta uma perspectiva totalmente nova! Agora sabemos que existem pessoas do outro lado.

O CALVO

E elas desejam unir esforços conosco, o que me parece promissor.

O OBSCURO

Sugiro que não percamos tempo e respondamos o quanto antes a mensagem recebida.

O CALVO

Concordo, mas devo alertar para um pequeno inconveniente de ordem prática.

O DE UNHAS BESTIAIS

Qual? Fale logo! Não temos tempo a perder!

O CALVO

Acho que não temos nenhum papel conosco, muito menos alguma caneta ou lápis.

Os três homens trocam olhares desolados entre si. Sincronizadamente, sentam-se apoiados no muro e de frente para a plateia como se estivessem perdidos em seus pensamentos, procurando alguma solução para o impasse. Ouvem um pequeno ruído acima de suas cabeças e giram o corpo em direção ao diminuto orifício localizado na parede, de onde parece vir o barulho. Para a surpresa de todos, talvez pela enorme pressão exercida pelo peso das pedras, o pequeno orifício rui e se fecha. O desânimo então toma conta de todos.

Enquanto estão distraídos com sua própria decepção, não se dão conta da aproximação de um indivíduo. O mesmo que já havia aparecido outras vezes, vestindo roupa e chapéu pretos e montado numa bicicleta. Aproxima-se calmamente enquanto os três estão de boca aberta e sem conseguir expressar nenhuma reação. Vem em direção ao muro e, quando parecia iminente seu choque contra a parede, ao encontrar o maciço obstáculo, continua pedalando, alheio a tudo, escala o muro verticalmente com sua bicicleta, os pneus aderindo à parede como se fossem as patas de uma aranha ou de uma lagartixa. O homem da bicicleta ainda aciona sua buzina. Trim! Trim! Trim! Fecham-se as cortinas.

[...] Cai a noite de outubro; regressando como outrora,/ Exceto por uma leve sensação de estar inquieto,/ Galgo os degraus e giro a maçaneta da porta/ E sinto como se houvesse de quatro subido as escadas./ “Como que então viajas? E quando voltas?/ Ora, que pergunta mais tola!/ Dificilmente o saberias./ Hás de achar muito o que aprender lá fora.”/ Caiu-me lento o sorriso entre objetos antigos. [...] ¹³⁴

¹³⁴ (ELIOT, 2006, p. 77).

A vida oculta

Já começava a anoitecer – e, de maneira semelhante à penumbra que tomava o recinto, Brasileiro sentia-se invadido por um gradativo obscurecimento: certa frustração por estar imobilizado, procurando pistas de algo indeterminado. Seu pai desaparecera, isto era um fato, mas todo o resto parecia esfarelar entre seus dedos. No entanto ele sentia que estava muito próximo de conseguir algo que pudesse segurar nas mãos, que alguma coisa começava a se desenhar, apenas ainda não sabia definir muito bem o quê. Mas não lhe parecia o suficiente.

O material armazenado naquela sala aparentava ser infindável. Era como se estivesse procurando uma agulha num palheiro. Alguma coisa, entretanto, haveria de servir, não podia acreditar que alguém desaparecesse sem deixar rastros. E, no caso de seu pai, se havia alguma pista a ser descoberta, ela haveria de estar naquela sala onde o desaparecido passava a maior parte de seu tempo e onde estavam arquivados os documentos de toda uma vida.

Levantou-se de onde passara quase o dia todo sentado, pois já não conseguia ler mais nada devido à escuridão. Sua intenção imediata era a de encontrar o interruptor para que pudesse acender as luzes e assim retomar sua leitura. Não teve muita dificuldade; porque, como na maior parte das casas, o interruptor estava posicionado ao lado da porta. Porém esse pequeno movimento que parecia irrelevante se mostrou não o ser. Ao ligar as luzes pôde perceber, numa das estantes próximas à porta, uma pilha de correspondências em que não havia reparado até aquele momento. E qual não foi seu espanto quando as examinou e se deparou com um detalhe um tanto estranho: a maioria das cartas tinha como remetente sua mãe, e os carimbos nos envelopes possuíam datas não muito antigas, algumas de alguns meses atrás. Como isso poderia ser possível, dado que sua mãe havia falecido há dois anos? Voltou a se sentar à mesa, agora com a nova pilha de envelopes nas mãos e seu sangue superaquecido percorrendo o corpo numa intensidade que parecia querer estourar-lhe todos os vasos e veias. Abriu aleatoriamente uma das correspondências e se pôs a ler.

Porto Alegre, 08 de março de 2001.

Meu querido! Primeiramente, peço-lhe desculpas pela demora na resposta de sua última carta. Espero que tudo esteja correndo bem por aí. Por aqui as descobertas não param. Como já havia mencionado nas correspondências anteriores, esqueça tudo que você havia (que havíamos) conjecturado a respeito do Brasil. Tudo parece encontrar-se envolto numa

atmosfera fantástica, como em um sonho ou em um delírio. Estou num dos pontos extremos desta terra e, pelo que tenho ouvido dizer, por parte dos locais, a tarefa de estabelecer uma imagem coerente a respeito do lugar é praticamente impossível. Apesar de você já haver ficado surpreso com meus relatos anteriores, o que ainda não contei talvez supere todo o resto. Quer dizer, ainda não sei muito bem qual o limite máximo que tal exotismo poderá alcançar – pois os fatos não cessam de espantar a mim mesma, que os presencio ou escuto pessoalmente, que dirá você que apenas os lê, sob o filtro de minha interpretação, de tão longe.

Tenho me surpreendido todos os dias com a simpatia das pessoas, talvez estejam sendo amáveis apenas por se tratar de uma senhora idosa viajando sozinha e, além do mais, estrangeira. Do alto dos meus 78 anos, nem mesmo eu poderia imaginar estar vivendo uma experiência tão incrível e ao mesmo tempo tão radical. Entretanto algo tem me deixado um tanto confusa – apesar de toda a novidade a que sou apresentada nesta terra, esta parte do país em muitos momentos lembra vagamente a Europa. Não sei dizer ao certo, talvez pelo fato de o povo daqui ser um tanto reservado, destoando um pouco da ideia que fazíamos deles, construída majoritariamente através de nossas leituras para a pesquisa. Parece-me que alguns deles sentem certo orgulho de se parecerem europeus, o que eu, de minha parte, não vejo vantagem alguma. Você pode até não acreditar, mas juro que é verdade, que inclusive algumas cidades se revelaram uma espécie de pantomima difusa e constrangedora da velha Europa. Em algumas delas, parte da população se comunica através de uma linguagem metamorfoseada, que lembra vagamente alguns idiomas do velho continente – sobretudo o alemão, o italiano e o polonês. Apesar disso, tais cidades não deixam de ser eminentemente brasileiras, seja lá o que isto queira dizer.

Pude presenciar o lendário carnaval, onde as pessoas fantasiadas saem às ruas para confraternizar, dançar, beber... Confesso que fiquei um pouco decepcionada: eu esperava algo mais grandioso. Pelo que soube, no resto do país, principalmente no Rio de Janeiro, Bahia, Recife, São Paulo, a população adere com maior entusiasmo à festa. As poucas que presenciei por aqui me pareceram um tanto pobres. Não pude observar nenhum majestoso e colorido carro alegórico ou fantasia. Por algum tempo achei que eram produtos da imaginação estrangeira, que faziam parte das lendas, até ser informada de que essa era uma característica local, de um Estado um pouco mais conservador e contido – onde o carnaval não possuía a mesma importância que para o restante do território nacional.

Há por aqui também um tipo de tradição diferente do resto do país, representada por uma figura que carrega consigo um forte traço de fábula e que é celebrada por todo o Estado, principalmente numa determinada época do ano – tal figura é conhecida como gaúcho. Um

tipo que remete a um tempo mítico, da ocupação do território. Uma figura muito mais ligada aos países que fazem fronteira com este Estado do que com o resto do país. O gaúcho – que originalmente era visto como uma espécie de pirata dos campos abertos, que vivia de pequenos crimes, do abate do gado selvagem que vivia livremente por aqui – de uma forma misteriosa fora alçado a símbolo do povo sulista. Devo admitir que se trata de uma transmutação muito curiosa, mas que me parece ser típica de muitos mitos de origem.

Despertou meu interesse, especialmente, uma instituição bastante difundida por toda a sociedade brasileira: ela se chama Escola. Em nossas pesquisas prévias, não me lembro de ter lido nada sobre tal instituição. Talvez você se lembre de algo, eu não. No momento me encontro no processo de levantamento de mais dados sobre o assunto, mas o que posso apontar, de maneira bastante resumida, é o seguinte: trata-se de um lugar para onde são mandadas as crianças, a partir de uma determinada idade, querendo elas ou não, onde são mantidas até o fim da adolescência (eu acho, ainda preciso coletar mais informações). Teoricamente, é um tipo de lugar onde os jovens receberiam o treinamento necessário à vida em sociedade – e que me pareceu nem sempre funcionar como o esperado. De maneira geral, os indivíduos possuidores de uma posição social privilegiada enviam seus filhos a escolas particulares (pagas), onde recebem uma formação bastante diferenciada daquela destinada aos mais pobres. Parece-me uma maneira de delimitar precocemente as fronteiras que separam as diferentes classes sociais, talvez por isso a mobilidade entre os estratos, por aqui, seja tão difícil, quase impossível. Na maior parte dos casos, um indivíduo que provenha de uma classe desfavorecida, ingressará numa escola pública – onde o ensino deixa a desejar em muitos sentidos (por falta de recursos, por pior remuneração dos professores etc) –, onde já iniciará sua vida em desvantagem, desvantagem esta que, na maioria das vezes, o acompanhará por toda a sua existência. Tenho a intuição de que esse talvez seja um dos temas centrais (entre tantos outros) para entendermos este lugar chamado Brasil; porém, como disse anteriormente, ainda preciso de mais informações sobre o assunto.

Vou ficando por aqui. Meu coração já não aguenta a saudade, mas ainda tenho muito trabalho pela frente, por isso julgo que minha estadia por aqui não será nada breve. Prometo-lhe escrever, sempre que puder, para lhe manter inteirado sobre a evolução de minhas pesquisas. Mande-me notícias de Brasileiro. Como vão as coisas com ele? Não desconfiou de nada até agora? Espero ansiosamente suas cartas!

Morrendo de saudades!

Sua F.

O suor gelado molhava os cabelos e escorria pela testa de Brasiliano, pois a carta que acabara de ler era, em todos os sentidos possíveis, desconcertante. Como ela poderia ser de sua mãe, dado que ela havia falecido há dois anos? Estava confuso. Já nem lembrava direito quanto tempo havia passado desde sua morte. Por outro lado, um lado ainda mais atordoante, nunca ficara sabendo de alguma feita por ela. Assim como também não havia tomado conhecimento de nenhuma atividade, relacionada à sua mãe, que não dissesse respeito aos cuidados do lar e da família. Era como se, de repente, ele se desse conta de que nunca conhecera realmente a mulher a que chamara por toda a vida de mãe.

Havia vindo até a casa de seu pai no intuito de fazer contato, de esclarecer o motivo de seu repentino desaparecimento. Agora, no entanto, as questões a serem resolvidas multiplicavam-se como que ao infinito. Além de descobrir onde seu pai tinha se metido, precisava, a partir dos inúmeros novos fatos que as circunstâncias lhe apresentaram, também encontrar as respostas a respeito da vida paralela de sua mãe a que nunca tivera acesso. Encontrar seu pai talvez fosse um primeiro passo em direção à solução dessas questões. Por onde o velho professor andava naquele momento? Quem era aquela mulher tão cheia de segredos? Brasiliano acreditava que uma questão imbricava necessariamente a outra.

Charadas, habilidades pop/ Água de jacinto/ Nomeada por um poeta/ Imitação da vida/
Como uma carpa num lago congelado/ Como um peixe dourado numa tigela [...] ¹³⁵

¹³⁵ (BUCK; MILLS; STIPE, 2001, tradução nossa).

Seguindo os passos de uma família fantasma

Não saberia localizar com precisão em que momento, de um passado agora já não tão recente, tomei conhecimento da história envolvendo o desaparecimento da família Vera Cruz. Não, não se preocupe! Trata-se de um sobrenome um tanto comum, por isso acho que posso mencioná-lo sem que isso acarrete nenhum problema. Fique tranquilo! Pois tudo o que eu lhe contar poderá ser publicado em seus mínimos detalhes. Terei o cuidado de omitir os fatos que eu entenda que devam ser mantidos em segredo.

Bem. Vejamos. Lembro-me apenas das circunstâncias em que fui designado para assumir o caso, cujas investigações (sei que você já sabe disso, mas devo insistir neste ponto) deveriam transcorrer no mais absoluto sigilo. Era uma manhã fria de outono (de algum ano perdido na névoa do tempo); eu me encontrava, como sempre, cumprindo minhas funções na sede da ONU às margens do rio East. E tenho de confessar que, apesar de já ocupar o cargo de Investigador Internacional Sênior há alguns anos, ainda não havia me deparado com um caso tão intrincado. O que posso revelar aqui, sem correr o risco de comprometer minha carreira, são apenas alguns fragmentos de um todo que, mesmo para mim, ainda possui muitas peças soltas. Apesar disso, tenho a inabalável convicção de que tal história deve ser contada, para que possa, quem sabe, alcançar o maior número de pessoas – como um tipo de contribuição para o entendimento das forças, quase sempre incontroláveis, envolvidas no desaparecimento diário de pessoas em todo o mundo. Nem tanto pela vontade de que algum tipo de verdade pudesse vir à tona, mas muito mais como exemplo dos caminhos tortuosos pelos quais vidas, aparentemente muito parecidas com a de todos nós, podem seguir. Afinal de contas, talvez a verdade não passe de um ângulo de visão – um ínfimo movimento dos olhos, e ela não se encontra mais lá.

Eu estava em minha sala localizada no quinto andar daquele conjunto de edificações que se destacam tanto por sua forma arrojada quanto pela brancura de suas paredes, que destoam da paisagem acinzentada da velha Manhattan e cujo projeto arquitetônico sofreu grande influência de Oscar Niemeyer e Le Corbusier. Esparramado em minha cadeira giratória, numa atitude muito pouco profissional, jogava paciência no computador, quando o mensageiro entrou e me entregou uma correspondência interna. Talvez seja pertinente esclarecer que o e-mail já era amplamente utilizado, sendo o correio interno destinado apenas às mensagens de extrema importância, que se enquadrassem no rol de assuntos que eram tratados sob rigorosos protocolos de confidencialidade. A mensagem de minha chefe

solicitava meu comparecimento em sua sala às 14h daquele mesmo dia. O que significava que eu ainda tinha um resto de manhã para matar até o horário de minha reunião, então acendi mais um cigarro e continuei a partida de paciência.

Alguns dias depois eu já tinha em mãos todo o material relacionado ao desaparecimento da família disponível até aquele momento. Os documentos e relatórios a mim confiados, por minha superior Kumiko Sanchez (uma figura exótica da qual tratarei adiante), eram apenas o início de um pequeno fio que eu deveria seguir na tentativa de esclarecimento dos fatos – na verdade um fiapo.

A Comissão de Direitos Humanos de um determinado país da América Latina (cujo nome devo manter em sigilo) entrara em contato com o escritório central da ONU, solicitando ajuda para um caso aparentemente insolúvel e que, além disso, talvez possuísse ramificações internacionais. O que posso revelar, sem que isso atrapalhe as investigações ainda não encerradas, é praticamente tudo o que sei.

Há três anos, um professor aposentado desapareceu de maneira misteriosa. O que sabemos é que, após sua aposentadoria da universidade onde lecionava história e arqueologia, ele continuou suas pesquisas sobre um tema bastante pitoresco em que trabalhava antes do afastamento de suas funções como professor, por conta da já mencionada aposentadoria. Sua esposa havia falecido uns anos antes, por isso, supomos que ele devesse ser um homem relativamente solitário. O que alguns relatos tendem a confirmar. Um homem um tanto ensimesmado, mas que, mesmo assim, ainda mantinha contato esporádico com seu único filho. Tudo começa a encobrir-se por um véu de mistério quando o tal professor fica algumas semanas sem se comunicar com o filho, que, por sua vez, resolve ir até a residência do pai para tentar descobrir o que acontecera. Algumas câmeras de segurança, das ruas do bairro onde o professor morava, captaram as imagens de seu filho chegando ao local, tentando o chamar e, aparentemente ao não obter nenhuma resposta, arrombando a porta da residência. O que aconteceu depois é demasiado incerto. Sabemos apenas que ele ficou dentro da casa por cerca de cinco horas. As câmeras, no entanto, não registraram sua saída, e desde então ele também nunca mais foi visto.

A versão da história que chegou até mim é a reconstrução dos últimos passos dos integrantes da família Vera Cruz, realizada pela polícia local, a partir do material encontrado em suas residências. Depois disso, tenho de admitir que evolui muito pouco em direção a um esclarecimento do que pode ter acontecido com essas pessoas.

Um curioso ponto de convergência entre todos os membros da família em questão, talvez fruto de algum tipo de tradição compartilhada por eles, era a escrita de diários com uma

regularidade surpreendente. Não podemos negar que eles possuíam uma relação bastante íntima com a escrita e com a leitura, porque, além dos diários, outro ponto em comum entre todos os desaparecidos era a casa repleta de livros dos mais variados gêneros. E foi justamente a partir dessas características comuns que conseguimos estabelecer um ponto de partida para nossas investigações, dado que se tratava de uma família bastante reservada.

Os textos da mãe (pelo menos a parte a que tive acesso, não saberia dizer se o material que nos foi entregue é a totalidade do que foi encontrado pela polícia local) engendraram algumas hipóteses curiosas. Aliás, a maior parte dos escritos encontrados versa sobre teorias que alguns poderiam julgar, no mínimo, extravagantes. Talvez digam respeito a alguma área muito específica do conhecimento. Juro que tentei averiguar junto a diversos acadêmicos, sem muito sucesso. A maioria deles, entretanto, afirmou que – apesar de à primeira vista serem coerentes, referindo-se a autores conhecidos e respeitados na maioria dos casos, mas fazendo um uso imprevisto de suas ideias –, tais teorizações não se enquadravam muito bem em nenhuma das ciências desenvolvidas dentro das universidades em que trabalhavam ou qualquer outra por eles conhecida. Talvez você já tenha conseguido perceber a situação em que me encontro, pois a investigação seguiu essas pistas um tanto incertas, onde em muitos momentos a ficção e a realidade se entrelaçaram de maneira irremediável. Em várias dessas ocasiões, não consegui saber com muita clareza se eu seguia a trilha deixada pelas pessoas que eu estava procurando ou se percorria um caminho que eu mesmo havia pavimentado. Para que você consiga ter uma ideia, mesmo que um tanto inexata, tomemos como exemplo um dos textos contidos num caderno de anotações da mãe. Preste atenção e tire suas próprias conclusões.

13 de junho de 2001

***Mimesis* sulcando o mundo**

Talvez pudéssemos nos apropriar e subverter – em direção a nossos propósitos teóricos e práticos – a leitura que Gilles Deleuze faz de Spinoza, ao afirmar que este propõe o corpo como um novo modelo para o pensamento e, a partir disso, levanta a questão correlata e não menos importante: “Não sabemos o que pode o corpo [...]”¹³⁶. Leitura que vai ainda um

¹³⁶ (SPINOZA apud DELEUZE, 2002b, p. 23).

pouco mais longe, porque nos mostra que, para Spinoza, assim como saberíamos muito pouco sobre o corpo e sua potência, também quase nada saberíamos sobre o pensamento e suas possibilidades. Existiria então uma profunda correspondência entre o desconhecimento do corpo e a inconsciência do pensamento¹³⁷.

Inspirados por tais questões (e as corrompendo, extrapolando) talvez pudéssemos tentar pensar as afinidades entre a literatura e o mundo ou, sua variante, entre a literatura e a realidade (de uma máquina literária operando no mundo). Para tal empreitada, teríamos de retomar a questão spinozista, agora em outros termos: será que sabemos o que pode a literatura? De que forma ela opera na realidade, caso consiga operar de fato? Como fazemos tal ligação? Entretanto não poderíamos aspirar a responder tais questões antes de termos um pouco mais de clareza sobre tal relação.

Muitas são as teorias sobre as aproximações e distanciamentos entre a ficção e isto que poderíamos chamar, de uma maneira um tanto vaga, de realidade. Tentaremos mostrar, aqui, que a maior parte daquelas que tentam uma reconciliação entre as duas esferas em questão igualmente conferem papel central ao leitor. Acreditamos que, como uma espécie de apanhado dos múltiplos pontos de vista teóricos sobre o tema, sejam bastante esclarecedores os apontamentos feitos por Antoine Compagnon (1950-).

Ele nos mostrará que um ponto de convergência entre os diferentes autores, ao tratarem das ligações entre a literatura e a realidade (ou o mundo), é o conceito de *mimesis*, elaborado por Aristóteles (385 a.C.-323 a.C.) em sua *Poética* – usualmente traduzido como imitação, representação, verossimilhança etc¹³⁸. Trata-se de um conceito constantemente questionado por parte da teoria literária que defende a autonomia da literatura em relação à realidade. É a posição de Philippe Sollers (1936-), por exemplo, que denuncia algo que poderíamos chamar de uma ilusão do realismo. Para ele, a noção de que a literatura deveria expressar algo que se desenvolvesse fora dela mesma não passaria de um preconceito – dado que a própria ideia de realidade não seria nada mais do que uma convenção social. Por isso ler um texto visando a uma determinada realidade exterior seria um equívoco. Mas se damos tal tratamento a um livro ou texto, que faz referência apenas a si mesmo, para que serviria tal literatura? Como poderíamos operacionalizá-la no fazer educacional? Ela ampliaria ou limitaria os horizontes do leitor, do estudante ou do professor?

Contudo quiçá exista um caminho possível em direção a um religamento entre a literatura e a realidade. Compagnon nos indicará tal possibilidade ao sugerir que – se, por um

¹³⁷ (DELEUZE, 2002b).

¹³⁸ (COMPAGNON, 1999).

lado, alguns entusiastas da *mimesis* adotaram a ideia da literatura como imitação do mundo e se, por outro, seus críticos a acusaram de ser apenas uma representação sem exterioridade – existiria uma terceira posição para além desse dualismo. Tal possibilidade se apresentaria na forma de uma tentativa de releitura da *mimesis*, agora não como um conceito passivo, mas eminentemente ativo; como conhecimento e não cópia ou cópia da cópia. Para tal empreitada nos coloca a par de três conceitos da *Poética* relidos por Northrop Frye (1912-1991): “*muthos* (a história ou a intriga), *dianoia* (o pensamento, a intenção ou o tema), e *anagnôrisis* (o reconhecimento)”¹³⁹.

O *muthos* sendo entendido, aqui, como aquilo que seria responsável pelo agenciamento (ou a concatenação) dos acontecimentos. A partir disso, Frye entenderá a *mimesis* como a responsável por estabelecer uma relação entre os acontecimentos – que sem essa intermediação se tornariam aleatórios –, ou seja, torna-os, em alguma medida, inteligíveis. A *dianoia* estaria incumbida da demonstração do ser ou não ser de algo, como uma direção de interpretação apresentada ao leitor com vistas à unidade. Já a *anagnôrisis* seria uma reviravolta na própria história que possibilitaria o conhecimento, presente principalmente na tragédia¹⁴⁰. O conhecimento, ou o reconhecimento, seria um dos pontos principais na argumentação de Frye, que faria uma transposição do reconhecimento do herói no interior de uma história para o reconhecimento do espectador ou leitor fora dela, na realidade¹⁴¹. Ao realizar tal movimento ele identificaria um funcionamento da *anagnôrisis*, e, por consequência, da *mimesis*, fora da história – restabeleceria uma ligação entre a ficção e a realidade. “O reconhecimento transforma o movimento linear e temporal da leitura na apreensão de uma forma unificante e de uma significação simultânea.”¹⁴² Movimento que erigiria uma ponte entre a intriga (*muthos*), o tema e a interpretação (*dianoia*), unificando-as. Teríamos então a participação simultânea do protagonista da história e do leitor. Cabendo a este o estabelecimento da coerência em relação ao todo. Operação realizada retrospectivamente, no reconhecimento da estrutura inteligível da história, fazendo a amarração entre início e fim da narrativa. Estaria sendo operado um deslocamento nas leituras anteriores do conceito de *mimesis*, que, além de imitação ou representação dos acontecimentos, apresentar-se-ia também como agenciamento.

¹³⁹ (Ibid., p. 124).

¹⁴⁰ (Ibid.).

¹⁴¹ “Parece que a tragédia chega até um *Augenblick*, ou momento crucial, a partir do qual o caminho em direção ao que poderia ter sido e o caminho em direção ao qual vai ser serão vistos simultaneamente. Vistos, ao menos, pelo público” (Ibid., p. 125).

¹⁴² (Ibid., p. 127).

A partir de Paul Ricoeur (1913-2005), Compagnon nos mostrará que, se a *mimesis* possui algum vínculo com algo que se assemelha à imitação de realidade, esta seria muito mais uma imitação criadora. Como um tipo de “incisão”¹⁴³, que corta a ficção e nos possibilita a introdução de algo do real na literatura. Por isso a *mimesis* também poderia ser lida como ligação com o mundo, porque teríamos, além de uma referência ao real, a percepção do leitor ou espectador. Sendo que o real se deixaria vislumbrar nestes dois aspectos, operando a ligação com a realidade e não apenas a cortando (atravessando-a) no movimento que Ricoeur chamou de transposição¹⁴⁴.

A *mimesis* nos será então apresentada como operação criadora¹⁴⁵, possibilitada pela interação; ou seja, pelo reconhecimento engendrado pela obra e vivenciado por parte do leitor. Como uma possibilidade (ou potencialidade) de viver o mundo. E a narrativa (seja ela ficcional ou histórica) podendo ser apreendida como uma forma de conhecimento. Conhecimento ligado profundamente ao tempo, responsável pelo encadeamento dos acontecimentos, por lhes moldar uma forma, estabelecer um início e um fim¹⁴⁶. Assim sendo, poderíamos dizer, com Ricoeur, que a *mimesis* é igualmente experiência com o tempo.

***Mimesis* produtora de diferença**

Outro importante teórico da *mimesis*, construtor de um percurso que converge em muitos pontos com as reflexões apresentadas por Compagnon, é Luiz Costa Lima. Tomemos como referencial seu livro *Mimesis: desafio ao pensamento*¹⁴⁷, por exemplo. Nele o autor empenha-se em refletir sobre o conceito, em consonância com alguns pensadores da matriz teórica que se convencionou chamar de pós-estruturalista – estando de acordo com eles em muitos aspectos, porém discordando em outros tantos. Principalmente no que chamou, dentro de sua heterogeneidade, de teorias “antirrepresentacionais”¹⁴⁸. Propondo uma leitura

¹⁴³ (Ibid., p. 127).

¹⁴⁴ “Em torno da *mimèsis* como configuração poética e como função de mediação, o real permanece presente nos dois aspectos” (Ibid., p. 127).

¹⁴⁵ “A *mimèsis* como atividade criadora, como incisão, se insere entre a pré-compreensão da *mimèsis I* e a recepção da obra da *mimèsis II*: ‘A configuração textual opera uma mediação entre a prefiguração do campo prático e sua refiguração pela recepção da obra’” (Ibid., p. 127-128).

¹⁴⁶ “O tempo torna-se humano na medida em que é articulado a um modo narrativo, e a narrativa atinge sua significação plena quando se torna uma condição da existência temporal” (RICOEUR apud COMPAGNON, 1999, p. 128).

¹⁴⁷ (LIMA, 2014).

¹⁴⁸ (Ibid.).

renovadora da *mimesis*, que não prescinde de algumas proposições pós-estruturalistas; mas para, a partir delas, abrir um novo flanco de pensamento sobre o tema.

Diferindo dos autores com quem dialoga e amparado em alguns conceitos kantianos, sobretudo extraídos de sua *Crítica da faculdade de julgar*, o autor nos sugerirá que, se a *mimesis* faz referência ao que poderíamos chamar de real, tal referência não se confundiria com algo “natural” ou fixo. Seria, acima de tudo, constituída por uma movimentação de caráter histórico e social, fortemente influenciada pelas interferências culturais a que são expostas as obras de arte, sobretudo pela literatura. E, como desdobramento de tal questão, ele nos apresentará a seguinte indagação: se, como sugerem as teorias antirrepresentacionais, a obra de arte não possui referente, como poderíamos apreciá-la? Lima lançará mão da hipótese de que tal corrente de pensamento faz uso de alguns conceitos kantianos, de maneira muito particular, para negar a própria teoria kantiana. Principalmente por não levar em consideração o efeito da obra sobre o receptor e por conceder autoridade e consciência ilimitadas àqueles que arbitram sobre a obra de arte, sejam eles filósofos, teóricos ou críticos¹⁴⁹. O que ele nos propõe, por conseguinte, é um tipo de operacionalização da *mimesis* que tente escapar à dualidade oscilante entre a “intencionalidade do produtor” e a “interpretação proposta”¹⁵⁰ – ou seja, esquivar-se deste lugar onde algum tipo de sujeito ocuparia uma posição privilegiada com relação à obra.

Por isso, ele fará uma leitura renovadora do conceito de *mimesis*, em que o princípio da semelhança já não ocuparia uma posição privilegiada; mas – teríamos agora, em primeiro plano – seu caráter de produção de diferença. O que, segundo ele, não contradiz totalmente a leitura clássica do conceito; porque, por mais extrema que seja a forma como a diferença se apresente, ele sempre carregará consigo, algum grau, algum resíduo de semelhança. Um resquício de semelhança não tanto com algum tipo de natureza, em sua acepção clássica, mas com as significações com que cada sociedade idealiza sua natureza¹⁵¹.

O que não implicaria afirmar que à *mimesis* estaria vedada qualquer referência ao mundo natural ou aos objetos. Mais importante, neste caso, seria entendermos que a diferença produzida pelo conceito é engendrada a partir das semelhanças e que tais semelhanças são articuladas e percebidas sempre dentro de um determinado universo sociocultural. O que possui relação com aquilo que Émile Durkheim (1858-1917) e Marcel Mauss (1872-1950)

¹⁴⁹ (Ibid.).

¹⁵⁰ (Ibid., p. 46).

¹⁵¹ (Ibid.).

chamaram de “formas de classificação da sociedade”¹⁵², ou seja, certa ordem hierárquica que comanda nossos princípios classificatórios – cujo modelo não se encontra nem em nossa consciência nem no mundo sensível. “A forma de classificação, com o privilégio do simbólico sobre o fluxo dos eventos e a configuração de valores que orientam a conduta social, constitui o fundo de semelhança sobre o qual operam as diferenças da *mimesis*”¹⁵³.

Em razão disso, seria equivocado afirmarmos que a *mimesis* segue algum tipo de modelo. Pois, muito mais do que seguir um padrão determinado, ela estabelece um diálogo com tais formas sócio-históricas. Os produtos da *mimesis* apresentariam alguma legibilidade apenas quando lidos a partir (ou dentro) de tais estruturas. Isso não quer dizer que as obras de arte tenham sempre como objetivo imediato a comunicação, pois nem sempre o têm. No entanto elas compartilhariam com a linguagem uma característica comum: a necessidade de um código socialmente compartilhado. Mesmo que, no caso da arte, tal código se apresente muitas vezes estilizado. Caso deslocássemos uma obra de arte de determinada sociedade à outra, a maneira como ela seria percebida sofreria igualmente mudanças. Daí a afirmação do autor de que a *mimesis* não poderia ser reduzida nem à posição do produtor nem à do receptor¹⁵⁴. Pelo menos não apenas a elas.

Fundamentais em sua argumentação são os conceitos de “sujeito fraturado” e de “representação-efeito”. Ele partirá de uma crítica do “sujeito solar” cartesiano – cuja razão seria o objetivo e conferiria sentido a sua existência. Descartes (1596-1650) não operaria diretamente com o conceito de *mimesis*, nele encontraríamos em ação a ideia de *imitatio*, que seria um recurso retórico auxiliar na observação geométrica e no cálculo matemático. Na verdade, Descartes nutria certo desprezo pelas coisas que mantêm alguma semelhança com o “signo natural”¹⁵⁵. Daí seu apreço pela matemática, o único tipo de escrita capaz de produzir demonstrações mais próximas das evidências. E, juntamente com tal linguagem, estaria sendo erigida a crença num novo tipo de “justo”, que já não se guiaria por um tipo de verdade revelada, mas “[...] pela fria capacidade demonstrada na linguagem correta [...]”¹⁵⁶, ou seja, a matemática. Os sentidos e a imaginação serão vistos como indesejáveis, como verdadeiros “demônios tentadores da mente”¹⁵⁷. O corpo como um lugar suspeito, servindo apenas como espaço de funcionamento da mente. O *cogito* cartesiano seria então esta entidade dessubstancializada e espiritual. De um lado, teríamos a perfeição do *cogito* que buscaria

¹⁵² (Ibid., p. 47).

¹⁵³ (Ibid.).

¹⁵⁴ (Ibid.).

¹⁵⁵ (Ibid., p. 66).

¹⁵⁶ (Ibid., p. 67).

¹⁵⁷ (Ibid.).

sempre se aproximar da perfeição divina. De outro, o homem, seu corpo e a armadilha da imaginação, conjugada à falibilidade de seus sentidos. Daí a fratura irreconciliável que aprisiona o sujeito entre a capacidade de conhecimento e a limitação divina¹⁵⁸.

Outro conceito fundamental, utilizado por Lima em sua teorização sobre a *mimesis*, é o de “representação-efeito”, elaborado por Kant (1724-1804) na obra intitulada *Crítica da faculdade de julgar*. Se em Descartes, no empreendimento da pesquisa da natureza, a capacidade do pensamento de pensar-se a si próprio era condição suficiente – em Kant não o será, pois a investigação de um fenômeno não poderá seguir adiante sem que antes sejam estabelecidas as “[...] condições transcendentais do conhecimento, *i.e.*, daquelas que independem de propriedades particulares a este ou àquele sujeito individual [...]”¹⁵⁹. Pois, para Kant, o conhecimento não passaria apenas pela pura intuição sensível. O que, contudo, de alguma maneira, ainda o liga a Descartes é a continuidade da crença numa força maior, no divino; porém agora a principal propriedade da razão manifesta-se através da capacidade de propor questões, de problematizar o entendimento, mantendo a esfera do divino apartada do conhecimento. Mesmo a linguagem já não se vincularia ao criador, mas faria parte do mundo, juntamente com todas as coisas que o compõem.

Dando um salto na exposição das concepções kantianas, mais importante, aqui, talvez seja ressaltar que, enquanto Descartes desconsiderava a imaginação e as sensações na construção do conhecimento, para Kant, estas terão papel importante na percepção estética. Poderíamos dizer que a representação nas artes, para o autor – uma espécie de imagem mental, de segunda ordem, derivada de uma primeira –, não se ofereceria como imitação de uma natureza dada; mas como uma representação-efeito em que os afetos sofridos pelos sujeitos teriam uma posição de centralidade. A arte produziria um efeito¹⁶⁰ em seu receptor. A representação-efeito seria responsável pela ligação de um receptor à coletividade a que pertencesse, sem agir sobre ele de maneira determinista, mas, ainda assim, exercendo um papel fundamental.

A *mimesis*, apesar de sofrer alguma fricção com as coisas do mundo, já não se confundiria com elas, ou não apenas isso; antes, estaria em contato numa relação de troca, pois também acrescentaria alguma coisa à realidade. Não serviria como auxiliar no encontro

¹⁵⁸ “O conhecimento teológico do suprassensível se impõe ao sujeito do *cogito* por decorrência deste reconhecer-se finito e, portanto, limitado. Em poucas palavras, a ideia de fratura está implicada e, simultaneamente, suturada e, por conseguinte, obstruída pela proximidade do teológico.” (Ibid., p. 70).

¹⁵⁹ (Ibid., p. 75).

¹⁶⁰ “O efeito é a precipitação (atualização) em um receptor de uma organização representativa. Pode-se acrescentar que essa organização, sendo de ordem sociocultural, é relativamente independente do objeto que se apresenta.” (Ibid., p. 86).

de uma verdade, uma vez que também seria uma de suas produtoras. Porquanto possuiria como condição justamente um sujeito fraturado a quem o pensamento já não bastaria para reconhecer-se a si mesmo¹⁶¹ – um sujeito que teria de assumir a profunda diferença entre o pensar-se a si próprio e o pensar o mundo. Sujeito que não compreenderia totalmente a si mesmo e nem o poderia, para quem não haveria outra coisa a fazer além de abraçar a própria incerteza constitutiva.

***Mimesis* e paradigma indiciário**

Completando a tentativa de deslocamento do conceito de *mimesis* – cujas linhas gerais seguimos na companhia de Compagnon e Lima –, chegamos à leitura feita por Terence Cave (1938-), apresentada por Compagnon, que privilegia a ideia de *anagnôrisis* (ou reconhecimento) exposta na *Poética* de Aristóteles. Ele insistirá na centralidade da operação de reconhecimento como fator de inteligibilidade na leitura de uma obra¹⁶². Cave estabelecerá uma frutífera relação entre a *mimesis* e o paradigma cinegético (relativo às técnicas de caça) descrito por Carlo Ginzburg (1939-), transformando o leitor, desta forma, numa espécie de detetive, a quem caberia recolher e decodificar os diversos indícios, apresentados pelos textos literários, com a finalidade de elaborar um sentido para a história sobre a qual estaria se debruçando. Os signos que nos são apresentados pela obra ficcional seriam análogos àqueles recolhidos por um investigador: pegadas, indícios, marcas, assinaturas. Caberia ao leitor, a partir da coleta e interpretação, a reconstrução da trama.

O paradigma indiciário de Ginzburg tem sua origem no método, elaborado por Giovanni Morelli (1816-1891), destinado à identificação da autoria de quadros cuja identidade de seu criador seja nebulosa ou ignorada. Método pouco difundido, por parecer um tanto insólito se comparado ao de outros historiadores da arte de sua época. Segundo Morelli, seria necessário prestarmos atenção aos pormenores quase sempre ignorados numa pintura: a forma com que os dedos, os lóbulos das orelhas ou as unhas, por exemplo, foram pintados por determinado artista¹⁶³. Morelli estabeleceu procedimentos que transformavam o conhecedor de arte em uma espécie de detetive, que revelaria o autor de uma obra a partir de indícios negligenciados pela maior parte dos demais conhecedores.

¹⁶¹ (Ibid.).

¹⁶² (COMPAGNON, 1999).

¹⁶³ “Como um criminoso é traído por suas impressões digitais [...] qualquer museu estudado por Morelli adquire imediatamente o aspecto de um museu criminal [...]” (GINZBURG, 1989).

Ginzburg dirá que o método indiciário também teria sido utilizado, de alguma maneira, por Sigmund Freud (1856-1939) – dado que suas interpretações estavam centradas em resíduos, em elementos marginais agora trazidos à tona e considerados relevantes. O historiador italiano sugerirá ainda uma aproximação entre os procedimentos de Morelli, Freud e até mesmo da personagem ficcional Sherlock Holmes. Pois, nos três casos, as interpretações seriam elaboradas com base num material infinitesimal, invisível à maioria, possibilitando a apreensão de uma realidade oculta. As pistas, apesar de semelhantes, apresentar-se-iam de formas distintas nos três métodos: sintomas para Freud; indícios para Holmes; signos (pictóricos) para Morelli¹⁶⁴. Procedimentos que dialogariam igualmente com a semiótica médica, que realiza diagnósticos de doenças inacessíveis à observação direta, investigando e interpretando sinais menos manifestos. Ginzburg apontará, ainda, um remoto diálogo estabelecido com os antigos caçadores, que teriam aprendido a reconstruir os rastros de sua caça – através de pegadas, invisíveis à maioria dos não iniciados ou àqueles que vivem nas cidades –, executando, para isto, operações mentais muito complexas¹⁶⁵.

O historiador conjectura, além disso, que os caçadores podem ter sido os precursores da arte de narrar histórias – na tentativa de comunicar, durante a caçada mesma, a sucessão de acontecimentos escritos através dos sinais deixados pela presa. Dado que tudo isso implicaria numa recusa da leitura de uma realidade que fosse completamente transparente, onde tudo estivesse em evidência ao observador. Nas sociedades modernas, teria cabido ao romance (como gênero narrativo) substituir os antigos ritos de iniciação que possibilitavam o acesso à experiência mais geral de uma comunidade. Sendo ainda mais específico, Ginzburg atribuirá lugar de centralidade ao gênero policial, que teria sido fundado (ou embrionado) por Voltaire, em seu romance *Zadig* (1694-1778). Narrativa que, por sua vez, teria inspirado Edgar Allan Poe (1809-1849) e outros que vieram a seguir, como Émile Gaboriau (1832-1873) e Conan Doyle (1859-1930). A escrita do romance policial, exercitada por tais autores, estaria fundada no que Ginzburg chamou de modelo cognoscitivo, herança (dentre muitas outras) dos antigos caçadores. Um tipo de reconstrução que é comparada, pelo historiador, às tramas que formam um tapete – seu emaranhado de fios individuais que quando unidos (tramados) são capazes de construir uma totalidade minimamente coerente. O tapete também serviria como modelo para os paradigmas venatório, divinatório, indiciário ou semiótico (ligados a disciplinas diversas) a

¹⁶⁴ (Ibid.).

¹⁶⁵ (Ibid.).

que Ginzburg tenta fazer um breve levantamento¹⁶⁶, mas que talvez não sejam de grande relevância para nosso estudo.

Esperamos que este esboço de investigação sobre a relação entre a literatura e o mundo (ou o real) tenha conseguido lançar alguma luz, mesmo que de maneira ainda um tanto difusa, em direção à posição central do leitor – aquele que decifra os rastros e as pistas. Como num romance policial ou mesmo em escritos que não possam ser enquadrados neste gênero.

* * *

Indiscutivelmente, trata-se de um escrito curiosíssimo. Você tem de concordar! E tudo o que temos em nossas mãos segue um caminho semelhante. Como havia lhe dito, por algum motivo, os outros desaparecidos também mantinham certa regularidade na escrita de cartas, e-mails, cadernos de notas ou mesmo diários. Ainda bem! Porque esse fato nos possibilitou estabelecer um ponto de partida. Caso contrário, estaríamos tateando no escuro, visto que os membros da família desapareceram sem deixar outros vestígios além de seus escritos. Nenhum parente mais próximo ou mesmo algum vizinho viu nada que pudesse nos ajudar.

Mas, dentro desse vasto material, dos poucos indícios entre os quais conseguimos fazer alguma ligação e extrair algo, aquilo que descobrimos é intrigante quase sempre – eles pouco firmes numa cadeia de fatos nebulosos. Por exemplo, as mensagens trocadas entre os membros da família indicam que, por algum motivo, a atividade exercida pela mãe era totalmente ignorada por seu único filho. Por que ele não sabia de nada? Por que a matriarca levava uma existência dupla e furtiva durante tantos anos? Trata-se de uma resposta difícil de ser formulada, visto que tudo sinaliza a total legalidade das atividades da mãe. A não ser que suas atividades atentassem contra alguma norma moral muito específica daquele grupo familiar. Ainda não consegui descobrir nada a respeito. Mas uma família pode ser como uma ilha! Então temo que algumas repostas serão obtidas apenas na remota hipótese de conseguirmos encontrar algum dos membros da família fantasma. Não sei não!

Como? A mãe? Se eu tenho mais algum fato curioso que possa interessar seus leitores? Ah! Sim, tenho sim algumas outras coisas que não sei se são curiosas o suficiente ou poderiam despertar o interesse de seus leitores, mas são o material sobre o qual tenho dedicado meus dias de trabalho. A mim trouxeram problemas a serem resolvidos, muito mais dúvidas do que respostas. Veja por exemplo o conteúdo destes e-mails, enviados e recebidos

¹⁶⁶ (Ibid.).

pela mãe, que parecem seguir uma linha parecida com a do texto encontrado em um de seus cadernos de anotações que lhe apresentei agora há pouco.

De: ricardorenzi_1941@yahoo.com.ar

Para: mecanicainvestigativa@hotmail.com

Seg, 10/02/1999

Olá!

Primeiramente gostaria de me desculpar pela demora na resposta de sua última mensagem – a burocracia, aqui na universidade, acaba tomando a maior parte de meu tempo e de minha paciência. Mas reafirmo que o assunto de que estamos tratando também é de meu interesse, então tentarei não me deixar levar pelas circunstâncias, que quase sempre implicam num desvio de minhas prioridades, nas próximas vezes.

Acho que devemos manter a continuidade de nossa conversa, apesar de ter consciência de que ela trata de temas um tanto complicados para serem desenvolvidos por e-mail, mas como não temos alternativa, teremos de fazer este esforço. Apenas gostaria de reiterar que, como nas últimas vezes, assinalarei as referências daquilo que por ventura possa ser localizado em minha obra para que, caso haja interesse de sua parte, você possa se dedicar a uma leitura mais aprofundada.

Mas continuemos do ponto onde paramos na última vez. Novamente devo admitir que aprecio a direção que vêm tomando seus estudos sobre a relação entre a literatura e o mundo real (mesmo que a ideia de um real também seja um tanto problemática; entretanto ignoremos por enquanto este ponto). Principalmente a concepção de que a operação realizada pela literatura, tendo como ponto central o leitor, é muito semelhante a de um detetive ou a de um caçador. Acho incrível que você tenha lido apenas *Respiração artificial*, pois possuo alguns escritos onde desenvolvo ideias muito parecidas.

Acredito que eu possa contribuir (quem sabe, espero que sim), discorrendo um pouco sobre minhas elucubrações a respeito do leitor – o que é um leitor, o que é a leitura, qual seu papel dentro do complexo mecanismo de uma máquina literária etc. Espero que meus apontamentos ajudem de alguma forma.

Penso que o leitor é uma peça importante dentro do mecanismo que movimenta uma obra literária – diria até, uma de suas principais engrenagens. Se, por um lado, o escritor é o engenheiro responsável pela elaboração do intrincado mecanismo que possibilita que uma

história ganhe movimento (ou outro gênero textual qualquer). Por outro, ele também é dependente sobremaneira do leitor. Sendo o próprio movimento realizado pela leitura (movimento de natureza muito particular) responsável por fazer, por exemplo, um texto ser considerado ficcional ou não – por operar certa deriva entre gêneros. Acredito que o gênero seja uma questão de perspectiva, operada a partir de um modo de ler. A cadeia toda talvez seja subordinada a esse modo de ler. Nesse sentido, acredito que Jorge Luis Borges (1899-1986) seja o leitor arquetípico e que o gênero de um texto esteja ligado à posição desse leitor¹⁶⁷. Ele (Borges) que possuía esta capacidade incrível de operação de uma leitura imaginativa sobre tudo aquilo que lhe pousava sob os olhos. Borges desenvolvia esta leitura particularíssima, capaz de transformar praticamente tudo em ficção, ou de ler como se assim o fosse.

Neste ponto, gostaria de retomar a ideia de que a atividade do leitor (principalmente o leitor moderno) é muito parecida com a de um detetive. Borges talvez seja também o desdobramento idiossincratíssimo do leitor detetive: um tipo bastante característico de investigador. No caso dele, um detetive um tanto excêntrico, que organiza as pistas de uma maneira inusitada e aponta caminhos inéditos na resolução dos mistérios sobre os quais se debruça. Uma espécie de Inspetor Clouseau¹⁶⁸ dedicado à leitura de textos. Porque o melhor leitor, o leitor ideal, nem sempre é aquele que consegue concatenar os indícios da maneira esperada¹⁶⁹ por quem quer que seja. Principalmente se pensarmos no leitor moderno, que eu descreveria como um sujeito imerso em signos, na agitação das grandes cidades, na incalculável quantidade de informações que lhe são apresentadas através da internet, que vem ganhando cada vez mais espaço. E isso se confunde muitas vezes com o mundo do romance.

Usemos *Finnegans Wake* como exemplo: no romance de James Joyce (1882-1941), tais signos (as palavras, as frases) são como uma carta encontrada numa lixeira, toda emporcalhada, mas mesmo assim ainda legível. “Shaum, aquele que lê e decifra no texto de Joyce, está condenado a ‘cavoucar para todo o sempre até fundir os miolos e perder a cabeça, o texto se destina a esse leitor ideal que sofre de uma insônia ideal’[...]”¹⁷⁰ Além disso, os leitores, quando retratados pela própria literatura, não são nunca sujeitos pacificados; são, pelo contrário, quase sempre pessoas atormentadas, compulsivas, estão sempre no limite.

O leitor – a partir de seu próprio trabalho de decifração dos signos – detém o poder de criação de novos mundos. Cria um real – mas de um tipo muito específico, instituído pela

¹⁶⁷ (PIGLIA, 2006).

¹⁶⁸ Jacques Clouseau: atrapalhado investigador fictício, personagem da série *A pantera cor-de-rosa*.

¹⁶⁹ “Um leitor também é aquele que lê mal, distorce, percebe confusamente. Na clínica da arte de ler, nem sempre o que tem melhor visão lê melhor” (PIGLIA, 2006, p. 19).

¹⁷⁰ (Ibid., p. 21).

ficção – de um tipo delirante. Acho que a ficção tem esse poder de lançar a realidade numa espécie de delírio criador¹⁷¹. Temos um exemplo disso na história de Tlön¹⁷², lida num verbete de uma versão apócrifa da *Enciclopédia Britânica*. Toda a realidade é construída a partir da leitura – de uma leitura com força suficiente para criar um mundo. A operação, realizada por Borges, torna-se tão especial porque consegue agenciar tanto o real quanto o ficcional¹⁷³. O que torna sua leitura exemplar é a capacidade de articulação entre o imaginário e o real – desmontando a falsa oposição clássica entre ilusão e realidade. O movimento de leitura acontece justamente entre essas duas dimensões – circula nesse entrelugar –, tornando ao mesmo tempo real e ilusório o próprio movimento de leitura¹⁷⁴.

Temo que esta mensagem já esteja demasiado longa, então acho que devo encerrar (provisoriamente) por aqui. Além do mais, tenho uma aula daqui a alguns minutos. Continuo numa próxima mensagem. Enquanto isso, aguardo sua resposta.

Um abraço!

* * *

De: mecanicainvestigativa@hotmail.com

Para: ricardorenzi_1941@yahoo.com.ar

Seg, 27/03/1999

Olá! Como estão as coisas por aí? Espero que bem.

Seu último e-mail me foi bastante esclarecedor em muitos aspectos. Agradeço, mais uma vez, pelas referências contidas em sua mensagem; porque, por causa delas, consegui adquirir o livro de que fazem parte. O que me levou a tomar contato com outros livros seus e acabou me auxiliando no esclarecimento de alguns pontos sobre os quais também venho me dedicando. Devo admitir, acho incrível toda essa convergência entre nossas formulações, o

¹⁷¹ “[...] não se lê a ficção como mais real do que o real, mas o real perturbado e contaminado pela ficção” (Ibid., p. 28).

¹⁷² Trata-se do conto clássico de Borges: *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius*, que faz parte de seu livro *Ficções*, de 1944 (BORGES, 2007).

¹⁷³ (PIGLIA, 2006).

¹⁷⁴ (Ibid.).

fato de pessoas que não se conheciam terem pensado coisas semelhantes em espaços e tempos diversos. Alegro-me ter descoberto essa afinidade entre nossos interesses.

Acabei lendo alguns livros e textos seus, nos últimos dias, e, se tivesse de demarcar os principais pontos onde nossas ideias se encontram, diria que temos em comum a intuição de que uma história é, de alguma maneira, sempre um tipo de investigação detetivesca onde o leitor possui papel de destaque. Por outro lado, interessa-me muito a relação entre a literatura e a realidade, que em alguns momentos também pode se transmutar na questão da relação entre a literatura e a verdade.

Identifico-me com seu desejo de poder se imiscuir nessa zona indeterminada entre a ficção e a realidade (ou a verdade). Esse entrelugar onde quase tudo pode ser transformado em ficção. Porque, assim como você, também acredito que a realidade é permeada por ficções. E o que são essas ficções senão o fruto do agenciamento de determinados tipos de crenças? No que diz respeito ao espaço social, talvez sejam também o combustível que alimenta a ideologia. Tanto no mundo social quanto nos textos, a realidade e a ficção talvez sejam definidas baseando-se muito mais em convenções do que em qualquer outro critério. A literatura, por sua vez, também é, provavelmente, um tipo de efeito produzido a partir de tais convenções¹⁷⁵. Nisso tudo concordamos novamente.

Mas creio que minha questão principal é a da relação entre a literatura e o real, ou, sua variação, a problemática da relação entre a literatura e a verdade. Gosto muito de seu posicionamento quando afirma que a literatura se utiliza da noção de verdade para produzir narrativas que não poderiam ser consideradas nem verdadeiras nem falsas – e geralmente nem tem tal pretensão. E que justamente nesse lugar algo que você chamou de “efeito da ficção”¹⁷⁶ é produzido. Daí o fato de que as relações entre literatura e realidade (constituídas a partir de um campo ideológico ou político, ou as duas coisas) não são nunca evidentes, encontram-se sempre cifradas, como enigmas a serem decodificados.

Os assuntos sobre os quais venho me dedicando, há algum tempo, seguem incrivelmente numa direção muito parecida com a de suas formulações (nunca me canso de repetir). Verifico tal coincidência espantosa, quando leio algo extraído de uma entrevista sua onde você diz, por exemplo, que: “Se alguém fala de modelos, tem de dizer que no fundo todos os relatos contam uma investigação ou contam uma viagem. [...] Eu diria que o narrador é um viajante ou um investigador e, às vezes, as duas figuras se sobrepõem”¹⁷⁷. Afirmação

¹⁷⁵ (PIGLIA, 2001).

¹⁷⁶ (Ibid., p. 8, tradução nossa).

¹⁷⁷ (Ibid., p.10, tradução nossa).

com que concordo em muitos pontos, porque para mim também a estrutura da narrativa (sobretudo a ficcional) tem sempre algo de investigação¹⁷⁸.

Ah! Antes que eu me esqueça, gostaria de comentar um ponto em particular de sua última mensagem. Mais especificamente quando você alude ao leitor moderno como um sujeito imerso num oceano interminável de signos, cabendo a ele a prerrogativa de decifração a partir da qual novos mundos podem ser pensados e criados. Bem, devo dizer que essa também é uma ideia que me é cara. Principalmente a partir de minha leitura de Gilles Deleuze, mais especificamente, do livro *Proust e os signos*. Pois, para o filósofo, a partir de sua interpretação de *Em busca do tempo perdido*, uma das problemáticas principais de Proust, no livro em questão, é a de que a verdade nunca está dada previamente. É sempre o produto de um ato de violência sobre o pensamento. Porque aquilo que aparece na superfície são quase sempre significações ordinárias. A verdade (de um tipo mais profundo), por sua vez, é sempre produzida a partir de signos exteriores que estão encobertos de algum modo. A verdade é produto de uma circunstância que nos proporciona um encontro com algo que nos força a pensar. Neste caso, os signos¹⁷⁹. Novamente estamos diante da figura do decifrador, como um detetive que segue pistas ou um caçador que segue rastros. Ambos guiados por signos particularíssimos e ignorados pela maioria.

Em outro trecho você menciona o fato do leitor produzir também um real, através de uma espécie de delírio criador. Aqui, mais uma vez, vejo uma aproximação, pelo menos neste ponto, entre o que você escreveu e algumas ideias de Gilles Deleuze: o relacionamento entre literatura e delírio. Deleuze dirá que a potência da literatura está contida em sua “função fabuladora”¹⁸⁰ – uma vez que ela, dessa forma, apresenta-se como condição de saúde dos seres humanos e do mundo. A literatura como forma de delírio (através de sua função fabuladora) seria a possibilidade de inventarmos um povo que falta, a possibilidade de insurreição de um povo e sua língua bastarda, dos oprimidos. Penso que, aqui, ele se aproxima muito do que você disse sobre a ficção como possibilidade de criação de novos mundos. Ou seja, a literatura entendida em toda sua cadeia, envolvendo escrita e leitura.

Acho que minha mensagem também acabou ficando um pouco grande. Desde já lhe peço desculpas, pois sei que você é uma pessoa bastante ocupada. Então trato de ir encerrando por aqui esta conversa. Mas espero que possamos continuar nossa troca de impressões sobre esse tema tão empolgante.

¹⁷⁸ (Ibid.).

¹⁷⁹ (DELEUZE, 2003).

¹⁸⁰ (DELEUZE, 2011, p. 14).

Um abraço!

* * *

Como você pode perceber, o teor de tais mensagens as faz soar um tanto enigmáticas. Mas, quando analisamos em conjunto com os outros escritos do restante da família, elas não parecem tão deslocadas, parecem formar um tipo de unidade. Apesar de, até o momento, não terem servido para que descobramos onde todos foram parar. Se eu tentei entrar em contato com os interlocutores das mensagens? Obviamente, foi uma das primeiras medidas tomadas após tomar conhecimento desse material.

Renzi, por exemplo, relatou-me que já havia sido contatado pelas autoridades do país de origem dos desaparecidos. Parece que o caso havia ganhado bastante repercussão por lá. Já que não é todo o dia que uma família (uma família de classe média) desaparece sem deixar vestígios. Além disso, o fato de serem pessoas bastante reservadas acabou contribuindo de maneira negativa para as investigações, dado que o desaparecimento só foi descoberto muitos dias após eles terem deixado de aparecer em público. O que não foi notado de imediato, pois não costumavam ser vistos pela vizinhança com muita frequência.

Mas voltando a Renzi, ele afirmou, na ocasião de nossa conversa, que tivera o primeiro contato com a mãe desaparecida através de um texto por ela publicado numa revista acadêmica. Contato inicial, como você pôde bem perceber, com suas ideias, não com a pessoa em sua presença física – com um texto um tanto curioso, segundo ele, que defendia a hipótese da existência concreta de um país chamado Brasil. É muito provável que você já tenha ouvido falar nessa história. Ah! Sim. Desculpe-me pela confusão. Refiro-me ao país, não ao texto da mulher. Provavelmente você já ouviu falar alguma vez, nem que tenha sido em sua infância, a respeito dessa terra fantástica. Pois bem, o que para muitos não passa de uma fantasia, para ela era algo real. E estava disposta a provar suas hipóteses. Talvez você esteja se perguntando como o filho não sabia das atividades de sua mãe mesmo ela publicando textos onde expunha ideias tão absurdas. A resposta é muito simples: seus textos eram publicados sob pseudônimo. Um pseudônimo masculino. Inclusive o próprio Renzi não sabia que estava se correspondendo com uma mulher. Fato que descobriu, não sem assombro, quando entraram em contato com ele para colher informações a respeito do desaparecimento da família. O que acabamos descobrindo, na verdade as autoridades do país de origem (que iniciaram as

investigações) foram as responsáveis por tal descoberta, é que ela era a responsável pela produção intelectual do marido, um respeitado professor universitário.

[...] Assim, estrangeira ao céu e à terra,/ eu vivo e já não canto mais./ É como se afastasses minha alma peregrina/ tanto do inferno quanto do céu¹⁸¹.

¹⁸¹ (AKHMÁTOVA, 2014, p. 76)

Quebra da quarta parede

PERSONAGENS

O obscuro

O calvo

O de unhas bestiais

O homem de preto

A plateia (Integrantes I, II e III)

Guardas (I e II)

E quem mais puder ajudar

TERCEIRO ATO ANTES DA QUARTA PAREDE

Pode-se ouvir uma música alta por detrás das cortinas (algo enérgico, como um heavy metal, por exemplo), pancadas secas e algum burburinho. Então as cortinas se abrem. A julgar por suas expressões um tanto embaraçadas, todos parecem ter sido pegos de surpresa. Mesmo assim, não se intimidam e continuam o que estavam fazendo: as personagens estão, juntamente com seu público (se pudéssemos ver daqui, constataríamos as poltronas do teatro vazias), todos munidos de picaretas e pás, investindo contra o enorme muro.

Dois dos integrantes da plateia que golpeiam o paredão, um com uma pá e outro com uma picareta, param por alguns instantes para retomar o fôlego.

INTEGRANTE I

(Um homem de meia idade e aparência aburguesada. Totalmente sem fôlego) Eu nunca teria suposto, nem por um segundo, que essa parede era uma parede de verdade. Olhando, lá do meu lugar, até me pareceu um cenário não muito verossímil.

INTEGRANTE II

(Uma mulher jovem, muito elegante, porém dona de uma voz grave e masculina que não combina muito bem com sua aparência) Justamente! Acho que nenhum de nós, quando

foi convocado a se juntar aos três atores para ajudá-los a cavar, pensou que se tratasse de algo realmente feito de pedra tão sólida.

INTEGRANTE I

Minhas mãos já estão começando a ficar cheias de bolhas. Não acredito que paguei um ingresso tão caro para acabar espancando uma parede de pedra, dura como o diabo, num sábado à noite.

INTEGRANTE II

Imagine então as minhas mãos como estão. Além de estarem acabadas, eu desperdicei todo o trabalho da manicure a que fui hoje à tarde. Isto aqui era para ser um encontro romântico. Mas meu namorado está ali, todo sujo, parecendo um louco, tentando abrir um buraco naquele paredão.

INTEGRANTE III

(Uma criança, coberta de poeira vermelha, aproxima-se dos dois) Pai, pai! Vamos! Temos de ajudar aqueles coitados a atravessarem para o lado de lá. Eles já estão há muito tempo perdidos por aqui. O senhor me prometeu que eles iriam conseguir chegar ao outro lado.

O homem olha em direção à mulher e encolhe os ombros, então toma a mão da criança, e os três voltam ao trabalho. Os dois adultos parecem ter recobrado as forças e agriDEM o muro violentamente. Seus olhos possuem uma expressão lunática como o das outras dezenas de pessoas empenhadas na escavação. Aliás, todos ali parecem um tanto enlouquecidos. Homens, mulheres e até mesmo algumas crianças cobertos por um pó vermelho, da mesma cor do solo e de quase todo o ambiente. Seria impossível nos decidirmos sobre a imagem que ilustraria com maior fidelidade tal cena: se estaríamos diante de uma espécie de garimpo lunático ou de alguma antessala do inferno.

O OBSCURO

(Afastando-se do grupo empenhado em escavar o muro) Tenho de admitir que foi uma excelente estratégia você ter nos convencido de que poderíamos tentar pedir ajuda à plateia. Nunca teria passado por minha cabeça que tal coisa daria certo.

O DE UNHAS BESTIAIS

(Acompanhando o primeiro) Obrigado! Mas devo confessar que eu mesmo estava um tanto receoso de que talvez não conseguíssemos os convencer a deixar seus lugares confortáveis e a pegar no pesado conosco.

O CALVO

(Ouvindo a conversa e se juntando a ela) Realmente foi um grande feito convencê-los a abrir mão da posição de, digamos assim, espectadores imparciais, a pegar as ferramentas e ainda emporcalhar suas roupas bonitas.

O DE UNHAS BESTIAIS

Creio que não conseguiríamos resistir muito mais tempo neste ambiente tão inóspito, sem água, comida ou mesmo uma sombra para nos abrigarmos do sol.

O OBSCURO

Eu jamais teria pensado nisto: que poderíamos pedir ajuda a esse monte de gente que nos observava. Tinha a impressão de que era contra as regras. Mas enfim.

O DE UNHAS BESTIAIS

Eu também supunha isso. Até me dar conta de que nunca havia me questionado sobre quem estabeleceu tais regras e por quê. Sobre sua natureza. (Detendo-se por um instante e observando o trabalho da plateia) Além do mais, elas nunca estiveram escritas em nenhum contrato ou qualquer outro lugar. Sempre foram regras exclusivamente tácitas. Ninguém sabe muito bem por que as obedece. Talvez tenham sido estabelecidas consuetudinariamente (dá uma gaguejada ao pronunciar tal palavra). Não sei. Então, se inventarmos novos usos, elas terão de se adaptar à nossa vontade.

O CALVO

Isso! Uma espécie de pacto, firmado na noite dos tempos, entre quem assiste e quem encena. Mas quem assiste não encena também? E quem encena não assiste também em algum momento? A fixidez das posições é possivelmente apenas uma ilusão.

O OBSCURO

Mais importante talvez seja o fato de que agora, com a ajuda deles, conseguiremos sair deste pesadelo luminoso, dividido por esse muro interminável. E, mesmo que do outro lado não seja muito melhor, teremos pelo menos tentado. Não amargaremos a derrota para uma pilha de pedregulhos em nosso caminho.

O CALVO

(Coçando a cabeça por debaixo do chapéu) Os limites da ação, no mundo concreto, situam-se provavelmente numa sutil e movente articulação com os do pensamento. Limites que também são ligações: mover um objeto de lugar talvez baste para um novo pensamento, às vezes sobre um novo objeto. Logo as engrenagens da realidade se movem um pouquinho.

O DE UNHAS BESTIAIS

(Entregando uma ferramenta a cada um) Se o pensamento pode ser ação e a ação pensamento, neste momento, o melhor que podemos fazer é aproveitarmos toda essa ajuda e continuarmos cavando. A nossa filosofia, aqui e agora, é prática.

Cada um deles pega sua ferramenta e volta a se juntar à turba ensandecida. Entregando-se, com a mesma fúria, à tarefa de cavar algum tipo de passagem na enorme muralha. Passado algum tempo, a porta lateral do teatro se abre e por ela entram dois guardas. Caminham lentamente tentando manter o ar de superioridade, que julgam dever fazer parte da conduta de um policial. Chegam até a frente do palco sem serem notados por ninguém. Visivelmente incomodados com a indiferença com que foram recebidos, tentam chamar a atenção de alguém.

GUARDA I

(Sujeito alto. Um tipo que foi atlético no passado, mas que agora está em vias de se tornar obeso. Pigarreia.) Hum, hum! (Não obtém nenhuma resposta, então tenta novamente com maior vigor) Humm, humm!

O OBSCURO

(Cutuca seus outros dois companheiros e gesticula, apontando em direção aos guardas) Posso ajudá-los em alguma coisa, cavalheiros?

GUARDA II

(Um homem baixo e atarracado. Estufa o peito e encolhe a barriga.) Recebemos diversas ligações, vindas dos vizinhos do teatro, reclamando do barulho.

O DE UNHAS BESTIAIS

Desculpe-nos, seu guarda! Mas não havíamos nos preocupado com o barulho que pudéssemos estar fazendo. Já que julgávamos que o isolamento acústico do teatro seria suficiente para conter eventuais ruídos mais intensos que fugissem à normalidade. Vejo que nos equivocamos.

GUARDA I

Pois sim! Estão incomodando a vizinhança. Então ou vocês reduzem o barulho ou seremos obrigados a interditar este lugar. Vocês escolhem!

GUARDA II

Aliás, achei que isto aqui se tratasse de uma peça teatral. Mas que peça é essa sem plateia? Onde o palco está lotado, e os acentos vazios? E esse palco? Não está mais cheio do que sua estrutura consegue suportar?

GUARDA I

(Subindo ao palco e entrando em meio às outras pessoas. Observa meio desconfiado a enorme construção de pedra. Aproxima-se, dá algumas pancadas na pedra com a mão. Então desce e volta à conversa.) Essa parede é de pedra, de pedra de verdade? Como ela foi parar em cima do palco? E quem são essas pessoas? Não me parecem atores!

O CALVO

Não sei... Talvez seja difícil explicar de maneira simples e concisa.

O OBSCURO

(Parece estar procurando as palavras apropriadas) Como representantes da lei que os senhores são, é provável que tenham de deixá-las de lado para conseguirem entender ou mesmo acreditar no que se passa aqui. Trata-se de conseguir vislumbrar algo que engendra inclusive a própria lei, estando fora dela.

GUARDA I

(Um tanto desconfiado) Acho que essa conversa está enveredando por um caminho quase tão esquisito quanto todo o resto. Isto sim! Mas continue. Vejamos onde tudo isso vai dar.

O DE UNHAS BESTIAIS

A explicação é muito simples. Estamos há algumas semanas, eu acho, não tenho muita certeza, perdidos neste cenário inóspito. Sem água, sem quase nenhuma comida, sem nenhuma sombra para nos proteger da violência do sol. Tudo se resume a isto: sol e terra vermelha. Ah! E esse muro infindável.

O OBSCURO

Então, dadas as circunstâncias, chegamos à conclusão de que a única maneira de conseguirmos sobreviver seria encontrando uma maneira de atravessar o muro.

O CALVO

Exato! Não sabemos o que existe do outro lado. O que descobrimos até agora não ajudou muito: há um contínuo rumor do lado de lá; há uma velha que, vez ou outra, cruza-o com a ajuda de um veículo e há do outro lado um grupo que também está tentando encontrar uma forma de atravessar para o lado de cá.

O DE UNHAS BESTIAIS

(Fazendo um movimento como se fosse voltar ao trabalho) Resumidamente é isso!

GUARDA II

Espere, espere! Um minuto! Não tão rápido! Acho que não acabamos ainda. Essa história toda não está fazendo muito sentido.

GUARDA I

Pra mim, menos ainda!

GUARDA II

Vocês querem nos convencer de que estavam perdidos e quase morrendo nesse deserto cenográfico? Com o sol de papelão e iluminação artificial? E essa gente toda em cima do

palco? Como vocês poderiam estar perdidos e quase morrendo de fome com essa gente toda aí com vocês?

GUARDA I

(Com um sorriso irônico no canto da boca) Nenhum de vocês pensou em simplesmente encerrar a encenação?

O DE UNHAS BESTIAIS

(Num tom condescendente) Talvez vocês não tenham conseguido acompanhar nosso raciocínio. Mas não os culpo. Tenho a impressão de que, daí de fora, as coisas se mostram um tanto distorcidas. Ou mais distorcidas do que geralmente o são.

O CALVO

(Sinalizando aos guardas) Meu amigo tem razão. Provavelmente o ângulo de onde vocês veem é o produtor de tal discordância. Subam aqui para que possamos compartilhar nossa perspectiva.

Ouve-se uma música circense, vinda não se sabe de onde. Os três ajudam os guardas a subirem no palco um tanto desajeitadamente. Os dois, por sua vez, um pouco acima do peso, apresentam certa dificuldade em realizar tal operação. Então um dos que estava em cima do palco desce e, enquanto os outros dois puxam cada um por um braço, o que está embaixo empurra usando suas costas e ombros. Após alguns minutos de esforço, enfim todos estão em cima do palco. Os dois guardas parecem não acreditar muito no que veem.

GUARDA II

Não me parece ser verdadeiro! (Pausa) Pelo menos não consigo compreender de uma forma racional. Lá de baixo isto tudo parecia um tanto inverossímil. Agora não consigo olhar para o sol sem que seja por ele cegado. E o muro tão extenso e alto! Parece-me pouco provável que alguém tenha o trazido até aqui.

GUARDA I

Eu havia examinado o muro e me surpreendido, mas, por distração, sei lá, não havia me dado conta de todo o resto. Este chão parece muito com um chão de verdade. O Céu...

Como alguém conseguiria reproduzir um azul tão estonteante! (Abrindo alguns botões do colarinho da camisa) E que calor aqui!

O OBSCURO

Eu tinha certeza de que daqui, experimentando nosso ponto de vista, vocês conseguiriam captar o que estávamos tentando explicar.

GUARDA I

Falo apenas por mim, mas não tenho certeza de que tenha entendido algo. Muito pelo contrário. Ouso dizer que as coisas se tornaram muito mais confusas agora. Atingiram o grau mais extremo da confusão!

GUARDA II

Antes de subirmos até aqui, a explicação me parecia um tanto disparatada. Agora a própria realidade está visivelmente entrando num estado de curto circuito!

GUARDA I

Exato! Como se não fosse mais possível restabelecer a ligação entre o que dizemos das coisas e certa lógica que lhes servia de ponte em direção ao mundo, à realidade ou sei lá o que mais!

GUARDA II

Eu já não tenho mais certeza de nada! Não posso ter. Não é mais possível.

GUARDA I

E agora o que acontece? Ficamos aqui presos com vocês? Podemos sair do palco tão facilmente quanto subimos?

GUARDA II

Se é que ainda existe um mundo lá fora nos esperando. Até porque já não estou tão seguro de que lá era o fora. Porque isto aqui também me parece um fora. Seria possível um fora dentro do fora?

O DE UNHAS BESTIAIS

Calma, senhores, não há motivo para pânico! Tenho confiança de que conseguirei esclarecer tudo a vocês. As coisas não são tão complicadas quanto parecem. Na verdade é tudo muito simples.

Ouve-se o som de uma sineta. Cruza o palco uma bicicleta, guiada por um homem vestindo preto, de chapéu e bigodes. Ele segue pelo corredor lateral do teatro até a porta que dá acesso à rua e sai. Fecham-se as cortinas. Mas continuamos ouvindo o som de pás e picaretas por detrás do pano.

* * *

Ele já não saberia precisar, caso fosse indagado, há quanto tempo estava recolhido àquela casa, revirando aqueles papéis. No entanto intuía que algo começava a se desenhar, ainda repleto de fios soltos, é bem verdade. Mas tinha a impressão de que a qualquer momento encontraria a peça que estava faltando para completar o bizarro quebra-cabeça que começava a tomar forma. Agora, além do sumiço de seu pai, havia se deparado com este novo elemento – espécie de X cujo desvelamento se faz necessário à resolução da equação – representado pelo caráter misterioso das atividades exercidas por sua mãe. Os fatos indicavam, pelo menos era o que lhe parecia, que ela tinha uma importante participação nas atividades de seu pai (certo protagonismo, tudo indicava). Até aí não havia nada de muito surpreendente em questão. O que tornava tudo um tanto mais obscuro é o porquê de sua mãe manter tais atividades em segredo – mesmo para ele, seu único filho, que provavelmente teria sido, caso tivesse conhecimento dos fatos, a pessoa que a teria apoiado com maior entusiasmo.

Lançava-o num estado de infinita perplexidade ter vivido todos esses anos numa família na qual supunha haver certa transparência quanto às atividades de seus membros, neste caso seus próprios pais. Tudo não passava de um teatro de sombras. Agora começava a se dar conta de que talvez tenha sido ingênuo ao supor tal legibilidade dos indivíduos, mesmo se tratando de seus progenitores. Muito provavelmente todos nós tenhamos uma dimensão irredutivelmente ilegível que nos impossibilite conhecer totalmente uns aos outros. Ou talvez a suposição de que conheçamos alguém deva sempre levar em consideração esta leitura sempre mais ou menos inexata, uma leitura que se depara continuamente com elementos rasurados ou de caligrafia indecifrável. Que fazer? Não lhe restava muita coisa além de

continuar explorando aquela pilha infindável de possíveis pistas, de cartas, de manuscritos. Por enquanto, tão indecifráveis quanto seus redatores e os caminhos de suas caligrafias.

Curiosas vidas, que são decifradas através da leitura de seus diversos manuscritos e demais documentos. Como se estivessem arquivados, naquele escritório, seus mais inconfessáveis segredos, como se o conteúdo de uma vida pudesse ser escrito, conservado, catalogado e, um dia, quem sabe, lido. O que ele estava fazendo ali, e tinha consciência mais ou menos clara disso, era uma espécie de arqueologia (ou exegese) do percurso de seus pais e seus inúmeros pontos cegos. E, é bem provável, que tudo também se estendesse a ele mesmo, já que, como filho, estava implicado até o último fio de cabelo. Ele mesmo, além de ter estado igualmente cego, até então, quanto a tudo o que se passava entre seus progenitores (e quem eram realmente?), possuía seus próprios pontos nebulosos, inconfessáveis, mesmo que não conscientemente. Obviamente existia um mundo lá fora, independente da vontade humana e seus artifícios, um mundo alheio às marcas, rastros ou traços que desenhamos por onde passamos. Ou será que não? Que nada seria tão obvio? O mundo em que os humanos estão imersos, no entanto, talvez seja inseparável de seus rastros.

Logo resolveu continuar a procura por algum indício, algum fato novo que pudesse lhe sugerir uma possível direção a ser seguida. Desse modo, se entregou à leitura de uma pequena caderneta de capa de couro preta e folhas amareladas. O pequeno caderno chamou sua atenção pelo fato de apresentar um aspecto relativamente novo. E, de fato, quando o examinou mais de perto, em suas mãos, pode perceber que fora pouco usado, pois pelo menos dois terços das páginas sem pauta estavam intactas. As que haviam sido utilizadas, o foram com um visível cuidado, materializado no capricho da caligrafia empregada no texto. Não havia muito a ser feito além de seguir em frente, em busca de algo. E assim procedeu.

04 de outubro de 2001

Rastros desconstruídos

Que lugar realmente curioso! Devo admitir. Contudo temo não conseguir acesso a essa instituição a que chamam, como relatei anteriormente, de escola. Enfim, que fazer?! Tenho tentado contornar a situação colhendo a maior quantidade possível de informações. Por isso tenho fotografado tudo, o máximo que posso, e colhido depoimentos de pessoas ligadas a ela. Talvez dessa forma consiga reconstituir, da maneira mais fiel possível, a experiência pela qual

tenho passado e as coisas que tenho visto – principalmente, entender o funcionamento dessa instituição tão peculiar.

Através de uma rede de contatos, que aos poucos fui conseguindo estabelecer por aqui, conheci algumas pessoas que desempenham, direta ou indiretamente, atividades numa escola. Devo admitir que o acaso me dera uma mãozinha. Pois um dia eu me encontrava na fila da mercearia, esperando minha vez de ser atendida, quando ouvi dois homens conversando. Para minha surpresa, um deles contava histórias a respeito de seu dia a dia como professor. Obviamente não perdi a oportunidade e me apresentei, relatei a ele a conjuntura toda: que eu era estrangeira e possuía muito interesse a respeito dos modos de vida em seu país e que meu principal objetivo, naquele momento, era justamente conseguir compreender melhor o funcionamento das escolas, mesmo meu acesso a elas tendo sido vedado. Ele se mostrou muito cordial e aberto ao diálogo. Então marcamos de nos encontrar para que ele pudesse me contar, com maior calma e mais detalhadamente, suas experiências como professor. Fato que certamente me abriria um interessante campo de possibilidades e ampliaria meu entendimento sobre o tema que tanto havia me despertado interesse.

Pois bem! A partir desse primeiro contado, não demorou muito para que minha rede de interlocutores, principalmente daqueles relacionados à escola, ganhasse maior amplitude. Mais do que informantes (como os antropólogos costumavam chamá-los em outros tempos), tenho a impressão de que progressivamente conseguimos estabelecer uma relação de confiança e, arrisco até dizer, de amizade. E, como é fácil supor, a quantidade de informações que acabei obtendo, através de nossas conversas, aumentava proporcionalmente à consolidação de nossos laços. Infelizmente tenho consciência de que não conseguirei as transcrever em sua totalidade aqui.

Ah! Já ia me esquecendo! E isto é importante, porque esclarece muita coisa. Caso você esteja lendo este diário, seja lá quem você seja. Não importa. Cabe aqui uma pequena elucidação. Meu caderno anterior, usado como diário de campo, acabara sendo quase completamente destruído, em decorrência de uma chuva torrencial da qual fomos vítimas – ele, meu caderno, e eu. Então passo a transcrever alguns dos principais encontros e os relatos deles originados. A maioria fora perdido, infelizmente, por causa da ação da água que danificou grande parte de minhas anotações. Espero ter mais cuidado com este caderno daqui em diante.

O alvo deslocado

Num pequeno bar, em uma tarde ensolarada de outono, tive minha primeira conversa com este senhor, a quem chamarei aqui de “O alvo”. Local onde estabeleceríamos a maior parte de nossos encontros. Por motivos que provavelmente não acrescentarão nada de importante ao relato e que, portanto, não serão revelados, tenho a impressão de que ele gostaria de ter sua identidade mantida em segredo. Antes de qualquer coisa, preciso apontar o fato de que nem sempre nossas conversas referiam-se diretamente à escola como instituição. Muitas vezes os assuntos tomavam rumos diversos, apesar de sempre possuírem alguma ligação com o tema principal. Para falar a verdade, a maior parte do tempo falávamos sobre assuntos colaterais, como a relação entre professores e alunos, sobre como era possível que se estabelecesse um diálogo entre ambos; até mesmo sobre assuntos mais abstratos como aqueles que diziam respeito à própria possibilidade do pensamento e sua expressão. Acho que todos os meus interlocutores, de alguma maneira, possuíam ponderações muito particulares relacionadas ao pensamento, ou a como é possível que concebamos alguma ideia original – seus pré-requisitos psicológicos ou sociais. Diria que exercitavam um pensar (ousaria chamar de filosofia, porque não?) inseparável de suas práticas. Eu, pelo menos, não saberia identificar a predominância de algum dos dois elementos. Que sujeitos memoráveis! Donos de pontos de vista tão elaborados que, devo confessar, tinha certa dificuldade de acompanhar em seus momentos mais intrincados. Depois de algum tempo e de uma quantidade considerável de relatos transcritos e anotações diversas, eu me deparava com a estranha dificuldade de diferenciar os diversos relatos de seus distintos interlocutores. Inclusive de meus próprios escritos e pensamentos. De modo que passei a enfrentar o problema de quase não mais poder identificar quem estava narrando, a quem pertencia cada relato. Por isso a autoria de cada fala é apenas aproximativa, não estando livre de atribuições equivocadas. Entretanto tenho quase certeza de que a fala a seguir era d’O alvo.

Muito surpreendente o fato de você também se interessar pelo paradigma indiciário de Carlo Ginzburg¹⁸²! Eu mesmo tenho algumas formulações que provavelmente possuem alguns pontos de contato com as ideias desse autor, apesar de serem radicalmente diferentes. Não que eu me interesse particularmente por seus trabalhos. Apenas devo confessar que operamos com alguns conceitos um tanto parecidos, mas que talvez apontem para caminhos radicalmente diversos. Ginzburg se interessa pela história e toda a problemática de sua escrita.

¹⁸² (GINZBURG, 1989).

Eu, de minha parte, estou muito mais preocupado com a possibilidade da própria escrita e seus efeitos, seu caráter produtivo. Não descarto obviamente as reverberações históricas; estas, contudo, ocupam em minhas formulações um plano completamente diverso.

Tenho algum interesse no que ele chamou de paradigma indiciário. Na ideia de que a leitura de um texto pode se aproximar da investigação empreendida por um por detetive ou da habilidade de um caçador em seguir as pegadas de uma presa. Sobretudo esse último exemplo me interessa. A formulação de que a decifração de um texto pode ter algo do trabalho do caçador que segue um rastro, quase apagado, imperceptível a muitos. Mas a partir daqui seguimos caminhos diferentes, ou melhor – que se distanciam e se aproximam ininterruptamente. Que nunca se encontram, mas também nunca se separam completamente.

Acho que, para ser fiel a mim mesmo; ou, mais ainda, aos que me antecedem e com quem dialogo, eu seguiria, a partir daqui, com Jacques Derrida, eu acho. Pois tenho a impressão de que explorar um texto é, sim, seguir um rastro. Algo indeterminável ou de pouca clareza. Penso que um texto provavelmente sempre possui certo grau de ininteligibilidade. Então talvez seja preciso correr o risco de se perder ou de perder o rastro, de nunca o encontrar. O traçado, a evanescente linha onde – munidos de alguma sorte ou desenvoltura – apostamos identificar algum indício é a mesma que traceja um conjunto diverso: o da escrita, o da leitura e o do pensamento. Um conjunto produzido pela relação diferencial entre seus elementos.

Ler, perseguindo um rastro suspeito, seria como ler algo que já não se encontrasse no texto, algo como um sentido fantasmagórico e impreciso, mas que, mesmo assim, sempre poderia ser decifrado. Desde que a operação de leitura não perseguisse uma identidade estável, desde que não fosse uma leitura dona de si, baseada em certezas. Mas perseguisse um tipo de rasura sob a qual ainda se encontrariam conservados alguns traços legíveis: “Apaga-se conservando-se legível, destrói-se dando a ver a ideia de signo”¹⁸³. Movimento puro – ou o sentido em fuga do lido. Na origem, como uma origem não originária, nem primeira ou original, estaria o movimento produzido por tal rastro, movimento fabricante daquilo que Derrida chamou de “*Différance*”¹⁸⁴, que é desde sempre o próprio movimento de

¹⁸³ (DERRIDA, 2017, p. 29).

¹⁸⁴ Trata-se de uma distinção marcadamente gráfica, que não se expressa foneticamente, produzida a partir da palavra *différence* (diferença em português). Tal neologismo, que se utiliza da sutil transformação de *différence* em *différance*, tem como objetivo assinalar a impossibilidade de uma escrita eminentemente fonética. Evidenciar a sutileza do jogo mesmo da diferença e sua silenciosidade (Idem, 2017). Poderíamos dizer ainda que se trata de um “neo-grafismo (sic) [...] A *différance* não é ‘nem um conceito, nem uma palavra, funciona como ‘foco de cruzamento histórico e sistemático’ reunindo em feixes diferentes linhas de significado ou de forças, podendo sempre aliciar outras, constituindo uma rede cuja tessitura será impossível interromper ou nela traçar uma

diferenciação. Movimento igualmente (ou diferencialmente) desencadeador do pensamento – este também composto por tal indecidibilidade, por esta espectralidade. Pensamento em forma de rastros que remetem sempre a outro lugar e tempo impossibilitados de presentificarem a si mesmos. Pois lemos e escrevemos a partir de uma espécie de ética fantasmal, em comunicação com estes que nos guiam e que, às vezes, não conseguimos identificar muito bem quem seriam. Seres translúcidos, difíceis de ver, principalmente contra a luz. Incontornável ética da leitura e da escrita, afetada por tais espíritos, que deve levar em conta tal “possibilidade de romper com a presença plena no tempo e no espaço: e isso só se consegue se se aceita o assombramento por essas entidades, que nem sequer se pode determinar se são pessoas, livros, pensamentos, apenas rastros ou espectros”¹⁸⁵.

Tal reconstituição do rastro (ou sua perseguição) seria um projeto destinado sempre ao fracasso, mas nem por isso prescindível ao movimento textual, que incluiria a leitura e a escrita. Além disso, a arbitrariedade do signo saussuriana corresponderia, de alguma forma, à imotivação do rastro derridiano – como tentativa de ultrapassagem do caráter logocêntrico¹⁸⁶ da linguística saussuriana. *Trace imotivée* que poderia ser igualmente traduzido como “vestígio” ou “impressão”, dada sua polissemia. Pois, na língua francesa, *trace* possui tanto o sentido de rastro (*trace*) quanto de traço (*trait*)¹⁸⁷. Derrida dirá que o traço (assim como todo signo) seria imotivado, dado que faria referência a uma cadeia ou a um “sistema diferencial de remissões”¹⁸⁸. Por isso o signo não estaria preso nem à sua propriedade sonora nem à gráfica, porquanto o que lhe confere unidade (fugidia) é sua relação diferencial com os demais signos com que forma sistema. “Sendo assim, o essencial da língua não depende do som, do nódulo substantivo da matéria sonora [...], mas do sistema de traços que recortam esses mesmos sons fornecendo-lhes uma configuração específica”¹⁸⁹. Escapando, assim, da característica fonológica da linguística de Saussure. Então, para Derrida, já não haveria a prevalência do “sistema escrito” sobre o “sistema falado” (ou vice-versa), pois ambos teriam uma “raiz comum”, fundada numa mesma “função gráfica”¹⁹⁰. Tudo aquilo que pode ser inscrito seria igualmente produtor de um rastro, sendo sempre possível seu apagamento em algum

margem, pois o que se põe em questão é ‘a autoridade de um começo incontestável, de um ponto de partida absoluto, de uma responsabilidade de princípio’ (SANTIAGO, 1976, p. 22).

¹⁸⁵ (HADDOCK-LOBO, 2011, p. 59).

¹⁸⁶ De maneira bastante resumida, poderíamos defini-lo, dentre muitas outras coisas, como: “Centramento da metafísica ocidental no significado, que tem o privilégio da proximidade com o logos, com a determinação metafísica da verdade – *eidōs* –, com o ente como presença – *ousia*” (SANTIAGO, 1976, p. 56).

¹⁸⁷ (NASCIMENTO, 2015).

¹⁸⁸ (Ibid., p. 152).

¹⁸⁹ (Ibid.).

¹⁹⁰ (Ibid., p. 153).

momento subsequente. Não poderíamos falar numa realidade da coisa que não fosse seu próprio rastro, esta espécie de fantasma. A coisa, em si mesma (um texto, por exemplo), talvez nunca tenha existido. E, quando tentamos restituir sua possível origem, encontramos apenas as marcas do movimento constitutivo do rastro. Uma “inscrição arcaica que não se deixa apreender na oposição presença/ausência”¹⁹¹.

O rastro talvez seja muito mais do que um conceito; talvez esteja mais próximo do movimento de releitura e de reescrita dos conceitos, anteriormente lidos, e sua transformação através de uma espécie de rasura da qual ainda conseguimos identificar, de certa forma, as antigas significações, mas que agora compõe um sentido renovado e indeterminável – irreduzível a determinações da identidade e dissipador de toda origem. Origem esta impossível de ser reconstituída, porque diz respeito a um jogo de remissões infinitas – então não poderíamos falar nem mesmo de uma origem. Porque sua origem é uma não origem, sua origem já está contida, desde sempre, no próprio rastro.

Um puro movimento, o rastro puro é algo em movimento contínuo, movimento produtor do que Derrida chamou de *différance*, que “[...] não depende de nenhuma plenitude sensível, audível ou visível, fônica ou gráfica. É, ao contrário, condição destas [...]”¹⁹². *Différance* que não poderia ser descrita como sensível ou inteligível: seria somente o movimento que articula os signos entre si. Articulação que abarcaria, do mesmo modo, fala e escrita, bem como outras oposições; por exemplo, as dimensões metafísicas do sensível e do inteligível, significante e significado, expressão e conteúdo etc. A *différance* é a “formação da forma. Mas ela é, por outro lado, o ser impresso da impressão”¹⁹³. Por isso traço, rastro.

Experiência de percorrer outro lugar, suspenso na impressão do rastro, que não se encontra no mundo, tampouco configura outro mundo. Não é ainda nem audível nem visual, não está no tempo ou no espaço. Sistema produtor de diferenças entre os elementos, que produz os próprios elementos ao colocá-los em fuga de si mesmos, “[...] fazem-nos surgir como tais e constituem textos, cadeias e sistemas de rastros [...]”¹⁹⁴. Tais cadeias e sistemas são produzidas justamente a partir do rastro traçado e sua trama. Dos quais, além disso, é dependente toda a produção de sentido – que não possui uma origem absoluta ou unitária. O rastro é ainda o responsável pela articulação entre as esferas do “vivido” e do “não vivido”, na forma de uma “pura energia” indeterminável, movimento fugidio, dado que “[...] nenhum

¹⁹¹ (Ibid., p. 153).

¹⁹² (DERRIDA, 2017, p. 77).

¹⁹³ (Ibid., p. 77).

¹⁹⁴ (Ibid., p. 79).

conceito da metafísica pode descrevê-lo [...]”¹⁹⁵. Cegueira da imagem gráfica, surdez da forma sonora. Pois habita o espaço diferencial entre ambas.

Outro nome, dado ao rastro por Derrida – para esta origem não originária e escorregadia –, dentre seus muitos, é “brisura”¹⁹⁶ (*brisure* em francês), que pode significar tanto diferença, quanto articulação; fenda ou dobradiça. Possibilitando a articulação entre o espaço, o tempo e a produção de sua diferença. Por se tratar de um dos diversos nomes do rastro, por operar a desorientação produtora, age desarticulando a unidade entre significado e significante num signo, num presente íntegro, ou na completude de uma presença. Resultando daí a impossibilidade de uma fala plena e conseqüentemente da verdade, que possui sua origem em tal movimento diferenciante. Espécie de “segredo manifesto”¹⁹⁷, que se mostra e se esconde simultaneamente através da disjunção criadora de inscrições e traçados. Inscrição contínua, que, por sua própria constituição, engendra rastros a partir de outros rastros até fazer desaparecer a possibilidade de qualquer origem. Movimento da leitura, da escrita e da vida ao infinito.

¹⁹⁵ (Ibid., p. 80).

¹⁹⁶ (Ibid., p. 80).

¹⁹⁷ (NASCIMENTO, 2012, p. 54).

As palavras (o tempo e os livros que/ foram precisos para aqui chegar,/ ao sítio do primeiro poema)/ são apenas seres deste mundo,/ insubstanciais seres, incapazes também eles de compreender,/ falando desamparadamente diante do mundo. [...]¹⁹⁸

¹⁹⁸ (PINA, 2018, p. 93).

Entre um lugar e o entrelugar

PERSONAGENS

O obscuro

O calvo

O de unhas bestiais

O homem de preto

A plateia

Guardas

ATO CONTÍNUO

A escuridão é total. Não há solo onde possam firmar seus pés, tampouco paredes ou algo sólido em que possam tocar. Não conseguem perceber se estão flutuando ou caindo, é igualmente impossível sentir o peso de seus corpos. Conseguem, por outro lado, compreender que não estão sozinhos, pois ouvem as vozes uns dos outros. Em alguns momentos, uma luz, aparentemente distante, passa e consegue chegar, ainda que débil, até eles. Com isso aos poucos vão se reconhecendo mutuamente. Todos os que estavam no teatro parecem estar reunidos ali. A luz passa, e O calvo, O obscuro e O de unhas bestiais conseguem se agarrar e formar um bloco de corpos. A luz passa outra vez, podemos ver agora os guardas apontando suas armas em todas as direções; ou seja, em direção ao nada. A luz passa uma vez mais, e agora vemos a plateia saindo por uma porta que se abre e mostra os carros passando lá fora. A luz passa uma última vez, e podemos observar um homem, trajando roupas pretas e usando bigodes, nadando no vazio, com expressão satisfeita estampada no rosto; nada em direção ao som da sineta de uma bicicleta perdida no infinito. Trim! Trim! Trim!

* * *

Sob o olhar dos fantasmas

Caso alguém esteja realmente lendo este meu relato – ou melhor, o relato que transcrevi anteriormente e que segue –, talvez consiga perceber alguma coesão entre tudo o que foi descrito até aqui. Como já havia mencionado, após o episódio que resultou na perda de meu antigo caderno e depois de tanto tempo ouvindo histórias, longe de minha terra, não consigo mais diferenciar com precisão a autoria da maior parte dos acontecimentos que narro. Tive de escavá-los na memória a partir das coisas que ouvi e vi. Então já nem sei dizer a quem pertencem realmente. Talvez esteja atribuindo uma autoria equivocada a alguns deles, outros é provável que tenha simplesmente inventado. Depois de tanto tempo recolhendo narrativas, já não tenho tanta clareza do que realmente vivi ou do que imaginei.

Quando saí de casa, há tanto tempo, pretendia encontrar esta terra fantástica chamada por alguns de Brasil, conhecer a instituição de nome escola, provar a existência de ambos. Às vezes, entretanto, me pergunto se realmente saí de minha casa, de minha cama, se não se passaram apenas alguns minutos. E, por conseguinte, de onde vêm estas lembranças que transcrevo aqui? Será que ainda importa obter tais respostas, contudo?

O mais provável é que eu produza alguns rastros – que talvez sejam lidos por alguém algum dia – onde os acontecimentos narrados se apresentem inseparáveis da forma como são escritos. Produtos da vida enredada em seu texto, uma vida em obra, uma “vidarbo¹⁹⁹,” indissociável de certo coeficiente de nebulosidade. Quem sabe toda coerência seja apenas uma ilusão retrospectiva. Escrever sobre um acontecimento vivido talvez seja sempre revivê-lo – produzir uma segunda vida (ou uma vida autônoma) – através do escrito. Engendrando um eu “biografemático²⁰⁰,” um eu de papel, no papel. Que dá vida ao papel e inventa um, para si, na vida mesma (diferenciando-se de si mesma). Além disso, esse eu escreve com uma legião de fantasmas empoleirados em seus ombros – concedendo alguma vida pra si e para tais espectros. Por isso não consigo me libertar dessa mania de referências e notas de rodapé, que se espalham por todo o texto: são os olhinhos de tais fantasmas esperando seu reconhecimento.

Minha maior dívida é provavelmente com tais fantasmas. Mais do que como escrevo, importa aqui, e sempre, como me relaciono com eles. Sobretudo a forma como direciono meu olhar a eles. Através de seus corpos translúcidos, leio a mim mesma e cometo o pequeno furto

¹⁹⁹ (CORAZZA, 2013, p. 110).

²⁰⁰ (Ibid., p. 112).

constitutivo²⁰¹ de minha própria fuga. Ou, melhor dizendo, estabeleço sempre um diálogo entre os que estão vivos, de corpo presente, e os que também estão vivos, mas de outra forma, que precisam simplesmente ser invocados. E são sempre muitos, incontáveis.

O que faço, quem sabe, nada mais seja do que a construção de uma excêntrica máquina de comunicação entre o plano dos vivos e dos mortos. Que não liga os planos, apenas tenta evidenciar o fato de que nunca estiveram separados. Quiçá seja preciso apenas saber vê-los, saber lê-los. A questão da leitura antecederia sempre à da escrita. Por isso minha estranha máquina nada mais é do que uma máquina leitora. Que não foi inventada por mim, é preciso que eu confesse. Não saberia dizer com exatidão quem a inventou. Mas fora Jorge Luis Borges um de seus principais operadores²⁰². Máquina que se alimenta da leitura e produz conexões: textos, ideias e até mesmo vida. Como bem disse o próprio Borges, no prólogo de sua *História universal da infâmia*: “Às vezes acho que os bons leitores são cisnes ainda mais tenebrosos e singulares que os bons autores”²⁰³. Com ele aprendemos que importa menos certa solenidade, diante do conteúdo de uma obra, do que a maneira como a lemos²⁰⁴. Os mais hábeis operadores de tal máquina de leitura provavelmente são aqueles que conseguem estabelecer as ligações mais imprevisas entre o montante lido. Particularidade que o texto de Emir Rodríguez Monegal²⁰⁵ parece igualmente observar. Ao analisar o processo de escrita de Jorge Luis Borges, faz alusão a um artigo de Gérard Genette, apontando certa característica que reforça a ideia de uma máquina leitora. Os textos de Borges seriam uma espécie de apanhado dos diversos matizes (dos desdobramentos) de uma determinada ideia, tema ou metáfora ao longo do tempo. Genette dirá que a escrita de Borges “[...] parece possuída por um estranho demônio da associação[...]”²⁰⁶. Leitura (e escrita) labiríntica que encadeia textos, uns aos outros, rumo ao infinito²⁰⁷, até o apagamento de qualquer origem. Deles restando apenas um indeterminável rastro.

²⁰¹ “Que a palavra e a escritura sejam sempre inconfessadamente tiradas de uma leitura, tal é o roubo originário, o furto mais arcaico que ao mesmo tempo me esconde e me *sutiliza* o poder inaugurante. O *espírito* sutiliza. A palavra proferida ou escrita, *a letra*, é sempre roubada. Sempre roubada. Sempre roubada porque sempre *aberta*. Nunca é própria do seu autor ou do seu destinatário e faz parte de sua natureza jamais seguir o trajeto que leva de um sujeito próprio a um sujeito próprio” (DERRIDA, 2014, p. 262).

²⁰² (LINK, 2002).

²⁰³ (BORGES, 2018, p.7).

²⁰⁴ (ADÓ, 2016).

²⁰⁵ (MONEGAL, 1980).

²⁰⁶ (GENETTE apud MONEGAL, p. 26).

²⁰⁷ (MONEGAL, 1980).

Assombros de leitura e aberrações

Borges sabia como ninguém cultivar seus fantasmas, e o tenho sempre em mente quando penso em um leitor ideal – o mais perfeito operador (e de fato operou) da máquina leitora²⁰⁸. Se eu tivesse de destacar a principal característica de tal máquina, diria que é certo princípio de conexão – mesmo que num primeiro momento tais conexões pareçam absurdas. A máquina leitora provavelmente antecede a máquina literária pensada por Deleuze e Guattari. E se tal máquina literária estabelece o que Deleuze chamou de “comunicações aberrantes”²⁰⁹, ela o faz porque, antes de tudo, como operação fundamental (indissociável), é alimentada pela máquina leitora, que institui verdadeiras leituras aberrantes²¹⁰: labirínticas, tresloucadas e criadoras.

Ao mapear o que chamou de movimentos aberrantes, realizados por Deleuze (de onde obviamente pegamos emprestada a ideia de uma leitura aberrante), David Lapoujade associará tais movimentos aos recortes forçados que caracterizariam a filosofia do autor²¹¹ e sua própria definição da mesma, “[...] concebida como movimento aberrante de criar conceitos [...]”²¹². Tais movimentos aberrantes deleuzeanos insinuam possuir, em sua origem, como ponto de partida, uma leitura mutante (transfiguradora do que lê), pois são a leitura aberrante mesma em deslocamento. Produtora de ideias e novos textos na forma de monstruosidades²¹³.

A radicalidade dos movimentos (e, por conseguinte, leituras) aberrantes realizados por Deleuze consiste numa contorção, que faz “cindir” o sistema filosófico para o qual aponta seu olhar, até o ponto de, no limite, fazê-lo voltar-se contra si mesmo. Até um extremo onde, por exemplo, a reversão do platonismo poderia estar contida, desde sempre, na própria obra de Platão²¹⁴. Trata-se de um modo de leitura, um modo de operação de textos, recorrente em

²⁰⁸ “Borges lia de tudo, mas ele mesmo afirmava não ter paciência para os romances e que nem sempre lia tudo por completo, livros inteiros, por assim dizer. O que importa neste universo de leitor é a potencialidade leitora, ou seja, as ínfimas relações que podem ser provocadas em leituras cruzadas. Como se as frases de um texto fossem concatenadas por um bibliotecário que, a cada ordenar e reordenar de uma biblioteca, vai inventariando frases, palavras, parágrafos de livros dispersos e, nessa ordem, faz dos fragmentos uma unidade discreta de sentidos” (ADÓ, 2016, p. 136).

²⁰⁹ (DELEUZE, GUATTARI, 2010).

²¹⁰ “[...] em certos ramos da ciência esta mesma palavra pode designar algum excesso de vitalidade, uma espécie de transbordamento de energia interna, que leva a uma produção anormalmente desenvolvida de órgãos ou de atividade física e psíquica” (VALÉRY, 1997, p. 107).

²¹¹ (LAPOUJADE, 2015).

²¹² (Ibid., p. 10).

²¹³ “Eu me imaginava chegando pelas costas de um autor e lhe fazendo um filho, que seria seu, e no entanto seria monstruoso. Que fosse seu era muito importante, porque o autor precisava efetivamente ter dito tudo aquilo que eu lhe fazia dizer. Mas que o filho fosse monstruoso também representava uma necessidade, porque era preciso passar por toda espécie de descentramentos, deslizes, quebras, emissões secretas que me deram muito prazer” (DELEUZE, 1992a, p. 14).

²¹⁴ (LAPOUJADE, 2015).

Deleuze. Um tipo de busca incessante por aberrações que alimentariam seu pensamento. A perversão estaria na raiz de sua filosofia. Sendo que, para Lapoujade, o perverso seria a personagem principal dos conceitos deleuzianos²¹⁵.

Os movimentos aberrantes não possuiriam, entretanto, nada de mimético, seriam movimentos eminentemente lógicos. Aliás, como pano de fundo de toda sua filosofia, estaria implícito o problema da lógica, de sua própria produção de lógicas. O que o aproximaria, nesse sentido, de Spinoza. Ao ler os diferentes autores – sejam eles filósofos, pintores, cineastas, poetas ou demais artistas e escritores –, sua questão principal seria quase sempre a mesma: como funcionam, a que lógica obedecem? Por isso Deleuze e Guattari, ao sugerirem que a filosofia consistiria na criação de conceitos, na verdade estariam afirmando, ao mesmo tempo, que à filosofia caberia a tarefa de criação de lógicas – dado que um conceito nunca se apresenta solitariamente, é sempre seguido por uma sequência de outros conceitos a ele encadeados. “Criar um conceito é criar a lógica que o vincula a outros conceitos²¹⁶.”

A ideia de movimentos/leituras aberrantes pode parecer sugerir certa irracionalidade – e provavelmente alimenta, de fato, tal irracionalidade. Porém a questão mais relevante, aqui, é que o irracional, segundo a argumentação de Lapoujade, não seria necessariamente sinônimo de ilógico. E isso pode causar certo estranhamento, porque as lógicas que interessariam a Deleuze seriam precisamente aquelas que se mostrariam irracionais, aquelas que escapariam a uma aparente razão. Na obra do autor, a lógica possuiria sempre algo de esquizofrênico e conseqüentemente de alguma perversão de toda lógica. Uma lógica muito particular, que Lapoujade sintetizou da seguinte maneira: “lógica irracional dos movimentos aberrantes²¹⁷”. Tais movimentos expressariam a mais alta potência da vida. As lógicas irracionais, por sua vez, expressariam a mais alta potência do pensamento. Vida e pensamento. Porquanto, para Deleuze, a filosofia não estaria contida no ordinário. O cotidiano (ou o ordinário) seria assassino da filosofia. Por isso ao propor um empirismo, ele tem de inventar outro nome para tal empirismo – seja radical, superior ou transcendental – para dar conta de tais movimentos extraordinários, “[...] que ateste a necessidade de invocar outros tipos de movimentos, demoníacos ou excessivos [...]”²¹⁸.

Em Deleuze, seriam secundárias as questões relacionadas ao vivido. Por outro lado, apresenta-se como central a questão da lógica; pois, de alguma estranha maneira, tal questão estaria muito mais próxima daquelas que dizem respeito às potências que animam a vida – às

²¹⁵ (LAPOUJADE, 2015).

²¹⁶ (Ibid., p. 13).

²¹⁷ (Ibid.).

²¹⁸ (Ibid., p. 14).

forças vitais que extrapolariam o próprio vivido. Porque as potências vitais produziriam continuamente novas lógicas (quase sempre irracionais) às quais teríamos de nos submeter. Potências ou forças que travam batalhas com a vida e o pensamento, uma vez que lutamos com elas e contra nós mesmos ininterruptamente, produzindo experimentações e movimentos aberrantes, até um limite, que, em alguns momentos, pode representar nossa própria destruição²¹⁹. Um risco muito parecido com aquele que Deleuze e Guattari descrevem ao falarem das linhas de fuga. Assim, analogamente às linhas de fuga, os movimentos aberrantes (e leituras) representariam um risco iminente de destruição; mas, por outro lado, seriam igualmente os libertadores das potências da vida. Se existe o que poderíamos chamar de um “vitalismo” em Deleuze, ele é sempre ambíguo e perturbador. Já que os movimentos aberrantes são inseparáveis do perigo de aniquilamento. Uma força desconcertante – simultaneamente produtora de destruição e de vida.

Agotamiento y propagación

Tenho de admitir que me desconcertava o fato de eu ainda não haver conseguido entender muito bem o funcionamento de uma escola no Brasil. Ou como se poderia ensinar ou aprender algo nessa terra, dentro dos limites da instituição ou mesmo fora dela. Será que poderíamos fazer tal distinção? Eu tinha de acrescentar à equação, além disso, o fato de eu não ter nenhuma certeza de que meus amigos representassem A escola. Apesar de seguirem certo modelo instituído pela tradição, tinha a impressão de que se tratava de uma multiplicidade de experiências irreduzíveis, que eram em grande medida determinadas por múltiplos fatores como localização geográfica, classe social etc. Então o melhor que eu poderia fazer, provavelmente, era me concentrar nas informações que vinha conseguindo obter e, com alguma sorte, na concatenação posterior dos fatos – torcendo para que fizessem algum sentido e apontassem alguma direção que possibilitasse entender minimamente sua lógica.

A impressão que tenho é a de que talvez fosse importante apresentar outra das personagens com quem dialoguei por aqui, antes que acabe me esquecendo dos detalhes e se

²¹⁹ “Uma experimentação vital é quando uma tentativa qualquer lhe apanha, toma conta de você, instaurando cada vez mais conexões, lhe abrindo as conexões: tal experimentação pode comportar uma espécie de autodestruição, pode passar por produtos que a acompanham ou aguçam, fumo, álcool, drogas. Ela não é *suicida*, desde que o fluxo destruidor não se assente sobre si mesmo, mas sirva para a conjunção de outros fluxos, sejam quais forem os riscos” (DELEUZE apud LAPOUJADE, 2015, p. 21).

torne impossível contar com alguma vivacidade tudo o que se passou. Com ela aprendi um pouco mais a respeito de como o pensamento pode funcionar (algo importante quando se trata de uma tentativa de refletir sobre a própria educação), sobre o *quantum* de imaginação implicado no processo. Era um sujeito peculiar, sempre trajando roupas escuras, com ideias igualmente peculiares. Contava que havia nascido no Uruguai, ou outro país da América Latina – não sei ao certo, nem se era verdade –, mas pouco importa. Irei chamá-lo, por aqui, de *El agotado*, seguindo o princípio, adotado desde o início, de não revelar o nome verdadeiro de meus interlocutores.

Desde o começo fiquei surpresa com as ressonâncias compartilhadas entre algumas de suas ideias e as de meus outros entrevistados, apesar de cada um deles apresentar formulações muito originais. Como se cada um, contribuindo com sua singularidade, compusesse um sistema que não parasse de se diferenciar a partir de pequenos pontos de contato. No caso de meu amigo *Agotado*, por exemplo, acho muito singular sua concepção de um educador que possui a capacidade (ou pelo menos a possibilidade) de fabricar a si mesmo e de – com isso, por isso – fazer proliferar os afetos alegres, como potência de criação de si, e de estabelecimento de ligações com os outros²²⁰. Se ele fala acompanhado por alguns fantasmas – (como todos nós, aliás) reconstruindo seus rastros –, eu diria que de alguns deles podemos sentir uma presença quase concreta. Quase posso ver a mão de Paul Valéry (1871-1945) guiando a sua mão ao imaginá-lo escrevendo sobre fabricar-se a si próprio. Ou mesmo Jorge Luis Borges e Gilles Deleuze, quando rouba a cleptomania de ambos para poder nos apresentar suas próprias ideias, como uma “comédia intelectual”, que se metamorfoseia numa “autocomédia do intelecto”²²¹. Um autoconvencimento, que é, do mesmo modo, convencimento dos outros – a trama de uma extensa rede de afetos. Entre professor e alunos, entre vivos e mortos, entre pensamento e vida. É preciso certo grau de audácia prestidigitadora para dizer tudo o que já foi dito, só que dessa vez como se fosse seu, como se estivesse sendo dito pela primeira vez. Acreditar que sua posição peculiar é, de alguma forma, a atualização do universal. O que, devo dizer, não seria um empreendimento pequeno.

Estaríamos todos no mesmo barco, como personagens dessa comédia intelectual. *El agotado* vai mais longe ainda, tenta explorar as potencialidades de tais personagens, nós todos, como se nossas biografias fossem inventadas ao modo de Marcel Schwob²²². Dá pra

²²⁰ (ADÓ, 2013).

²²¹ (Ibid.).

²²² (SCHWOB, 1997).

acreditar?! Eu sei que pode parecer loucura, mas quando vemos já estamos dentro. Eu mesma, escrevendo estas linhas, como já disse, às vezes me perco.

Quiçá todas estas linhas, aqui escritas, não passem de uma autocomédia do intelecto, minha própria comédia que se pretende universal. Porque “[...] não se interessa por uma história da verdade; mas por uma narrativa de sua própria potência como contingência de composição [...]”²²³, como leitura aberrante e canibal. “Um produto que se relaciona com criaturas infiéis, reescritas, paradoxais e rearranjadas em anagramas inventados”²²⁴, como me disse, na ocasião, *El agotado*. Ele empregava todas suas forças, nisto que chamou de “educação potencial”²²⁵, uma máquina literária e educacional. Tenho meus motivos para acreditar nele. Até porque já nem me lembro se escrevia (e principalmente lia) desta forma antes de conhecê-lo. Pelo menos me ajudou a pensar a mim mesma e meus pensamentos, sua composição e potência. Talvez minha aspiração seja aquela mesma de Macedonio Fernández, descrita por Piglia: “Apagar suas [as minhas] pegadas, ser lido como se lê um desconhecido, sem prévio aviso. [...] Ser lido como se fosse esse outro escritor”²²⁶. No fim das contas, acredito e sou movida por estas leituras aberrantes, que nada mais são do que uma das formas de cortar o caos. Se minha leitura se apresenta como aberrante é porque empreende um roubo criador, tentando fender o caos para estabelecer minha própria anarquia²²⁷. Porque algo sempre se produz, mesmo que parta de um equívoco. Piglia confirma que “[...] a arte de narrar se baseia nesta leitura equivocada dos sinais [...]”²²⁸. Eu iria mais longe e diria que somente através do equívoco, de certo desvio dos limites estabelecidos, algo novo poderia ser produzido. A percepção distorcida de algo pode produzir anomalias criadoras, existe uma potência na distorção, nessa leitura aberrante. “Não há nada além de empréstimos, empréstimos de empréstimos, empréstimos de empréstimos de empréstimos.”²²⁹ Uma potência aberrante capaz de estabelecer as ligações mais heterogêneas e imprevistas, recriando sobre novas bases os materiais de que dispõe. E, com alguma sorte, “[...] perto do final surge no horizonte a visão de uma realidade desconhecida [...]”²³⁰. Pura potência combinatória. Do caos ao caos potencial. Da perversão às aberrações potenciais. Uma ideia

²²³ (ADÓ, 2013, p. 39).

²²⁴ (Ibid.).

²²⁵ (Ibid.).

²²⁶ (PIGLIA, 2004, p. 20).

²²⁷ Com Derrida, lembramos que a palavra grega *arkhê* – de onde é bem provável que tenha derivado o termo anarquia – significa ao mesmo tempo começo e comando (DERRIDA, 2001b). Por isso pensamos em anarquia como algo que desarticula a possibilidade de um começo ou de um comando.

²²⁸ (Ibid., p. 103).

²²⁹ (ADÓ, 2013, p. 49).

²³⁰ (PIGLIA, 2004, p. 103).

talvez seja sempre um desvio impossível sem a diferenciação e a heterogeneidade da visão ou, neste caso, da leitura e da escrita como máquina literária e potencial. “Como tal, uma Ideia é composta pelos elementos diferenciais, pelas relações diferenciais entre os elementos que povoam o sem-fundo e a partir dos quais as realidades sensíveis são engendradas.”²³¹ E se a educação pode conter tal propriedade potencial, como propõe *El agotado*, ela não é de maneira alguma intrínseca. Deve ser produzida através dos movimentos forçados, das combinações disparatadas, das interpretações enganadas e enganosas, ou seja, realizada através de leituras aberrantes e da escrita por elas concebida.

O grito, o berro, o aberrante

Ao analisar a produção deleuziana, David Lapoujade dirá que o filósofo, paralelamente à elaboração de suas máquinas de guerra, como sua extensão, invocaria um movimento minoritário, como contraposição às normas estabelecidas. Porque elas, as minorias, estariam sempre numa posição oposta. Como se suas reivindicações (ou expressões) se chocassem diretamente com tais normas e com elas fossem incompatíveis, já que o que caracterizaria tais minorias seria sua falta de direitos e mesmo, no limite, da possibilidade de uma linguagem. “O que podem pretender? Qual língua, para aqueles que não falam, que não conseguem falar, mesmo em sua língua? Qual expressão para o analfabeto, o idiota, o gago?”²³² A questão fundamental seria a de como expressar um pensamento que não possui meios preexistentes de se falar a si mesmo, de se escrever etc. Uma possível solução, concebida por Deleuze, seria a de sempre escrever para (tendo em vista) um povo que ainda não existe, um povo ainda por vir e sem linguagem. Para todos aqueles que não possuem possibilidade de expressão toda reivindicação talvez venha à tona como a forma de um grunhido, de um grito, mesmo que ainda inarticulado e pouco perceptível. Em Deleuze poderíamos encontrar os mais diversos tipos de gritos, ou suas tentativas: gritos de escritores, pintores, cineastas. Porquanto, para o filósofo, qualquer reivindicação sempre se converteria num grito: “É a imagem do pensamento que guia a criação dos conceitos. Ela é um grito, ao passo que os conceitos são cantos”²³³.

²³¹ (LAPOUJADE, 2015, p. 100).

²³² (Ibid., p. 27).

²³³ (DELEUZE, 1992b, p.186).

Os acontecimentos que me trouxeram até aqui provavelmente partiram de um chamado, do acolhimento de tal chamado. Não saberia dizer se chegaram a constituir gritos, mas certamente partiram de uma forma de expressão ainda inarticulada. Ou, quem sabe, de uma má articulação da recepção – distorção que transforma a compreensão numa ferramenta de produção de estranhas máquinas, que emitem ruídos terrificantes, até mesmo bizarros. Como o clamor de um profeta ou louco que lê nas escrituras sagradas os sinais do fim do mundo e os anuncia aos berros. Ele talvez não tenha entendido totalmente o que leu ou simplesmente não o possa. Então a partir de sua própria compreensão – a que consegue e única possível – arquiteta seu mundo. Onde as fronteiras entre loucura e salvação encontram-se borradas. Sua leitura, entretanto, violenta os limites, apresenta-se como uma aberração.

Eu pretendia encontrar um país, até então considerado imaginário, chamado Brasil. Captar sua lógica, analisar o funcionamento de suas instituições, principalmente daquela que me pareceu mais curiosa e que se denomina escola. Convivi e conversei com tanta gente, durante tanto tempo, até perder a voz e a noção do tempo – por isso já não tenho tanta certeza de quem sou ou de onde vim. Meus pensamentos se confundem com fantasmas do passado ou do futuro. Quem sabe a profeta seja eu. Gostaria de, pelo menos, ao ter escrito este diário de meu desaparecimento ter também produzido algum pequeno acontecimento, por mais ínfimo que possa se apresentar, que tenha algum sentido ou significado – ideia que só poderia ser concebida a partir de suas relações diferenciais²³⁴.

Aprendi com meus amigos e outros tantos interlocutores que, para que algo novo se produza, é preciso que entremos em contato com as forças selvagens do Fora. Mesmo que eu não tivesse consciência, na época, talvez esse tenha sido o motivo de ter ido embora. Suspeito que esse também seja o modo de funcionamento do pensamento e o fim procurado numa escola, na educação. Experimentação multiplicadora de afetos entre os sujeitos e o mundo. E o que é a experimentação senão a destruição (criadora) dos limites entre sujeito e objeto, onde os sentidos, por um instante, conseguem tocar o próprio ser do sensível²³⁵.

O Fora e suas forças podem servir tanto à destruição quanto à fabricação das máquinas responsáveis pelo pensamento. Eu, de minha parte, escolhi (sempre escolho) tentar produzir uma máquina literário-educacional. Pois o Fora funciona de forma incongruente: é encarregado dos fluxos de produção das diferentes máquinas, mas só pode ser acessado através delas. Constrói-se uma máquina (literária, educacional etc) a partir do Fora e contra ele, para que nos protejamos minimamente de sua entropia, que pode ser destrutiva. A leitura

²³⁴ (LAPOUJADE, 2015).

²³⁵ (Ibid.).

aberrante, por sua vez, é a mediadora entre o Fora e as máquinas literárias. Como a gota da mamadeira que pingamos na mão para conferir a temperatura e não queimarmos a boca do recém-nascido. A leitura aberrante, entretanto, pretende alimentar o bebê com nitroglicerina. E tal bebê, por ela alimentado, pode se tornar radioativo – uma máquina literária, artística, filosófica ou científica (uma vida) imprevisível.

Porém, se as forças do fora são impessoais, assim como as operações realizadas pelas máquinas literárias, elas não estão desconectadas da realidade. O leitor (ou o aluno) atualiza as engrenagens da máquina a partir de seu repertório sociocultural, como um detetive que segue pistas imprecisas e pretende elucidar um crime. E se os textos possuem alguma verossimilhança com o mundo, eles já não o espelham como na interpretação clássica da ideia de *mimesis*; antes, produzem uma verossimilhança divergente, produzem diferença. O impessoal se pessoaliza para poder se diferenciar de si mesmo e inventar outros mundos.

Se eu consegui conhecer a Escola? Será que alguém conheceu? Quem sabe? Já não tenho certeza. Se ela realmente existe (ou existiu), talvez funcione – pelo menos tenho esta impressão, a partir de tudo que ouvi – como uma grande fábrica. Como a possibilidade de se transformar numa fábrica e de produzir máquinas de expansão das próprias possibilidades ao infinito. Máquinas educacionais que trabalhem analogamente às máquinas literárias, a elas se relacionem diferencialmente, afetem-se a si e ao mundo como um texto que sempre se reinicia e nunca termina.

* * *

Acho que se eu contasse ninguém acreditaria. Eu mesma às vezes tenho minhas dúvidas sobre o que de fato se passou. Por isso resolvi deixar registrado neste diário tudo mais ou menos como ocorreu. Pelo menos para que aquilo que sobrou, que não foi destruído pela água ou lavado da memória, fique gravado – de modo que algum dia, quem sabe, caso alguém leia meu relato, seja possível alguma tentativa de reconstrução de meus rastros, já quase apagados, mesmo para mim mesma. A partir destas memórias de segunda mão. Como num sonho, sonhado dentro de outro sonho, do qual temos dificuldade de lembrar conforme vamos despertando. Porque nunca acordamos inteiramente. E, antes de estarmos totalmente despertados, já é hora de dormirmos novamente e retomarmos as ruínas do sonho de que não resta quase mais nada.

Esse frágil rastro diz respeito à jornada de uma vida inteira. Do processo de nos tornarmos quem somos, porque somos o próprio processo – quando desenvolvemos nossos procedimentos particulares de diferenciação de nós mesmos. Deixamos para trás, todos os dias, aquele ou aquela que fomos, até o momento, e que foge perpetuamente. Como um cão que persegue o próprio rabo.

O que talvez me conduza a esta obsessão por anotar tudo. Uma pequena tentativa inconsciente (e fracassada) de congelar os acontecimentos para que não se tornem irreconhecíveis. Mas escrever já é sempre transformá-los em outra coisa, que lembra apenas vagamente o que ocorreu. Quando escrevo, produz-se um espaçamento entre o vivido e o registrado. A vida se comprime nesse estreito espaço de atrito entre ambos. Como se, no caminho percorrido pelas letras na página, elas mesmas estivessem cumprindo sua existência, seu amadurecimento. Uma pequena letra, um tipo de semente que espalha suas raízes na realidade de quem escreve e lavra seus pensamentos, formando a primeira palavra de uma inscrição indeterminada – ou o movimento inicial de um acontecimento.

Caso esta narrativa seja lida um dia, temo que cause espanto naqueles que me conheceram. Antes – antes de tudo isso. Se é que se pode dizer que houve um antes. Se é que me conheceram. Não que eu não desejasse me fazer reconhecer, ou conhecer pela segunda vez, agora com maior intimidade e precisão. Mas há um abismo intransponível. Eu sou aquela? Ou sou esta que se escreve e lê para que não se esqueça a si mesma pelo caminho? Não sei. Não sei se disponho de tempo hábil para tal empreitada. Se é que algum dia alguém o possuiu. O possuidor sempre é possuído por aquilo que julga possuir.

Como eu poderia começar e explicar de maneira simples como cheguei até aqui e tudo pelo que passei, as pessoas que conheci e as coisas que me ensinaram? O mundo é muito mais complexo do que os caracteres que tentam inutilmente o espelhar numa folha. Ele é outra coisa, mas é também composto por tais caracteres. Se, por vezes, meu relato se mostrar pobre em verossimilhança, é porque a própria realidade não se assemelha a si mesma – ou ultrapassa a si mesma no absurdo que é existir. Não tentarei convencer ninguém. Apesar de adverti-los, desde já, de que me atenho com o maior rigor possível aos fatos, tais como aconteceram. Como me lembro que aconteceram, pelo menos.

Começar é sempre o mais difícil, visto que nunca começamos, porque começamos continuamente, estamos sempre no meio. Também nunca encerramos. Eu acho. Não sei. Talvez devesse tentar começar a falar das primeiras pessoas que conheci nesta nova terra. Quem sabe ganhe a confiança do leitor através da empatia. Do reconhecimento do que há de humano e, ao mesmo tempo, absurdo em suas histórias. Pois suas existências expatriadas são

de alguma forma a expressão da existência de uma maneira geral. Não que eu creia na possibilidade de uma existência geral – mas a fragmentação das existências expatriadas talvez possa compor algum tipo de sistema geral de todas as existências irreduzíveis.

Se eu tivesse de começar – já estando sempre em meio, em movimento, em direção a algo ou a algum lugar –, provavelmente começaria escrevendo sobre as vidas extraordinárias de alguns daqueles com os quais cruzei durante o caminho. Seria um bom começo, eu acho, poder falar um pouco sobre essas pessoas tão singulares. O começo? Bem, o começo já estaria em movimento muito antes de nos conhecermos: uma parte interessante dele, a mais relevante – fundamental para entendermos como chegamos todos até aqui; eles, eu e provavelmente vocês. Eu não estava lá. Então terei de partir do que me relataram. Eles, os primeiros que conheci. Que sorte a minha! Eram três exploradores e um *bon vivant*. Quatro viajantes, muito parecidos comigo, que passaram por poucas e boas antes de lograrem algum êxito em sua empreitada. Se eu fosse contar suas histórias, acho que um jeito interessante de narrá-las seria da seguinte forma: como se fizessem parte de peça teatral. Por quê? Não sei. Apenas acho que o gênero serve muito bem para expressar os dramas pelos quais passaram. Então acho que começaria mais ou menos assim:

PERSONAGENS

O obscuro

O calvo

O de unhas bestiais

O homem de preto

TERCEIRO ATO

Chegam três homens, andando em fila indiana, num ritmo acelerado, e param no centro do palco – ou, no caso de uma encenação ao ar livre, ao centro do público. De costas para a plateia, analisam um muro muito alto, que poderia ser a fronteira de um país não identificado, não sabemos ao certo. O terreno é árido (dependendo do caso, pode haver areia no palco). Ao lado dos homens, uma árvore seca exhibe um indivíduo enforcado. Apesar de vestirem andrajos, ainda conseguem adotar certa postura elegante. O obscuro cobre o rosto com um turbante tuareg; o calvo veste uma blusa de gola alta e jaqueta de couro; o de unhas

bestiais usa um chapéu de feltro gasto e uma bengala. A visão do muro, no entanto, parece animá-los.

[...]

***Post-scriptum* sobre leituras aberrantes em educação**

Muito bem, vamos lá! É provável que você tenha chegado, até aqui, um tanto confuso, com mais dúvidas do que respostas. Caso isso tenha acontecido, peço desculpas pelos transtornos, mas não se preocupe, pois, de certa forma, tal desorientação faz parte da experiência que tentei promover. Mesmo assim, tentarei comentar, aqui, alguns pontos do texto. O que de maneira alguma tomará a forma de uma explicação. Uma vez que creio ser mais importante colocá-lo (você leitor) a par do funcionamento de alguns mecanismos (ou princípios básicos) que mobilizaram minha escrita. E este é um ponto fundamental: o texto teve como programa principal a produção de movimentos diversificados muito mais do que sua compreensão cristalina ou a afirmação de algum tipo de verdade.

Tentei, desde o início, concatenar parágrafos que, em conjunto ou separadamente, desencadeassem algo como o que Deleuze chamou de acontecimento. Produzir um efeito – mesmo apenas fluindo sobre a superfície das coisas e as conectando com outras superfícies, rompendo sua tensão superficial –, “[...] uma ‘quase-causa’, alguma coisa (*aliquid*) que acontece e que, por sua vez, não se reduz nem às coisas nem às proposições, mas só pode ser apreendido no instante mesmo em que acontece”²³⁶. Por isso, em alguns momentos o texto pode até parecer hermético ou disparatado. Entretanto penso estar propondo um tipo muito peculiar de quebra-cabeça e convidando o leitor a se juntar a mim, e aos que comigo dialogam, em sua montagem, onde as figuras mais diversas são possíveis de serem engendradas – por colocar em jogo ideias-forças responsáveis pelo acionamento das articulações do pensamento, “[...] porque a ideia deleuziana de acontecimento implica a afirmação da conexão de heterogêneos, a necessidade do acaso, a surpresa dos devires...”²³⁷.

O leitor desavisado talvez tenha procurado, no texto, proposições que pretendessem a solução de algum problema específico relacionado ao fazer educacional. Deve, contudo, ter estranhado o fato de uma dissertação que menciona a educação, já no título, enredar-se em temas labirínticos, à primeira vista, muito mais relacionados à literatura, à leitura e à escrita

²³⁶ (ANDRADE, 2018, p. 6).

²³⁷ (ORLANDI, 2016, p. 11).

ficcional. Tendo em vista esse leitor, retomo certa ideia que aparece em diversos pontos do texto: a de que concebemos o espaço em que o encontro da aula acontece, mas principalmente tal reunião de pessoas, como lugar privilegiado e inseparável da produção de pensamento. Percepção tomada emprestada parcialmente de Gilles Deleuze (não sem antes aplicar-lhe deformações e reposicionamentos), para quem o pensamento não é algo que acontece naturalmente; antes, precisa ser provocado, no limite, forçado a se desacomodar. Por isso, o texto apresentado pretende ser, antes de tudo, uma experimentação visando à produção de algum pensamento – incorporando os mecanismos (e maquinismos) produtivos de que fala, através de múltiplas entradas e saídas – onde forma e conteúdo operem de maneira inseparável e, em muitos momentos, indistinguível. Quiçá possamos formular, assim, não uma cartilha do pensar em aula, mas certo princípio de ação, como um tipo de ética, que perpassa todo o texto e que esperamos poder ser transposta (ou traduzida) para a aula.

Desde o início (mesmo que de impossível localização) fui movido por meu amor pelos livros, pela leitura e pela docência. Como se através de tal leitura eu reconstituísse, de alguma forma, minha própria memória – não daquilo que vivi, mas de uma memória muito mais ampla e impessoal onde estaria armazenado o catálogo das apostas que compõem a vida em toda a sua virtualidade. Logo, o ato da escrita carregaria consigo a possibilidade de projeção ao futuro, de composição de uma máquina ficcional e de pensamento ao modo pigliano; uma vez que com ele aprendemos, dentre outras coisas, que: “A escrita de ficção se instala sempre no futuro, trabalha com o que, todavia, não é. Constrói o novo com os restos do presente”²³⁸. Mesmo que meu texto não perdesse nunca de seu horizonte a educação (ou até perdesse de vez em quando), ele se abasteceu da potência ficcional, ou “fabulatória”, e almejou fazer da escrita literária um tipo específico de prática de saúde²³⁹.

E se, por ventura, você achou curioso o fato de o texto remeter à procura de um país fictício, chamado Brasil, e a uma escola, que, no fim das contas, pouco apareceram nas páginas que se seguiram, isto também fez parte do jogo da ficção – das ficções socialmente difundidas. O que é um país, o que é uma escola, senão uma ficção com efeitos muito concretos no mundo real? O texto posterga continuamente o encontro com o país chamado Brasil e com sua estranha instituição chamada escola, porque a Escola, a Educação, não é um lugar a que se possa chegar; porque um País, uma Nação, não é um lugar a que se possa chegar. Chegamos e partimos, encontramos-los e perdemos continuamente. Como um texto que nunca termina, ou começa indefinidamente.

²³⁸ (PIGLIA, 2001, p. 9, Tradução nossa).

²³⁹ (DELEUZE, 2011, p.14).

A máquina ficcional apresentada não poderia ser dissociada do tipo de leitura de que parte e da forma como gostaria que fosse lida ou operada. É preciso salientar que a noção de leitura aberrante não é mero acessório, uma vez que está implicada de maneira incontornável na construção textual, estilística e argumentativa. Daí a expectativa de que aqueles que porventura venham a explorar o texto imprimam suas idiossincrasias leitoras e reconstruam, à sua maneira, os mecanismos, que sem sua intervenção permaneceriam inertes. A leitura aberrante – colocada em prática no texto e pensada a partir da decodificação feita por David Lapoujade do *modus operandi* de Gilles Deleuze – poderia ser definida como uma leitura inventiva, pragmática e, em alguma medida, desrespeitosa. Na qual, a quem se depara com um texto ou um livro cabe, antes de tudo, perguntar-se: “[...] isso funciona, como é que funciona?”²⁴⁰. A leitura aberrante trata toda escritura “[...] como uma pequena máquina a-significante [...]”²⁴¹ em que a problemática, por ela expressa, faz menos referência à interpretação do que a suas possibilidades de uso. “Não há nada a explicar, nada a compreender, nada a interpretar.”²⁴² Por isso meu texto pode parecer não ter oferecido nenhuma resposta. Isso se deve ao fato de que ele realmente não as ofereceu.

Meu desejo é o de que quem se depare com minha dissertação possa manipulá-la conforme suas necessidades, caso encontre alguma ideia ou trecho que lhe sirva de algum modo. Nela trato de assuntos relacionados à ficção, entretanto diretamente ligados à vida e conseqüentemente à educação. Se concebo uma maneira de ler aberrante, conjugada ao fazer educacional, é por acreditar que não lemos apenas os textos impressos ou que reluzem numa tela eletrônica. Creio (e aqui está contida minha maior aposta) que lemos a realidade continuamente. Contudo talvez estejamos presos às diferentes gramáticas que engendram tal realidade. Então ler aberrantemente transforma-se numa tentativa de subversão de tais forças. Trata-se de inventar, cada um a sua maneira, agenciamentos imprevistos dos elementos implicados na fabricação das existências, na abertura de possibilidades. Pois, como sugeriu Étienne Souriau, a existência não é algo que possuamos e possamos entesourar. Mostra-se, pelo contrário, como coisa dinâmica, que precisa ser conquistada continuamente²⁴³. Exige um tipo de ação, muito semelhante àquela empregada numa obra a fazer – uma obra de arte, por exemplo²⁴⁴. Aproximando-se da questão, fartamente explorada por Nietzsche, da vida como obra de arte por realizar, como algo que deve ser criado e constantemente reinventado. “Tal

²⁴⁰ (DELEUZE, 1992a, p. 16).

²⁴¹ (Ibid.).

²⁴² (Ibid., p. 17).

²⁴³ (SORIAU, 2020).

²⁴⁴ (Ibid.).

como os artistas, Nietzsche se apodera do termo criação para determinar um tipo de fazer que não se esgota num único ato, nem em inúmeros atos.”²⁴⁵ Porque não pode ser esgotado, uma vez que seu esgotamento situa-se no ponto derradeiro da própria vida.

Quando Barthes, em sua famosa aula inaugural no *Collège de France*, trouxe à superfície o que chamou de fascismo da língua – operando menos interdições do que imposições, uma vez que “[...] o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer”²⁴⁶ – é bem provável que também estivesse nos apontando modelos de operação que ultrapassam as margens dos livros ou da linguagem escrita. Por isso a máquina ficcional que apresentamos parece escapar continuamente, pois a leitura aberrante de que parte (e que estilhaça o texto) tem pretensão de ser um conceito desarticulador dos poderes (avesso aos fascismos), que se apresentam sob as mais variadas formas: sejam elas sociais, conceituais, pedagógicas etc.

Os maquinismos derivados da leitura aberrante (aqueles ligados a uma aula, por exemplo) engendram outras arquiteturas, outras geografias, sejam elas físicas ou do pensamento (em geral articulando elementos heterogêneos), visando à topias singulares. Ou, como as chamou Michel Foucault: heterotopias, que se apresentam como espécies de contraespaços e que, quase sempre, produzem igualmente heterocronias²⁴⁷. Então, mais do que uma utopia, as leituras aberrantes – sejam elas de textos ou da realidade – destinam-se a fazer fugir tanto o espaço quanto o tempo envolvidos numa aula, no pensar, na subjetividade e mesmo na vida. Esse outro lugar, entretanto (e aqui nos distanciamos brevemente de Foucault), não pretende nem denunciar “[...] todo o resto da realidade como ilusão [...]”²⁴⁸ ou estabelecer um espaço que se contraponha à desordem do mundo exterior²⁴⁹. Pois a heterotopia instaurada pela leitura aberrante ambiciona coroar a desordem (e certa prestidigitação) e dela extrair sua potência: “[...] uma espécie de anarquia coroada, uma hierarquia subvertida, que, para assegurar a seleção da diferença, começa por subordinar o idêntico ao diferente”²⁵⁰. Do modelo esboçado na forma como gostaria que este texto fosse lido – experimental, pragmática e malcriada – depende o êxito da topia singular que propus. Obviamente inspirado no tipo de leitura realizada por Jorge Luis Borges, expressa em sua célebre afirmação: “Os gêneros literários dependem, talvez, menos dos textos que do modo como os textos são lidos” (2011, p. 52). Aqui, o nó górdio borgiano enlaça os gêneros literários, mas os ultrapassa em direção à realidade contaminada pela ficção. Avessa a

²⁴⁵ (DIAS, 2011, p. 64).

²⁴⁶ (BARTHES, 1978, p. 14).

²⁴⁷ (FOUCAULT, 2013).

²⁴⁸ (Ibid., p. 28).

²⁴⁹ (Ibid.).

²⁵⁰ (DELEUZE, 2018, p. 69).

essencialismos, onde o efeito literário, que a constitui, manifesta-se através das muitas formas como poderá ser lida e produz desvios diferenciais – ou leituras aberrantes.

Alguns rastros

ADÓ, Máximo Daniel Lamela. *Educação potencial: autocomédia do intelecto* [Tese]. Porto Alegre: Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2013.

ADÓ, Máximo Daniel Lamela. Aporias literárias: questões borgeanas na educação. In: *Revista Digital do LAV – Santa Maria – vol. 9, n. 2*, p. 133-145. – mai./ago. 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5902/1983734823517>> Acesso em: 20 fev. 2019.

ANDRADE, Carlos Drummond de. A máquina do mundo. In: *Antologia poética*. 7 ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1973.

ANDRADE, Edson Peixoto. A filosofia do acontecimento em Deleuze. *O Manguenzal*, São Cristóvão, vol. 1, n. 2, p. 6-18, jan./jun. 2018. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/omanguenzal/article/view/9403>> Acesso em: 03 jun. 2019.

AGAMBEN, Giorgio. La inmanencia absoluta. In: *La potencia del pensamiento*. Buenos Aires : Adriana Hidalgo Editora, 2007.

AKHMÁTOVA, Anna. *Antologia poética*. Trad. Lauro Machado Coelho. Porto Alegre: Editora L&PM, 2014.

BARTHES, Roland. *Aula (aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977)*. Trad. Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.

BARTHES, Roland. A morte do Autor. In: *O rumor da língua*. 3 ed. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita 1: a palavra plural*. Trad. Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Editora Escuta, 2001.

BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita 2: a experiência limite*. Trad. João Moura Jr.. São Paulo: Editora Escuta, 2007.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2011.

BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. Trad. Davi Arrigucci Jr.. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BORGES, Jorge Luis. *Borges oral & sete noites*. Trad. Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BORGES, Jorge Luis. *História universal da infâmia*. Trad. Davi Arrigucci Jr.. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BUCK, Peter; MILLS, Mike; STIPE, Michael. Imitation of Life. In: REM. Reveal. EUA: Warner Bros. Records, 2001. 1 CD. Faixa 8.

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CARVALHO, Campos de. *O pícaro búlgaro*. 1 ed. Coleção O homem que ri, vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

CARVALHO, Alfredo de. A última viagem do Professor Pícaro Pindorama. In: *Revista Gestos e Opiniões*. nº 34, Dez. 1994, p. 15-19. Disponível em: <<https://www.revistagestoseopiniõesdosrfaustão.com/artigo/2852/a-última-viagem-do-professor-pícaro-pindorama>> Acesso em: 04 out. 2010.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros. Instituto Camões, 2000.

CAMPOS, Haroldo de. *Galáxias*. São Paulo: Editora 34, 2011.

CARROUGES, Michel. *As máquinas celibatárias*. Trad. Eduardo Jorge de Oliveira. Belo Horizonte: Editora Relicário; São Paulo: Editora n-1, 2019.

COMPAGNON, Antoine. O mundo. In: *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999, p. 97-135.

CORAZZA, Sandra; TADEU, Tomaz; ZORDAN, Paola. *Linhas de escrita*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004.

CORAZZA, Sandra. *O que se transcria em educação?* Porto Alegre: Editora Doisa, 2013.

DELEUZE, Gilles. Carta a um crítico severo. In: *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992a. p. 11–23.

DELEUZE, Gilles. Sobre a filosofia. In: *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992b. p. 169–194.

DELEUZE, Gilles. Imanência: uma vida... Trad. Tomaz Tadeu. In: *Educação & Realidade*, v. 27, n. 2, jul./dez. 2002a, p.10 – 18. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/issue/view/1574/showToc>> Acesso em: 23 set. 2019.

DELEUZE, Gilles. *Espinoza: filosofia prática*. Trad. Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Editora Escuta, 2002b.

DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. 2. ed. Trad. Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2003.

DELEUZE, Gilles. *O que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munos. Rio de Janeiro: Editora 34, 2004.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Trad. Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles. A literatura e a vida. In: *Crítica e clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2011a. p. 11–17.

DELEUZE, Gilles. Um precursor desconhecido de Heidegger, Alfred Jarry. In: *Crítica e clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2011b. p. 118–129.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Paz e Terra, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia vol.1*. 2. ed. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia vol.2*. 2. ed. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2011b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia vol.3*. 2. ed. Trad. Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia vol.4*. 2. ed. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia vol.5*. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 2012c.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Trad. Cláudia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

DERRIDA, Jacques. *La diseminación*. Trad. José Martín Arancibia. Madrid: Editorial Fundamentos, 1997.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 2001b.

DERRIDA, Jacques. *Posições*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2001a.

DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Patão*. Trad. Rogério da Costa. São Paulo: Editora Iluminuras, 2005.

DERRIDA, Jacques. *Esporas: os estilos de Nietzsche*. Trad. Rafael Haddock-Lobo e Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2013.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho. São Paulo: Editora Perspectiva, 2014.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Editora Perspectiva, 2017.

DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche, vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2011.

ECO, Umberto. *Obra aberta*. Trad. Giovanni Cutolo. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

ELIOT, T. S. *Poesia*. Trad. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2006.

FARIA, Daniel. *Explicação das árvores e de outros animais*. Belo Horizonte: Editora Chão de Feira, 2016.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Tamus Muchail. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1985.

FOUCAULT, Michel. Dizer e ver em Raymond Roussel. In: MOTTA, M. B. da (Org.). *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2006b. p. 01 – 12.

FOUCAULT, Michel. O pensamento do exterior. In: MOTTA, M. B. da (Org.). *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2006a. p. 219 – 242.

FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, As heterotopias*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Editora n-1, 2013.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia da Letras, 1989.

GREENWOOD, Colin; GREENWOOD, Jonny; O'BRIEN, Ed; SELWAY, Phil; YORKE, Thom. *How To Disappear Completely*. In: RADIOREAD. *Kid A*. São Paulo: EMI Music, 2000. 1 CD. Faixa 4.

GUATTARI, Félix. A paixão das máquinas. In: *Cadernos de Subjetividade. O reencantamento do concreto*. Trad. Jayme Aranha Filho. São Paulo: Hucitec, EDUC, 2003, p. 39-51.

HADDOCK-LOBO, Rafael. *Para um pensamento úmido: a filosofia a partir de Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: Nau: Editora PUC-Rio, 2011.

HARARI, Yuval Noah. *Sapiens – Uma breve história da humanidade*. Trad. Janaína Marcoantônio. Porto Alegre: L&PM, 2017.

HELDER, Herberto. *Poemas completos*. Rio de Janeiro: Tinta-da-china Brasil, 2016.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

JARRY, Alfred. *Gestes et opinions du Docteur Faustroll, pataphysicien*. Paris, Eugène Fasquelle Éditeur, 1911. Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikisource/fr/b/b1/Jarry_Faustroll_1911.pdf>. Acesso em: 25 dez. 2019.

JARRY, Alfred. *O supermacho: romance moderno*. Trad. Paulo Leminski. São Paulo: Editora Ubu, 2016.

LAPOUJADE, David. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. Trad. Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: Editora n-1, 2015.

LAZZARATO, Maurizio. *Signos, máquinas, subjetividades*. Trad. Paulo Domenech Oneto e Hortência Lancastrre. São Paulo: Edições Sesc; Editora n-1, 2014.

LEVY, Tatiana Salem. *A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2011.

LIMA, Luiz Costa. *Mímesis: desafio ao pensamento*. 2.ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

LINK, Daniel. *Como se lê e outras intervenções críticas*. Chapecó: Editora Argos, 2002.

LOPES, Adília. *Antologia*. São Paulo/Rio de Janeiro: Cosac & Naify/7 Letras, 2002.

MENDES, Murilo. *Antologia poética: Murilo Mendes*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

MONEGAL, Emir Rodríguez. *Borges: uma poética da leitura*. Trad. Irlemar Chiampi. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980.

NASCIMENTO, Evando. Rastros, projetos e arquivos: por uma estética do século XXI. In: EYBEM, Piero e RODRIGUES, Fabrícia Wallace (Org.). *Derrida escritura e diferença: no limite ético-estético*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012. p. 42-78.

NASCIMENTO, Evando. *Derrida e a literatura: “notas” de literatura e filosofia nos textos da desconstrução*. 3.ed. São Paulo: Editora É Realizações, 2015.

OLIVEIRA, Josiane Gonzaga de. *A trajetória ética e estética dos narradores da Obra reunida, de Campos de Carvalho*. 2013. 177 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/103706>>. Acesso em: 11 nov. 2019.

ORLANDI, Luiz Benedicto Lacerda. Elogio ao pensamento necessário. In: ZOURABICHVILI, François. *Deleuze: uma filosofia do acontecimento*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2016, p. 9-22.

PELBART, Peter Pál. *Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

PELBART, Peter Pál. Literatura e loucura: da exterioridade à imanência. In: *Mietzsche/Deleuze: imagem, literatura e educação: Simpósio Internacional de Filosofia*. Daniel Lins (Org). Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2007, p. 243-253.

PESSOA, Fernando. *Navegar é preciso*. Portal Domínio Público, 2019. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000001.pdf>> Acesso em: 14 out. 2019.

PIGLIA, Ricardo. *Nome falso*. Trad. Heloisa Jahn. São Paulo: Editora Iluminuras, 1988.

PIGLIA, Ricardo. *A cidade ausente*. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Editora Iluminuras, 1993.

PIGLIA, Ricardo. *Crítica y ficción*. Barcelona: Anagrama, 2001.

PIGLIA, Ricardo. *Formas breves*. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2004.

PIGLIA, Ricardo. *O último leitor*. Trad. Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

PINA, Manuel António. *O coração pronto para o roubo: poemas escolhidos*. São Paulo: Editora 34, 2018.

PINDORAMA, Pícaro. *À procura da terra da alegria e outras procuras*. Trad. Iuri Ziquoln. Porto Alegre: Pícaro Editora, 1994.

RIBEIRO, Cintya Regina. “Pensamento do fora”, conhecimento e pensamento em educação: conversações com Michel Foucault. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.37, n.3, p. 613-628, set./Nov, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S151797022011000300011&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 24 jul. 2019.

RIMBAUD, Arthur. *Uma temporada no inferno*. Trad. Paulo Hecker Filho. Porto Alegre: Editora L&PM, 2006.

ROSA, Victor da. Cenas e artimanhas de Campos de Carvalho, leitor de Jarry. *Olho d'água*. São José do Rio Preto, v. 10, n. 2, p. 30-40, jun./dez, 2018. Disponível em: <<http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/viewFile/503/448>>. Acesso em: 01 abr. 2019.

SANTIAGO, Silvano. (Org.). *Glossário de Derrida*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1976.

SCHWOB, Marcel. *Vidas imaginárias*. Trad. Duda Machado. São Paulo: Editora 34, 1997.

SIMON, Paul. The Sound of silence. In: Simon & Garfunkel: King's Road. Rio de Janeiro: Square, 1976. 1 LP. Faixa 1.

SOURIAU, Étienne. *Os diferentes modos de existência*. Trad. Walter Romero Menom Júnior. São Paulo: Editora n-1, 2020.

SOUSA, Rainer Gonçalves. "Navegar é preciso, viver não é preciso". In: *Brasil Escola*. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/navegar-preciso-viver-nao-preciso.htm>.> Acesso em: 14 de out. de 2019.

SPINOSA, Benedictus de. *Ética*. 3. ed. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

VALÉRY, Paul. *Monsieur Teste*. Trad. Cristina Murachco. São Paulo: Editora Ática, 1997.